



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS E CIÊNCIAS EXATAS
Programa de Pós-Graduação em Geografia

Tiago Vieira Cavalcante

GEOGRAFIA LITERÁRIA EM RACHEL DE QUEIROZ

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Geociências e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de Rio Claro, como requisito para obtenção do título de Doutor em Geografia.

Orientadora: Profa. Dra. Livia de Oliveira

Rio Claro - SP
2016

910.1 Cavalcante, Tiago Vieira
C376g Geografia literária em Rachel de Queiroz / Tiago Vieira
Cavalcante. - Rio Claro, 2016
176 f. : il., figs., mapas

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista,
Instituto de Geociências e Ciências Exatas
Orientadora: Livia de Oliveira

1. Geografia humana. 2. Geografia literária. 3.
Espacialidade. 4. Geograficidade. 5. Rachel de Queiroz. I.
Título.

Tiago Vieira Cavalcante

GEOGRAFIA LITERÁRIA EM RACHEL DE QUEIROZ

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Geociências e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de Rio Claro, como requisito para obtenção do título de Doutor em Geografia.

Orientadora: Profa. Dra. Livia de Oliveira

Comissão Examinadora

Livia de Oliveira
IGCE / UNESP - Rio Claro

Eduardo José Marandola Jr.
FCA / UNICAMP - Limeira

Lúcia Helena Batista Gratão
CCE / UEL - Londrina

Letícia Carolina Teixeira Pádua
FIH / UFVJM - Diamantina

João Pedro Pezzato
IB / UNESP - Rio Claro

Rio Claro - SP
2016

À Joana, amada mãe, pelo apoio desmedido e amor genuíno que nos últimos anos suavizaram minha saudade.

À Livia, (e)terna mestra e amiga, pelo saber com sabor que alimentou um sonho e o transformou em tese.

AGRADECIMENTOS

Foi com grande alegria que escrevi esta tese. Trabalho que, por intermédio das palavras de Rachel de Queiroz, me proporcionou inúmeras viagens, sem escalas ou conexões, de São Paulo ao Ceará. Meus agradecimentos são para as pessoas que, no decorrer dos últimos anos, encontrei nesses dois Estados.

DO CEARÁ... Agradeço aos meus familiares, especialmente, aos meus pais, **Joana** e **Paulo**, pelo amor e apoio incomensuráveis. À tia **Salomé**, pela atenção e suporte que propiciaram minha primeira visita a Rio Claro. Aos tios **Ana** e **José**, pelo afeto paterno. Aos meus irmãos **João**, **Estefânia** e **Aprígio** (primo-irmão), pela presença constante.

Aos amigos de toda uma vida, **Rodrigo**, **Isabela**, **Alécio**, **Sara**, **Melo**, **Gustavus**, **Ary**, **Júlio César**, **Roney** e **Fernando**, por tornarem minhas visitas à Fortaleza mais agradáveis. O mesmo posso dizer dos amigos e geógrafos, **Lizandro**, **Christian** (sempre ao lado de sua estimada esposa, **Cristina**), **Jucier**, **Arilson** e **Ivna**, que sempre arranjaram um tempinho para o (re)encontro.

À **Madalena** e **Cecília**, pela atenção e disponibilização de materiais imprescindíveis para a confecção desta tese.

Aos funcionários da Fundação de Cultura, Esporte e Turismo de Fortaleza – **FUNCET**, do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade – **ICMBio**, da Superintendência Estadual do Meio Ambiente do Estado do Ceará – **SEMACE**, da **Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel** e do **Colégio da Imaculada Conceição**, sempre dispostos a ajudar, fornecendo informações e documentos de grande importância para a elaboração deste trabalho.

DE SÃO PAULO... Agradeço, primeiramente, à Professora **Lívia de Oliveira**, orientadora, mestra e amiga, pelas lições de geografia e de vida, sempre entremeadas por perfumadas xícaras de café e deliciosas quitandas e quitutes. Já sinto uma enorme saudade das orientações, conversas, passeios; instantes enriquecedores e marcantes que fizeram de Rio Claro um lugar para mim. Aproveito para agradecer também à sua querida família, especialmente, **Edinho**, **Lúcia**, **Bruno**, **Marcelo**, **Luis Antônio**, **Meire**, **Fernanda**, **Horilís**, **Marilisa** e **Amanda**, pela acolhida sempre calorosa.

Aos membros do Grupo de Pesquisa Geografia Humanista Cultural – **GHUM** e do Grupo de Pesquisa Fenomenologia e Geografia – **NOMEAR**, **Hugo Marandola**, **Tiago** (ouro), **Priscila**, **David**, **Diana**, **Fernanda**, **Thiago** (prata), **Jeani**, **Hugo Trevizan**, **Henrique Pazetti**, **Rafael**, **Raissa**, **Henrique Moreira**, **Caê**, **Stephanie**, **Werther**, **Lúcia**, **Letícia**, **Juliana**, **Valéria**,

Virgínia e **Jaqueline**, pelas discussões, aprendizados, trocas e por terem me recebido, desde o início, com um grande sorriso.

Aos amigos cosmopolitas, **Rafael** e **Camila**, pelas discussões e momentos compartilhados que tornaram minha estada na Cidade Azul muito mais aprazível.

Ao **Ivan**, pela consideração fraterna, acadêmica e a oferta de novos desafios.

Ao **Éder**, pela ajuda na confecção dos mapas e companhia frequente por diversos locais em Rio Claro.

Aos Marchiori, **Antônio**, **Conceição** e **Cláudia**, por abrirem para mim, como se abre para um filho, a porta de suas casas.

Aos professores **João Pezzato** e **Eduardo Marandola Jr.**, pelas contribuições no Exame de Qualificação e na Defesa da Tese. Ao Eduardo também agradeço pelo convívio fraterno, recheado de ótimos momentos, que fizeram de Limeira um lugar para mim. Às professoras **Lúcia Helena** e **Leticia Pádua**, pelas valorosas contribuições e preciosas palavras com as quais me presentearam na Defesa da Tese.

Aos professores do Departamento de Geografia de Rio Claro, em particular, **Gilberto**, **Bernadete**, **Samuel** e **Fadel** (em lembrança), pelo apoio e aprendizado. Aos colegas de Pós-Graduação, em especial, às amigas **Patrícia** e **Cristina**, pelas discussões e palavras de estímulo, mas também pela partilha de angústias e anseios.

Aos funcionários da **Biblioteca** e da **Seção Técnica de Pós-Graduação**, sempre cordiais e solícitos. Agradeço também à **Rosana**, da Seção Técnica de Apoio ao Ensino, Pesquisa e Extensão – STAEPE - IGCE, pela imensa atenção que teve com as minhas inúmeras dúvidas em relação à FAPESP.

À **Ly Penteado**, pela presteza e cuidadosa revisão que fez deste trabalho.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – **FAPESP**, pelo apoio financeiro que possibilitou esta pesquisa.

Enfim, agradeço a **todos** que, de algum modo, contribuíram para a realização desta tese.

No meu entender, a Geografia tem a função primordial de capacitar o homem a encontrar a habitação do ser-no-mundo. Não importam suas variações e oscilações através dos tempos históricos. O que permanece – tal como o núcleo do átomo cercado das mais estranhas propriedades entre os constituintes e em relação à energia que o define – é o vínculo primordial, entre o homem e o lugar na terra, onde os mortais residem, junto com as ‘coisas’.

Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro
(Travessias da Crise, 1988)

Resumo

Rachel de Queiroz foi uma escritora profundamente ligada à sua terra e à sua gente. Ligação passível de ser percebida nas vivências por onde passou e também nas obras que escreveu. Diante dessa geografia que pulsa em Rachel, propomos a tese de que uma geografia primordial lhe é imanente, permeando sua vida e sua obra. A fim de desvelarmos essa geografia, apresentamos pessoas, paisagens e lugares de grande importância para a escritora; analisamos escritos que nos permitem relacionar os aspectos geográficos e telúricos que circundam a sua trajetória; e dedicamo-nos aos sete romances que Rachel escreveu, deslindando mundos que ela imaginativamente (re)criou. Geografia literária que (re)apresenta, com cores próprias e originais, a terra e a gente do Brasil, do Nordeste, do Sertão e do Ceará e revela que os destinos e as buscas dos personagens de Rachel traduzem em muito os seus próprios caminhos. Maneira de entendermos a condição humana, substancialmente geográfica, que permeia a nossa experiência.

Palavras-chave: Geografia Humanista; Geografia Literária; Espacialidade; Geograficidade; Rachel de Queiroz.

Abstract

Rachel de Queiroz was a writer deeply attached to her land and her people. It builds a connection that can be seized in the experiences she had in the places she knew and also in the literary works she wrote. In face of this geography that breathes in Rachel, we propose the thesis that a primary geography is immanent to her, applying to her life and her work. To reveal this geography, we presented people, landscapes and places of great importance to the writer; analyzed writings that allow us to relate the geographic and telluric aspects which permeate her journey; and have dedicated to the seven novels that Rachel wrote, unraveling worlds she (re)created in an imaginative way. Literary geography that (re)presents, in its own and original colors, the land and the people of Brazil, Northeast, *Sertão* and Ceará and reveals that destinations and searches of Rachel's characters translate her own paths. A way to understand the human condition, substantially geographic, that permeate our experience.

Keywords: Humanist Geography; Literary Geography; Spatiality; Geographicity; Rachel de Queiroz.

LISTA DE FIGURAS

	Página
1. Colégio da Imaculada Conceição em Fortaleza, CE.....	32
2. Diploma de professora de Rachel de Queiroz.....	33
3. Versos de Rachel na entrada do Colégio.....	35
4. Casa velha do Junco em Quixadá, CE.....	38
5. Casa de 85 portas da Fazenda Califórnia em Quixadá, CE.....	39
6. Casa sede da Fazenda Não Me Deixes em Quixadá, CE.....	40
7. Localização e imagens da Casa de Rachel de Queiroz em Fortaleza, CE.....	55
8. Localização e imagens do Monumento Natural dos Monólitos de Quixadá, CE.....	62
9 e 10. Centro Cultural e Memorial Rachel de Queiroz.....	63
11. Solicitação de Rachel para transformar parte de sua propriedade em RPPN.....	64
12. Localização e imagens da RPPN Fazenda Não Me Deixes em Quixadá, CE.....	65
13. Tipologia florestal característica do Não Me Deixes, citada por Behr.....	66
14. Pássaros citados por Rachel de Queiroz em suas crônicas.....	67
15 e 16. Capa e contracapa do Caderno de “ <i>Geographia</i> ” de Rachel de Queiroz.....	74
17 e 18. Praia de Canoa Quebrada no município de Aracati, litoral leste do Ceará.....	91
19 e 20. Bica d’água e Guaramiranga (em destaque – igreja de Lourdes).....	92
21 e 22. Bica do Ipu e Bonde de Ubajara em direção à gruta – Serra de Ibiapaba, CE.....	94
23 e 24. Vegetação típica do sertão e casa de taipa sertaneja.....	96
25 e 26. Foto de padre Cícero e Missa Campal em Juazeiro do Norte...	99
27. A natureza e a cultura do/no Ceará em Rachel de Queiroz.....	102
28. A morte do gado com a seca no sertão.....	104
29. Rezadeira de benditos.....	107
30. Cajus.....	108
31. Frutas citadas por Rachel em <i>O Nosso Ceará</i>	109
32. Utensílios da cozinha da fazenda Não Me Deixes em Quixadá, CE.	114
33. Capas das primeiras edições dos romances de Rachel de Queiroz..	120

LISTA DE SIGLAS

ABL – Academia Brasileira de Letras

FUNCET – Fundação de Cultura, Esporte e Turismo de Fortaleza

IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ICMBio – Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade

INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

RPPN – Reserva particular do Patrimônio Natural

SEMACE – Superintendência Estadual do Meio Ambiente do Estado do Ceará

SNUC – Sistema Nacional de Unidades de Conservação

UFC – Universidade Federal do Ceará

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação a Ciência e a Cultura

URCA – Universidade Regional do Cariri

SUMÁRIO

	Página
DESVELANDO... A GEOGRAFIA LITERÁRIA EM RACHEL DE QUEIROZ	12
Pelos caminhos da geografia humanista.....	14
Em direção à geografia literária.....	18
Por uma geografia literária em Rachel de Queiroz.....	23
Capítulo 1	
A GEOGRAFIA DE UM NOME: RACHEL DE QUEIROZ.	26
Geografias pessoais: Fortaleza, Quixadá e Rio de Janeiro.....	29
Como surge a escritora: convivências.....	45
Os lugares de Rachel de Queiroz: o sítio, os monólitos e a fazenda.....	52
Capítulo 2	
A GEOGRAFIA TELÚRICA EM RACHEL DE QUEIROZ	69
Os fragmentos da geografia d'outrora no Caderno de " <i>Geographia</i> ".....	73
O amor pela sua história, sua terra e seu povo em <i>O Nosso Ceará</i>	86
O sabor em <i>O Não Me Deixes: Suas Histórias e Sua Cozinha</i>	110
Capítulo 3	
A GEOGRAFIA E A IMAGINAÇÃO EM RACHEL DE QUEIROZ	118
A seca e o (des)encontro em <i>O Quinze</i>	122
A cadeia e a solidão em <i>João Miguel</i>	128
A política e a paixão em <i>Caminho de Pedras</i>	133
O colégio e a amizade em <i>As Três Marias</i>	137
O rio e a viagem em <i>Dôra, Doralina</i>	140
A Ilha e o cotidiano em <i>O Galo de Ouro</i>	145
O sertão e a mulher em <i>Memorial de Maria Moura</i>	149
REVELADA... A GEOGRAFIA LITERÁRIA EM RACHEL DE QUEIROZ	155
Habitar em trânsito, geografia em movimento.....	157
De idas e vindas, o lar é o horizonte.....	159
REFERÊNCIAS	162

DESVELANDO...

A GEOGRAFIA LITERÁRIA EM RACHEL DE QUEIROZ





O chão não se acaba – e afinal de contas só do chão precisa o homem, para sôbre êle andar enquanto vivo, e no seu seio repousar, depois de morto (QUEIROZ, 1958a, p.69).

Dialogar com o mundo que tanto amava era uma necessidade de Rachel de Queiroz, escritora intimamente ligada à sua terra e à sua gente. Ligação geográfica que lhe era subjacente e passível de ser apreendida nas vivências que teve por onde passou, mas também nos poemas, contos, peças teatrais, crônicas e romances que escreveu. O Ceará era o seu chão, lugar por onde andou enquanto viva e de onde extraiu os elementos essenciais para a construção de sua obra.

Para estudiosos da vida e da obra de Rachel, como Aragão (2012), a escritora teve suas raízes plantadas profundamente no chão que a viu nascer, pertencendo ao povo do qual se tornou emblema e reconhecendo-se como resultado de uma tradição que valorizou e tentou preservar. Talvez por isso, desde menina, Rachel precisou escrever, concretizando o mundo que a habitava (MIRANDA, 2010a). Em entrevista a Nery, a escritora assim se expressa quando perguntada de sua afinidade com a terra:

Você pensa que é dono da terra e, na realidade, a terra que é seu dono. No fundo você é uma peça incorporada naquele complexo de bichos, de plantas, de flores e aromas. É um sentimento de você pertencer a um universo material, como uma referência que é base para muito daquilo que você faz. É a partir daquele chão, daquele pedaço de terra que você herda ou conquista, que você vai começar a construir sua vida, seus laços de afetividade, fincar a âncora de sua existência neste mundo (NERY, 2002, p. 84).

O Ceará e mais especificamente Quixadá, como bem observa Barbosa (2014), são locais de grande importância para entendermos a escritora e o que ela escreveu, pois, entre os familiares, os amigos, as

fazendas, os açudes, os monólitos, em meio a tudo aquilo que constituía o seu cotidiano, Rachel edificou seu ser geográfico, o elo essencial com o seu lugar de origem e sustento para a sua imaginação literária. É dessa forte ligação com o Ceará que a escritora pondera em entrevista a Steen:

[...] Se eu não fosse eu, quem seria? Se eu não fosse do Ceará, se não fosse o Ceará, o que seria de mim? Sei lá. Não posso me imaginar ou fazer projeções ante essa sugestão insólita. O Ceará está muito ligado a mim para que eu possa me imaginar fora dele. Ou pior, sem ele (STEEN, 1981, p. 184).

Essa relação de Rachel com a sua terra e a sua gente aproxima-a do saber geográfico, tornando-a, à sua maneira, uma geógrafa... (d)escrevendo paisagens e lugares e descortinando o mundo com uma sensibilidade ímpar; afinal, “O geógrafo não tem a exclusividade do território. Outros o leem, o descrevem, o cantam, o pintam, o filmam, o tocam...” (CRAVIDÃO; MARQUES, 2000, p. 23).

Diante dessa geografia que pulsa em Rachel, propomos a tese de que uma geografia primordial lhe é imanente, permeando sua vida e sua obra. Mas como alcançar essa geografia íntima, ligada às suas vivências e experiências? E, fundamentados nela, como desvelar sua geografia literária? Foi pelos caminhos da geografia humanista em direção à geografia literária que buscamos desvelar a geografia literária em Rachel de Queiroz.

Pelos caminhos da geografia humanista

Uma das nossas preocupações, nesta hora tão confusa, é quanto o mundo tem ficado pequeno. Já não há Himalaia nem Cordilheira dos Andes, floresta africana ou amazônica, tundra ártica, mar glacial, que não tenha sido devassado, fotografado, medido e analisado por satélites, sobrevoado por linhas regulares de aviação, devassado na maioria dos seus segredos. E então, dentro desse mundo, o homem vai se sentindo cada vez mais apertado. Pouco resta a descobrir, nada mais resta a possuir, pois mesmo o que ainda não foi de todo descoberto – como a Antártida – já tem donos, muitos donos (QUEIROZ, 2010a, p. 191).

Em crônica intitulada *Tamanho do Mundo*, originalmente publicada em maio de 1982 e encontrada no livro *A Lua de Londres*, Rachel proseia a propósito da redução artificial da Terra, planeta já de todo descoberto,

conectado, mensurado, dividido, cheio de donos e que pelas lentes da ciência é visto em miniatura. Entretanto, como observa a escritora, mesmo diante dessa Terra completamente mapeada, basta nos aproximarmos do “meramente humano”, do andar, do correr, do nadar que une nossos corpos ao “corpo” terrestre, para verificar como o mundo fica imenso e sem fim: “Tudo retorna às velhas proporções e nos devolve a consciência da grandeza do planeta, indispensável à nossa humildade” (QUEIROZ, 2010a, p. 191).

Iniciamos com Rachel para arrazoarmos que é desse “meramente humano”, do mundo que se abre diante das experiências cotidianas, que trata a **geografia humanista**. Abordagem que valoriza a visão de mundo das pessoas, refletida na valorização do lugar como objeto de estudo privilegiado. Que recupera a integralidade das relações que os indivíduos mantêm com o seu espaço vivido, conhecido e imaginado, pois o homem é ser-no-mundo, e sua presença espacial, temporal e social está intrinsecamente ligada ao lugar onde ele assenta o sentido de sua existência (LÉVY, 1981; HOYAUX, 2009).

A geografia humanista, portanto, tem ampla visão do que é a pessoa humana e do que ela é capaz de fazer. Seu esforço é o de relativizar a razão, colocando ao seu lado os sentimentos, a imaginação, a percepção e outras atitudes que engrandecem o que há de humano no homem; isso porque o humanismo, subjacente a essa abordagem, diz respeito aos limites e às possibilidades do ser humano em sua totalidade: suas potencialidades, paixões, sentimentos e virtudes (TUAN, 1985; MARANDOLA, JR., 2010).

A **geografia**, nesse contexto, é, como definiu Dardel (2011), uma dimensão originária da existência humana e deve ser entendida como uma orientação do homem em relação ao mundo, antes mesmo de ser uma ciência. Mundo teórico, simbólico, prático, no qual o homem está próximo da terra, estabelecendo com ela uma relação indissociável (BESSE, 2011). Assim sendo, a geografia envolve tanto as dimensões do conhecimento como as da afetividade, exigindo uma atitude que relacione o rigor da ciência à observação pessoal e poética (HOLZER, 1992). Fazendo nossas as palavras de Besse, nesta tese pensamos a geografia enquanto “[...] freqüentação do mundo e paixão pelo mundo na sua densidade e variedade fenomenal”.

Geografia na qual o “[...] geógrafo habita o mundo ao mesmo tempo que procura compreender-lhe as estruturas e os movimentos” (BESSE, 2006, p. 82).

No domínio dessa geografia, a noção dardeliana de **geograficidade** “[...] encerra todas as respostas e experiências que temos dos ambientes no qual vivemos, antes de analisarmos e atribuírmos conceitos a essas experiências” (RELPH, 1979, p. 18). Conforme Dardel (2011), a geograficidade é a descoberta do homem como um ser essencialmente telúrico, consciente da inserção do elemento terrestre entre as dimensões fundamentais de sua existência. E, para Holzer,

A geograficidade é esta cumplicidade constante entre a Terra e o homem que se realiza na existência humana. Ela se desenrola portanto em um espaço material, uma matéria da qual não podemos em hipótese alguma nos descartar, que está sempre ligada a nós, que nos acolhe ou nos ameaça. Esta experiência é antropocêntrica, pois a matéria tem valor de utensílio, relacionando-se com um ponto de vista que torna um lugar habitável, cultivável ou navegável (HOLZER, 1992, p. 85).

Ao lado da geograficidade, da inscrição do terrestre no humano e do homem sobre a Terra, está a **historicidade**. Besse (2011, p. 121) explica que o paralelo estabelecido por Dardel entre a geograficidade e a historicidade “[...] é a expressão de uma unidade profunda do terrestre e do histórico, assunção pelo homem de seu destino”. Ainda conforme o referido filósofo, essa compreensão de história por parte de Dardel implica o reconhecimento do homem como um ser essencialmente temporal, que encontra a história, antes de reconhecê-la nas coisas, que vive a história, antes de escrevê-la. Nas palavras do próprio Dardel, em seu livro *L’Histoire, Science du Concret*:

L’historicité ne vient pas ici de l’appartenance à une histoire universelle tout d’abord imaginé comme un cadre temporel extérieur, mais nâit d’un destin qui se sait et se veut effectivement destin.

Si, de l’histoire conçue comme construction abstraite, nous revenons à une Histoire vécue comme présence concrète au monde, en *cet* instant et en *ce* lieu, on voit changer du tout au tout l’éclairage projeté sur l’être dans le Temps (DARDEL, 1946, p. 57, grifo do autor).

Para Dardel (1946; 2011), a Terra aparece como a condição de realização de toda realidade histórica, portanto, o tempo, assim como o espaço, é manifestação da presença do homem sobre a Terra. Presença que parte em direção ao mundo em memória e expectativa. Presença que, assim como em Bachelard (2007), é instante e acontece no lugar, no aqui e no agora, expressando o passado e o futuro a partir do presente que lembra e anseia, porque o presente é o único momento em que o homem vivencia a realidade.

Não podemos perder de vista que a vida e a obra de qualquer escritor e, no nosso caso, a vida e a obra de Rachel, estão impregnadas dessas geograficidades e historicidades, dessa forma circunstancial e plena de ser-no-mundo. Elas evidenciam a ligação do escritor com um espaço-tempo particular, com um contexto histórico-cultural específico, inscrito em suas vivências, lembranças e aspirações e escrito em suas obras.

Essa relação orgânica entre o espaço e o tempo pode ser vislumbrada nas mais diferentes manifestações artísticas e culturais. Isso, porque a **arte**, tal como a **ciência**, brota da relação orgânica do homem com o meio, construindo imagens do mundo que nos permitem compreender a concretude da experiência (TUAN, 1978). Construção que tem sua porção de realidade e de fantasia, provocando e sendo provocada pela imaginação (PRINCE, 1961; TUAN, 1990).

A **geografia** e a **literatura**, em particular, devem ser compreendidas como maneiras do homem (d)escrever o mundo, tornando-o inteligível, mesmo que para isso tal mundo precise ser (re)construído, (re)elaborado, (re)criado. É o que afirma Rachel em conversa com Nery (2002, p. 239): “Os artistas, no fundo, não aceitam a realidade como é, querem entendê-la, transformá-la, torná-la em algo menos aterrador”. Afinal, tanto o geógrafo como o escritor são confrontados com a necessidade de imaginar conceitos que lhes permitam pensar e, mais precisamente, traduzir a singularidade das situações comuns que iluminam a relação entre o homem e o mundo (BARON, 2011).

É diante dessa postura epistemológica e ontológica que hoje se torna possível contestar a oposição entre a ciência e a arte, tendo em vista que diálogos cada vez mais numerosos, quer de modelo, quer de método, frequentemente ligam esses dois saberes, apagando as suas fronteiras (BARTHES, 2001). Diálogos que reivindicam as antigas formas de pensar e expressar a realidade físico-humana, formas carregadas pela poesia do cotidiano (WANDERLEY, 1997).

Alguns geógrafos, em verdade, há muito procuram pensar a geografia como arte. É o caso de Meinig (1983), que vê para os geógrafos a possibilidade de uma escrita criativa sobre a Terra a partir da aproximação com as humanidades, sobretudo, com a literatura. Segundo ele, somente quando escrevermos livros e ensaios suficientemente penetrantes e poderosos na elucidação da vida, da paisagem e dos grandes temas de geografia é que vamos constituir firmes ligações com a literatura. Sem essa interação, a posição da geografia permanece subordinada e parasitária.

Diante dessa geografia existencial, da geograficidade e historicidade que lhe são inerentes e do diálogo possível entre a ciência e a arte, é que podemos escrever, com mais propriedade, uma geografia literária em Rachel de Queiroz. Para isso, é importante entendermos, antes, que é geografia literária.

Em direção à geografia literária

Eu tinha, à beira d'água, uma tora de mulungu; vestia uma camisa de banho, ou sunga, não me lembro, e, pegada àquela tora de mulungu, avançava dentro da água funda, e me imaginava em plenas vinte mil léguas submarinas, já que o açude representava um mundo de água para a criança que eu era. Ao meu tronco de mulungu eu chamava de Nautilus. Jamais contei isso a ninguém, mas eu era o capitão Nemo, eu era todo mundo, eu era uma moça que tinha esbarrado com o Nautilus, eu era uma menina salva pelo Nautilus e, tal como se eles fossem bichos do mar, tinha medo dos bichos imaginários das águas do açude (QUEIROZ; QUEIROZ, 1998, p. 93-94).

Rachel nos conta das aventuras no açude de sua infância, localizado no Junco, fazenda de sua família em Quixadá e do mundo novo que se abre para ela após a leitura que fez de *Vinte Mil Léguas Submarinas*,

livro escrito por Júlio Verne. Na imaginação da menina o açude se transforma em oceano, a tora de mulungu em submarino e os peixes em monstros marinhos. Mundo encantado, vasto, original, edificado pelo autor francês e vivido por Rachel em sonhos.

O que, de fato, Júlio Verne criou foi um “romance geográfico” que encantou e ainda encanta milhares de leitores, ampliando-lhes seus mapas mentais de nosso mundo (AMORIM FILHO, 2010). Romance que nos faz mergulhar, por meio da ciência, para fora da ciência (VIERNE, 1994). Que combina escritura e experiência, realidade e imaginação e narra as extraordinárias viagens do capitão Nemo a bordo de seu submarino, o Nautilus, pelas profundezas do oceano. É de geografias literárias como esta, geografias que ampliam os limites de nossa realidade, do mundo que nos envolve, que nos ocupamos agora.

Na França, segundo Collot (2012; 2014), a **geografia literária** surgiu no início do século XX, aplicada aos estudos que relacionavam as obras literárias aos seus lugares de origem, buscando onde foram produzidas e o que as inspirou; estudos que tendiam a confundir-se com o regionalismo literário. Nesse período, o primeiro que tentou elaborar os contornos de uma geografia literária foi o geógrafo André Ferré, autor de uma tese sobre a *Géographie de Marcel Proust* e de uma obra de síntese intitulada *Géographie Littéraire*, publicadas, respectivamente, em 1939 e 1946. Para esse geógrafo, os fatores humanos e sociais e o contexto linguístico, cultural e econômico em que as obras foram produzidas eram de grande importância; contudo, na opinião de Collot (2012, p. 22), Ferré, preocupava-se, sobretudo, “[...] em recensar os lugares em que um escritor viveu ou que conheceu e a compará-los com os que são evocados em sua obra”. Fato que não o impediu de ser considerado um dos precursores da geografia “vívica” que se desenvolveu na França a partir dos anos de 1970 (BROSSEAU, 2007).

No Brasil, o livro *Geografia Literária* do poeta, jornalista e professor de geografia Mauro Mota (1961, p. 95) evoca o termo para salientar o quanto a literatura pode ser sedutora para os geógrafos, possibilitando um

enriquecimento do seu trabalho, pois as obras literárias podem constituir-se em “[...] bibliografia de consulta no estudo de muitos fatos geográficos”. Opinião próxima à de Monbeig (1947, p. 229) que, antes dele, já afirmava que a geografia devia “[...] ser literária sem entretanto cair na literatura”, assim como a de Segismundo que interroga (1949, p. 328): “E não constituirá a literatura, a melhor auxiliar da geografia, sua iniciação lógica, desde a infância à maturidade”? Para esses geógrafos, apesar do valor atribuído à literatura, essa não se constituía como um campo de estudos para a geografia, tendo serventia apenas como complemento de seus trabalhos, sendo um documento capaz de lhes apresentar a realidade das paisagens e dos lugares que eles ainda não tinham estudado (MARANDOLA JR.; OLIVEIRA, 2009).

De acordo com Brosseau (2007), a geografia literária só ganha, realmente, fôlego com o avanço da geografia humanista a partir dos anos de 1970, quando essa multiplica os apelos em favor da literatura. Nos anos de 1980 e 1990, com a virada espacial e cultural, momento em que a dimensão geográfica passa a ser estudada por outras áreas de conhecimento, a geografia literária ganha em amplitude, pois o espaço passa a ser compreendido como uma construção social importante para a compreensão da ação humana e da produção dos fenômenos culturais (SEEMANN, 2014; ALEXANDER, 2015). Exemplo disso é o livro *Humanistic Geography and Literature*, organizado por Douglas Pocock e publicado no início dos anos de 1980, reunindo textos de geógrafos “[...] who value imaginative literature as a rich source for exploring the nature of the man-environment relationship, for which the ‘hard’ positivistic stance is inappropriate” (POCOCK, 1981, p. 7).

Em nosso país, esforços recentes, advindos tanto da geografia (MONTEIRO, 2002; MARANDOLA JR.; GRATÃO, 2010; SILVA; SILVA, 2010) como da literatura (BORGES FILHO; BARBOSA, 2009; ALVES; FEITOSA, 2010; ALVES et al, 2014), entendem essa relação como mais uma maneira de compreender a condição humana no mundo ou o modo como o espaço é vivenciado, percebido, habitado, representado e imaginado.

Esse conjunto de exemplos nos esclarece que a geografia literária é um *conceito* que compreende uma pluralidade de relações entre geografia e literatura naquilo que essas podem revelar das *espacialidades* (a maneira como são organizados os objetos espaciais em sua lógica e processo de formação – fatos históricos, ambiente físico, estruturas sociais, costumes e ideologias), mas também das *geograficidades* (os laços de cumplicidade que os homens em sua individualidade e/ou coletividade estabelecem com o ambiente – simbolismos, imaginário, sentidos, identidades, afetividades) (MARANDOLA JR.; OLIVEIRA, 2009). A primeira vê a arte, especialmente a literatura, como documento, expressão material da cultura, da sociedade e do momento histórico de um dado lugar. A segunda vê a arte literária como (re)criadora de mundos, capaz de expressar a condição geográfica dos homens em sua diversidade (JACINTO, 2015).

Ciente da amplitude que a geografia literária alcança e pensando nas diferentes formas como vêm sendo conduzidas as investigações que relacionam geografia e literatura, Collot (2012; 2014) reagrupa em três abordagens as principais tendências que animam esse campo de pesquisa: as geográficas, as geocríticas e as geopoéticas.

A **abordagem geográfica** estuda o contexto espacial em que as obras são produzidas (a geografia da literatura) ou identifica as referências geográficas a que se referem as obras (a geografia na literatura). Tal abordagem está relacionada à história literária e se fixa no espaço real, revelando estudos comumente mediados pelo mapa. Como exemplo, Collot faz referência ao trabalho de Franco Moretti, literato que entende a geografia literária tanto como o estudo do *espaço na literatura* como da *literatura no espaço*, sendo que a dominante, no primeiro caso, é ficcional e, no segundo, é o espaço real. Fazendo uso de mapas como ferramentas analíticas, Moretti alia as duas variáveis para assim elaborar uma análise espacializada de diferentes obras, o que o aproxima de uma cartografia literária.

A **abordagem geocrítica** analisa as representações e os significados do espaço no próprio texto. Trata-se menos de estudar as referências que sustentam o texto e mais as imagens e significações

produzidas por ele, conduzindo a uma valorização da relação entre os espaços reais e os imaginários, numa troca recíproca entre o mundo e a obra. Collot cita como exemplo de abordagem geocrítica os trabalhos de Bertrand Westphal, literato que evita estudar um só autor ou uma só obra. Seus trabalhos confrontam diferentes pontos de vista de uma entidade geográfica (cidade, estado, região, país etc.) a partir da obra de diferentes escritores, preferencialmente, de países e idiomas distintos, entendendo que a literatura também é responsável e participa da construção do imaginário dos lugares. Collot também cita os trabalhos de Pierre Jourde, Pierre Bayard e Jean-Pierre Richard, literatos que, de modo geral, estudam os lugares imaginários dos autores, expressões do espaço interior responsáveis pela construção de novas imagens do mundo.

Já a **abordagem geopoética** concentra-se nas relações entre a criação literária e o espaço, mas também na forma como tais são apresentados no texto (a espacialidade própria do texto). Além disso, uma geopoética implica um ponto de vista relacionado a uma nova atitude frente ao mundo, sob os planos intelectual, sensível e expressivo que dizem respeito aos fundamentos próprios da existência do homem na Terra. Os escritores Michel Deguy e Kenneth White são os precursores dessa abordagem. Para eles, a linguagem poética exprime a experiência terrestre, experiência intersubjetiva que não se reduz a uma topografia. A geopoética mais que escritura é abertura para o mundo.

Mesmo diante dessa sistematização, segundo Collot, essas abordagens não possuem limites claros e definidos e devem, quando possível, ser associadas, tendo em vista a riqueza das obras literárias e a diversidade de maneiras como elas podem ser entendidas. Da nossa parte, pensamos que tais abordagens devem estar relacionadas, possibilitando, assim, o desvelamento de diferentes, mas conexas, facetas das geografias dos autores e de suas obras.

Isso fica ainda mais claro, quando entramos em contato com os escritos de e sobre Rachel. Da vida e da obra da escritora cearense, é possível traçar percursos, conhecer lugares, apreender imagens e imaginar

mapas em que a sua geografia e a sua história se mesclam à geografia e à história de seus personagens. Maneira de conhecermos mais da vida e da obra de Rachel, mas também do contexto espaço-temporal em que viveu, constituindo, assim, a sua geografia literária.

Por uma geografia literária em Rachel de Queiroz

Comigo, mantenho vagas relações com a geografia e a topografia, e, só quando se torna indispensável, conservo o nome real dos locais por onde perambulam as minhas figuras. Ninguém vá procurar no mapa o local verdadeiro onde se situa aquela fazenda, aquele tiroteio, aquela vila ou cidade (QUEIROZ, 2004a, p. 269).

A geografia em Rachel é vivenciada, experienciada, imaginada, sonhada. Não é uma simples geografia das localizações cujas coordenadas geográficas são determinantes. Também não se reduz a uma topografia descritiva dos aspectos naturais e artificiais que ocupam certo terreno. É por isso que a fazenda, o tiroteio, a vila ou cidade, citadas pela escritora na epígrafe, muitas vezes não têm lugar no mapa. O que importa a ela é como a trama se desdobra nos lugares e a maneira como neles é expressa a perambulação humana no mundo.

Para tanto, uma **geografia literária em Rachel de Queiroz** deve considerar a indissociabilidade entre a vida e a obra da escritora, compreendendo as geografias materiais e imateriais que fundamentam e surgem dessa relação. A nosso ver, isso torna possível: (1) O desvelamento de geografias vividas, passíveis de serem apreendidas nas idas e vindas de Rachel pelo Brasil, o Nordeste, o Sertão e o Ceará. Consideração que permite conhecermos mais das paisagens e dos lugares que ela percorreu, dos familiares e amigos com os quais conviveu e que a marcaram e dos esforços que fez para valorar e preservar geografias que lhe eram tão caras; (2) A análise de alguns dos escritos menos conhecidos de Rachel, ilustrativos da geografia telúrica que viveu e (d)escreveu. Escritos que nos conduzem da infância à idade adulta da escritora, revelando a geografia que estudou quando criança, a geografia que escreveu depois de adulta e aquela que saboreou enquanto cozinheira caprichosa e; (3) A elucidação da imaginação

geográfica de Rachel, a partir da consideração de seus romances. Obras que nos possibilitam deslindar entrelaçamentos entre o vivido e o imaginado, ampliando o entendimento dos homens e mulheres que habitam os mapas e as tramas que a escritora tece, isto é, a condição humana, substancialmente geográfica, presente nas obras. Tudo isso amparado em crônicas e poemas: escritos curtos, porém densos, que nos ajudam a evidenciar a poética geográfica presente na vida e na obra da escritora cearense. Diante dessa explanação, que tem o propósito de indicar os caminhos que trilhamos, organizamos a nossa tese em três capítulos.

No primeiro capítulo, **A Geografia de um Nome: Rachel de Queiroz**: abordamos suas geografias pessoais em Fortaleza, Quixadá e Rio de Janeiro; tratamos do contexto em que sua escrita é desenvolvida para entendermos como surge a escritora, e revelamos lugares a ela relacionados que foram instituídos patrimônios histórico-culturais e/ou naturais. Pessoas, locais e lugares de grande importância para compreendermos a vida e a obra de Rachel.

No segundo capítulo, **A Geografia Telúrica em Rachel de Queiroz**: analisamos escritos em que Rachel testemunha a geografia que aprendera quando criança no Colégio da Imaculada Conceição, em Fortaleza; o amor que possuía pelo Nordeste e, especialmente, pelo Ceará e os sabores que experimentou na fazenda Não Me Deixes, em Quixadá. Escritos que nos permitem relacionar os aspectos geográficos e telúricos que permeiam a vida e a obra da escritora e nos contam a geografia, a história e a cultura do Ceará.

No terceiro capítulo, **A Geografia e a Imaginação em Rachel de Queiroz**: dedicamo-nos aos sete romances publicados pela escritora. Nele relacionamos espaços reais e situações imaginadas a partir de imagens que pensamos serem fundamentais na compreensão de cada obra. Aqui abrimos o conteúdo dos romances à liberdade do espírito, para assim (re)encontrar uma geografia interior em que espacialidades e geograficidades se integram e traçam caminhos para outros mundos.

Como desfecho desta tese, em **Revelada... A Geografia Literária em Rachel de Queiroz**, delineamos dois temas que julgamos pertinentes na apreensão geográfica da vida e da obra de Rachel e dizem respeito aos caminhos e às buscas de seus personagens, traduzindo, em muito, os seus próprios itinerários.

Esta tese, enfim, evidencia que podemos estudar o saber geográfico a partir de qualquer ponto de vista. Geografia do conhecimento, *geosofia*, como apontara Wright (2014), que se estende muito além do conhecimento científico, ao considerar as geografias que habitam as mentes e os corações de todos os tipos de pessoas... entre elas, os escritores... entre eles, Rachel de Queiroz.

CAPÍTULO 1

A GEOGRAFIA DE UM NOME: RACHEL DE QUEIROZ





Machinalmente, no meu hábito de rabiscar o que tenho à mão, eu traçara, na capa já usada de um caderno a palavra Rachel – o meu nome.

E, estupefacta, vi o R, o A, o C e demais letras tomarem, respectivamente, as formas de cabeça, tronco e membros de um corpo que, cruzando as pernas e erguendo um braço, numa gesticulação affectada, assumia a pose de um conferencista em plena atividade.

Começou a fallar, numa vozita pausada e branda, fingindo não perceber o meu pasmo ante essa extravagancia que é um nome feito gente.

– Porque motivo você me escreve por toda parte?

Mal apanha uma penna, um giz, um lapis, zaz! Risca logo as seis letras que me formam.

É um atestado de posse que lavra?

Entretanto é só temporariamente que lhe pertença; já fui e ainda serei de tanta gente!

Quero que saiba a minha história. É talvez um pouco longa, mas creio que a interessará (QUEIROZ, 1927, s.p).

Sob o pseudônimo Rita de Queluz, a jovem Rachel de Queiroz publicou em folhetim, com sete capítulos, a *História de um Nome*, narrativa que conta as aventuras do nome RACHEL, ao encarnar diferentes personagens no decorrer da História. Nome que também percorre diferentes geografias... Israel, Egito, Portugal, Brasil e mesmo batiza a personagem de um livro do escritor Joaquim Manoel de Macedo, o *Moço Loiro*, até, finalmente, nomear a própria escritora: “Eu ainda não estava restabelecida do abalo que me causara a decadência de minha heroína, quando seu pai me contractou para você” (QUEIROZ, 1927, s.p).

Cunha (2011) sugere que essa narrativa, a primeira de maior fôlego publicada por Rachel, é produto de pesquisas e de um exercício de escrita anterior, uma busca por afirmação literária em que a escritora iniciante

demonstra o conhecimento historiográfico que possui em uma trama, na qual ensaia temas característicos de sua obra, como a condição da mulher.

Para nós, a *História de um Nome* é premissa para escrevermos a *Geografia de um Nome*, narrativa geográfica fundada nas vivências de Rachel, nos locais por onde passou e nos lugares que lhe eram fundamentais, assim como na maneira como essas vivências são relevantes para compreendermos mais sobre sua obra. Por vivência, entendemos a experiência sensível que enriquece o saber, que considera a paixão na compreensão dos sujeitos e da vida social, pois é reveladora das diversas manifestações da existência cotidiana (MAFFESOLI, 1998). Em entrevista a Nery, a própria escritora elucida a importância dessas vivências para sua literatura:

Eu visualizo as cenas, o ambiente, as personagens, mas nunca escrevo sobre coisas que não conheço. A literatura é mais autêntica quando você fala daquilo que vivencia. A forma como você traduz a sua vivência é que pode dar o tom e a consistência da sua literatura (NERY, 2002, p. 82).

Assim, reconhecendo que toda história tem como base uma geografia e que, mais do que mera base, a geografia é o conhecimento das experiências das pessoas no espaço, da habitação do ser-no-mundo (MONTEIRO, 1988), apresentamos neste capítulo a geografia peculiar que reúne acontecimentos, pessoas, locais e lugares que perpassaram a vida de Rachel e são traços em sua obra.

Iniciamos pelas geografias pessoais de Rachel, revelando vivências da escritora em Fortaleza, Quixadá e Rio de Janeiro; em seguida, nos concentramos no contexto de convivências em que sua escrita é desenvolvida para assim entendermos como surgiu a escritora Rachel de Queiroz e, finalmente, apontamos para os lugares que de tão amados por ela e importantes para sua obra, foram instituídos como patrimônios histórico-culturais e/ou naturais, e hoje conservam/preservam parte da natureza e da cultura cearense.

Entendendo que o contexto biográfico do escritor é importante para apreendermos a configuração da atmosfera e da ambiência de suas obras,

privilegiamos um aporte *biográfico e existencial*, apoiado em biógrafos e críticos literários, mas também em muitos dos escritos da própria Rachel, pois como ela própria assinalou, sua obra é mais reveladora de sua vida do que os livros de memórias (NERY, 2002). Realizamos, também, trabalho de campo nos lugares que foram de grande importância para a escritora, na busca de compreender o fundamento geográfico expresso em sua obra, uma vez que não existem escritos sem raízes geográficas, expressas no envolvimento entre o escritor e a natureza que dá sentido à sua existência (LÉVY, 1992).

É importante salientar, concordando com Lévy (1997, p. 40), que este aporte biográfico e existencial “[...] s’agit de replacer l’oeuvre et les conditions de sa production dans le contexte de son existence, dans l’espace et le temps social”. Para ele, esta perspectiva estabelece “[...] un parallèle constant entre les expériences de l’espace de l’auteur (son espace de vie, ainsi que ses inférences culturelles) et l’espace représenté dans sa littérature” (LÉVY, 1987, p. 153). Ótica, segundo o referido geógrafo, que necessita de uma sólida documentação biográfica e autobiográfica sobre o escritor a ser estudado, reveladora dos momentos marcantes de sua vida, dos seus gostos, dos seus entes queridos e dos seus lugares diletos.

Geografias pessoais: Fortaleza, Quixadá e Rio de Janeiro

E eu – como me apresentaria eu, nessa enumeração das várias feições do nordestino? Bem, eu também sou filha da caatinga. Do sertão central do Quixadá, semeado pelos altos serrotes de granito, no meio dos quais a cidade se aninha. Aos 40 dias de idade já viajava a cavalo, no colo de minha mãe, amazona de 18 anos, pelas estradas do Quixadá (QUEIROZ, 1993a, p. 202).

Na relação entre geografia e literatura, a geografia pessoal pode ser entendida como uma maneira de compreender as experiências das pessoas nos lugares ou, em nosso caso, o modo como as experiências geográficas do escritor contribuem para os contornos de sua estética (MARANDOLA, 2011). Concordamos com Koestler (1992), quando este afirma que o romancista ou o poeta não cria no vácuo, pois sua visão de mundo está confinada,

conscientemente ou não, ao panorama filosófico e científico de seu tempo, panorama com o qual poderíamos relacionar o geográfico. Sendo assim, todo escritor, possui uma geografia pessoal onde sua obra é edificada. A escritora cearense Ana Miranda, em artigo que aborda a relação entre os autores e suas obras, salienta:

Às vezes a geografia pessoal é uma escolha, às vezes, uma imposição. Ter uma geografia pessoal, seja uma aldeiazinha, um vinhedo, um bairro de periferia urbana, é como dar forma ao nosso mundo, e uma maneira de não perder o passado. Ela não é o lugar onde alguém nasceu, nem o lugar onde alguém mora. Ela é o lugar que alguém ama. Aquele que mais ficou marcado em nossas vidas. E todos a temos, mesmo que ainda não revelada (MIRANDA, 2012, s.p).

A geografia pessoal de Rachel pode ser apreendida pelas vivências marcantes que a escritora teve em diferentes locais. Locais que são convertidos em lugares, na medida em que a escritora expressa o afeto que tem por eles, por marcarem sua vida em momentos especiais. Mas que locais são esses?

É importante observar que Rachel viveu em constante trânsito, pois seu pai, Daniel de Queiroz Lima, bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, trabalhou em diferentes partes do Brasil. Assim, ainda criança, Rachel morou nas cidades de Fortaleza, Quixadá, Belém, Rio de Janeiro e Guaramiranga, no Ceará. E, quando adulta e casada com José Auto, poeta e funcionário do Banco do Brasil, também morou nas cidades de Maceió, São Paulo e Itabuna, na Bahia. De todo modo, dentre as várias cidades onde viveu podemos destacar Fortaleza, Quixadá e Rio de Janeiro como aquelas que mais marcaram a sua vida e a sua obra.

Fortaleza foi onde Rachel nasceu, mais especificamente na Rua da Amélia, nº86 (atual Rua Senador Pompeu). Esse era o endereço de sua bisavó, Maria de Macedo Lima, a Miliquinha, que morou nessa casa desde seu casamento com o major Cícero Franklin, seu primo legítimo. Foi Miliquinha quem amparou Clotilde e Daniel, pais de Rachel, quando esta estava para nascer, pois, em outros tempos “[...] as mãos de uma avó experiente eram a melhor maneira de trazer um filho ao mundo” (ACIOLI, 2007, p. 15). No dia 17 de novembro de 1910, nasceu Rachel de Queiroz,

chamada pelos familiares de Rachelzinha, pois seu nome fora herdado de sua avó paterna, Rachel Alves de Lima.

A menina residiu com a família em Quixadá até os três anos de idade, voltando para Fortaleza quando seu pai foi nomeado promotor. Residiram, durante esse período, em uma casa alugada na Praça Coração de Jesus e, posteriormente, em uma chácara localizada no bairro Alagadiço, “[...] casa de imenso quintal, cheio de bananeiras, goiabeiras, cata-vento, [onde] fica hoje a Casa de Saúde São Gerardo, e a rua é a Avenida Bezerra de Menezes” (QUEIROZ, 1976, p. 59). Nesse ínterim, Daniel, seu pai, resolveu deixar o cargo de promotor. Foi até o Governador com a carta de demissão em mãos e, rapidamente, conseguiu outro emprego, como professor de Geografia no Liceu do Ceará, lá lecionando até 1915 (ACIOLI, 2007).

Tempo depois, de volta à Fortaleza e ainda no bairro Alagadiço, após uma breve estada nas cidades do Rio de Janeiro e de Belém, Rachel “[...] tinha loucura pra frequentar uma escola e ninguém deixava. Já estava com oito anos e nunca entrara numa sala de aula, a não ser uns poucos dias no Pará, na casa de uma parenta nossa, d. Julita, mas que não era bem uma escola” (QUEIROZ; QUEIROZ, 1998, p.17). Isso porque sua família era pouco devotada tanto à educação formal quanto à educação religiosa. Tal situação só foi atendida quando Rachel passou a frequentar a escola de Dona Maria José a pedido de sua mãe, Clotilde. Sobre esse período ela expõe: “Lembro-me muito de d. Maria José: a palmatória, a tabuada dos sábados, as lições de geografia” (QUEIROZ; QUEIROZ, 1998, p.17).

Somente aos dez anos de idade ela foi matriculada no **Colégio da Imaculada Conceição** por insistência de sua avó paterna, que não se conformava de a neta ainda não ter recebido uma educação religiosa (CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA, 1997). O colégio existe desde 1865 e é dirigido por freiras da Congregação São Vicente de Paulo. Inicialmente, tinha como princípio a caridade, abrigando e educando meninas órfãs, mas depois ampliou seu campo de ação e clientela (MENDES, 2012), tendo, por isso, que ser transferido, no ano de 1867, para o prédio hoje localizado na Avenida Santos Dumont nº55 (Figura 01).



Figura 01: Colégio da Imaculada Conceição em Fortaleza, CE.
Fonte: CAVALCANTE, T. V., dezembro de 2013.

No exame de admissão para ingressar no Colégio da Imaculada Conceição e saber em qual classe estudaria, Rachel revelou grandes conhecimentos de Geografia aprendidos, principalmente, pelas páginas literárias (CUNHA, 2010). Nessa ocasião, segundo Cunha & Figueiredo (2010, p.334), “[...] uma irmã indagou-a como poderia fazer para dar a volta ao mundo. A menina esnobou, respondendo se ela gostaria de ir pelo Estreito de Magalhães ou pelo Canal do Panamá”. Acioli, também destaca algumas curiosidades desse instante:

A partir disso, o exame transformou-se em uma deliciosa viagem da menina de dez anos com sua professora. Escolheram começar a volta ao mundo pelo Cabo Horn, por sugestão de Rachel. Assim evitariam tempestades e ainda poderiam apanhar pérolas nos mares das ilhas do Sul (ACIOLI, 2007, p. 37).

O fato é que Rachel possuía conhecimentos de geografia e história, mas foi um fiasco no restante do exame, quando teve que mostrar o que sabia de matemática, gramática, ciências e catecismo:

[...] eu não sabia tabuada, nem conta de multiplicar, quanto mais dividir e frações! Não sabia catecismo, nem ciências, não distinguia um advérbio de um adjetivo, só conjugava verbos “de ouvido”, não tinha a menor noção do que fosse análise gramatical, pior ainda, análise lógica (QUEIROZ, 2010b, p. 57-58).

Contudo, a freira Maria de Ascensão Simas, a irmã Apolline, que gostara muito de Rachel, usou de sua autoridade de vice-diretora do colégio para que ela permanecesse na segunda classe, que era a penúltima, pois se concluía o curso na primeira classe (QUEIROZ, 2010b). Em 1925, com quinze anos de idade, Rachel saía com o diploma de professora primária, normalista (Figura 02).

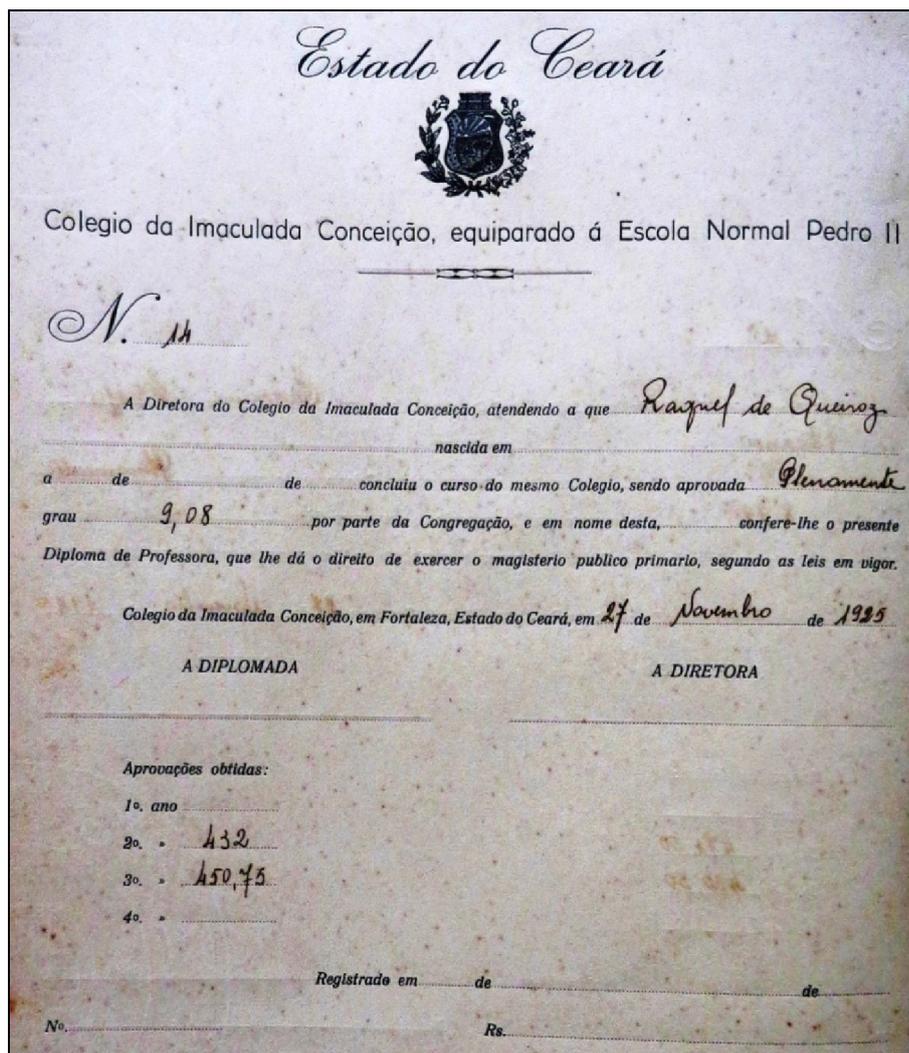


Figura 02: Diploma de professora de Rachel de Queiroz.
Fonte: Arquivo do Colégio da Imaculada Conceição, janeiro de 2014.

No ano de 1965, o Colégio da Imaculada Conceição completou cem anos e seus dirigentes organizaram um livro, *Colégio da Imaculada Conceição: do Gênese ao Apocalipse*, para celebrar a data. Nesse tempo, Rachel era uma escritora consagrada e, como uma ilustre ex-aluna, escreveu sobre os espaços, as pessoas e os instantes que marcaram sua vida naquele local que ela carinhosamente chamava de *Santa Gaiola*. No capítulo

denominado *Livro de Rachel*, em alusão aos livros que compõem a *Bíblia Sagrada*, lemos:

Nossa Santa Gaiola, agora centenária. Tentei captá-lo num livro [As Três Marias], mas não consegui. Como lhe apanhar a essência íntima, aquele perfume de convento e jardim, de mocidade e clausura, de arrebatamento e misticismo? Lá nos moldaram a alma. Por mais que o mundo, depois, nos batesse e arrastasse, nos seduzisse e açoitasse – o velho molde ficou, irreduzível. É uma espécie de irmandade que nos identifica a todas e que reconhecemos imediatamente, seja qual for o tempo e a distância, como um sinal maçônico.

[...]

A sala de costura e os bordados de seda matizada, para a exposição do fim do ano. Sexta-feira era dia de bacalhau – e sabem que ainda hoje tento reconstituir o molho de azeite e vinagre que nos serviam junto – mas nunca o consegui. Jardins fechados, onde pela primeira vez na vida colhi lírios gêmeos, plantados por minha mão. As rezas em francês, “Oh Marie conçue sans péché!”; e os dias de boletim, quando o colégio inteiro se reunia na sala do catecismo, e a Irmã Superiora nos estropiava invariavelmente os nomes; mas era tal o respeito que inspirava, que nós não ousávamos sequer sorrir. “Angélique Elerrí Barèrel!” Era minha amiga Angélica Barreira. “Estelá Pitá!” A mim me chamava “Raxel” e eu surnuosamente passei a me assinar Rakel, com k.

[...]

havia os recreios ruidosos; e os passeios em dias de feriado, que as internas adoravam – não sei por que. Aquela longa fila de meninas, de uniforme azul e meias pretas; íamos sempre a algum lugar deserto, sempre a pé. Só uma vez, num inesquecível passeio à praia, Irmã Angela deixou que tirássemos os sapatos e puséssemos os pés nus na areia úmida. Ah, a louca sensação de liberdade, quase de pecado!

[...]

O jardim da irmã Jeanne, onde conheci boninas, lembrando Inês de Castro: “Assim como a bonina que cortada...” E a rouparia que cheirava a goma e manjeriço. Os chuveiros onde, mesmo nos cubículos fechados, tomávamos banho em camisola de brim, para não ofender a modéstia (QUEIROZ, 1999, p. 163-164).

Vale dizer que essa foi a única educação formal que teve. De todo modo, Rachel guardou importantes recordações do período em que estudou no colégio; lembranças dos tempos de mocidade... amizades e descobertas. Ainda hoje podemos notar a “presença” da escritora no colégio. O notório carinho que tinha por essa casa pode ser visto logo que chegamos à sua porta, em um quadro (Figura 03), em versos que recebem o visitante.



Figura 03: Versos de Rachel na entrada do Colégio.
 Fonte: CAVALCANTE, T. V., dezembro de 2013.

Em 1927, Daniel, seu pai, comprou o **sítio do Pici** – nome proveniente de um riacho que existiu (e ainda resiste) no perímetro do sítio (hoje uma casa com amplo quintal) e cujo nome era grafado Picy: “Tinha açude, pomar, baixio de cana, num vale fresco e ventilado, para os lados da lagoa de Parangaba. Só que nesse tempo se dizia Porangaba, tal como fala José de Alencar em *Iracema*” (QUEIROZ; QUEIROZ, 1998, p. 77). O sítio era distante cerca de quatro quilômetros da Avenida João Pessoa, importante via que levava ao centro de Fortaleza. Lá podiam pegar um trem suburbano, caso precisassem ir ao centro da cidade. Nesse local, como a própria Rachel revelou, teve início para a família um período muito feliz.

A casa precisava ser reformada, mas à medida que as paredes foram derrubadas, a estrutura toda ruiu. O jeito foi construírem uma nova casa que contou com o auxílio e os cálculos de Rachel para a construção:

Fizemos então a nova casa, enorme, um vaticano, salas largas, rodeada de alpendres, como nós gostávamos. Foi lá que escrevi *O Quinze*. Muito perseguida, pois minha mãe me obrigava a dormir cedo – “essa menina acaba tísica!” –; quando todos se recolhiam, eu me deitava de bruços no soalho da sala, junto ao farol de querosene que dormia aceso (ainda não chegara lá a eletricidade), e assim, em cadernos de colegial, a lápis, escrevi o livrinho todo (QUEIROZ; QUEIROZ, 1998, p. 78).

No Pici, Rachel gostava de armar sua rede nas grandes mangueiras do pomar e passava as tardes lendo. À noite formavam uma pequena “orquestra” com o professor de violão, Litrê, a filha dele, Altair e um menino chamado Perose. Nas noites de lua, chegavam uns moços de Porangaba para fazer-lhes serenata e como na época a moda era o tango, cantavam *Mi noche triste* (QUEIROZ, 1995a).

Nesse ambiente, em consequência da proximidade do sítio de Fortaleza, Rachel começou a frequentar a roda dos literatos da cidade, liderada por Antônio Sales (romancista e poeta cearense), sendo ela a única mulher que frequentava os cafês da Praça do Ferreira, o que era um escândalo para a sociedade da época.

Também no ano 1927, Rachel se iniciava na literatura escrevendo as primeiras crônicas no jornal *O Ceará*, ofício que conseguiu quando, com o pseudônimo Rita de Queluz, publicou uma carta satirizando o concurso “Rainha dos Estudantes” – concurso o qual, ironicamente, ela também ganhou, três anos depois, quando professora substituta de História no Colégio da Imaculada Conceição (LIRA, 2003).

Em meio às especulações de quem teria escrito a carta, Jader de Carvalho, poeta, jornalista e parente distante da família, foi um dos primeiros a fazer a constatação de que havia sido Rachel: “Isso é coisa de Rachelzinha, filha de Daniel. Sei muito quem é, só pode ser ela” (QUEIROZ; QUEIROZ, 1998, p. 26). Diante de fato tão comentado, Rachel recebeu um convite para ser colaboradora efetiva no jornal *O Ceará*, no qual ficou responsável pela página literária. Foi também nesse jornal que publicou a sua primeira tentativa de romance, a citada *A História de um Nome*.

Rachel, portanto, foi jornalista antes mesmo de ser romancista, profissão que fazia questão de reivindicar e que influenciou sobremaneira seus romances, no que a própria escritora evidencia: “Os meus romances é que foram maneiras de eu exercitar meu ofício, o jornalismo” (CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA, 1997, p. 33).

Entretanto, apesar de ter nascido em Fortaleza, foi em **Quixadá** que Rachel plantou definitivamente suas raízes afetivas (ACIOLI, 2007). Isso, porque ainda pequena, com apenas 45 dias de vida, a menina mudou-se com seus pais para uma das propriedades da família, a fazenda do Junco.

Quixadá está localizado a cerca de 160 quilômetros de Fortaleza, no sertão central cearense. Nesse município, havia várias fazendas da família Queiroz (Junco, Califórnia, Arizona, Biscaia, Não Me Deixes, Manaus, Umari, entre outras), mas as lembranças mais fortes de Rachel são conduzidas, especialmente, às experiências que teve no Junco, Califórnia e Não Me Deixes. Junco e Não Me Deixes são, ainda hoje, fazendas da família Queiroz e ficam a cerca de 20 quilômetros da sede do município de Quixadá. Já a fazenda Califórnia foi desapropriada pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA, tornando-se um assentamento rural, hoje distrito Califórnia.

A família Queiroz era de uma elite rural, cuja atividade econômica principal tinha base na lavoura e na pecuária. Criavam gado e plantavam algodão, milho, feijão e mandioca, entre outras culturas. A fazenda do **Junco** tinha cerca de três mil hectares (CARVALHO, 2010). Mesmo diante de todo esse tamanho, segundo Rachel, “[...] as nossas fazendas sempre foram pobres, fazendas de gado, nunca tivemos aquela fartura das fazendas baianas ou pernambucanas, onde o senhor de engenho era uma personalidade” (CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA, 1997, p. 28). A partir do relato de Rachel, em suas lembranças, podemos conhecer um pouco mais da geografia do Junco:

O Junco é, ou foi, uma fazenda à velha moda do Nordeste (embora hoje já muito alterada e dividida), com matas de caatinga subindo e descendo por cabeços cobertos de pedregulho, vastos campestres de capim-panasco, coroas férteis de riacho, lagoas que secam no verão (tudo, aliás, ali, seca no verão). Tudo seca, menos o açude.

À direita da casa grande – a casa velha – se estende o prato de água que, dantes, era a única fonte de vida dos homens, dos bichos e das plantas. (Hoje lá existe um açude novo, maior e talvez mais bonito do que o velho.) Mas aquele, o ‘meu açude’, foi feito por mão de escravos. A terra subia à barragem arrastada em couros puxados por bois, ou em padiola, pelas mãos dos negros. Fez-se parede devagarinho, em anos. Antes aquilo era uma lagoa, alimentada por sete riachos, que só correm no inverno.

[...]

A casa velha do Junco é toda de taipa, com o madeirame de aroeira, o envaramento amarrado com tiras de couro cru. Tem quase duzentos anos de idade e ainda é a mesma, tirando um quarto a mais, um corredor a menos, faz pouca diferença de como a deixou o seu construtor e primeiro dono, o velho Miguel Francisco de Queiroz, nosso tio-bisavô. Casa-grande sem senzala, que lá temos dessas anomalias (QUEIROZ; QUEIROZ, 1998, p. 175-177).

No Junco (Figura 04), Rachel, teve uma infância recheada de histórias e aventuras, de experiências que alimentaram a sua imaginação de escritora. Cantadores, danças, como o bumba-meu-boi, vaqueiros e vaquejadas, comidas e bebidas típicas; todas essas peculiaridades faziam parte do cotidiano do pátio da fazenda. Rachel também convivia com parentes e agregados os mais diversos que inspiraram mais tarde muitos dos personagens que apareceriam em suas histórias (ACIOLI, 2007).



Figura 04: Casa velha do Junco em Quixadá, CE.
Fonte: <http://familiaqueirozbarreira.blogspot.com.br>

Califórnia era a fazenda da família comandada por Rachel Alves de Lima, avó paterna da escritora. Fazenda com casa enorme, famosa por suas 85 portas. De lá Rachel traz lembranças da cozinha de sua avó e de histórias em torno das riquezas da fazenda. Do nome que batiza a fazenda, a escritora conta o seguinte:

Tio Miguel terminava o grande açude, abria a rua, levantava a escola e a igreja, quando um primo (marido da famosa d. Libânia, minha personagem em *O Quinze*, com o nome de d. Maroca das Aroeiras), Dadá, estava também situando a fazenda dele, a Flora, e havia grande ciúme entre os dois fazendeiros.

Nesse tempo, meados do século passado, eram descobertas as famosas minas da Califórnia, nos Estados Unidos, muito faladas nos jornais, cujas riquezas espantavam o mundo. Então o coronel Dadá mandou um recado para o velho Miguel: “Como vai o seu Miguel com a sua Califórnia?” E o tio Miguel respondeu: “Diga ao Dadá que muito obrigado. Eu estava precisando de um nome para a fazenda e agora já tenho: São Francisco da Califórnia” (QUEIROZ; QUEIROZ, 1998, p. 171).

Rachel tinha a fazenda Califórnia (Figura 05) como o centro do seu mundo, pois era lá onde se reuniam, em torno de sua avó paterna, filhos, genros, noras e netos. Na fazenda, passavam as férias ao som de piano ou gramofone, de cavalgadas, novenas e namoros. Com a morte de sua avó, aos poucos, a fazenda foi sendo esquecida. Logo começaram a escavar a casa velha, atrás de botija de ouro com que alguém tinha sonhado, ocasionando a derrubada do casarão de taipa (QUEIROZ; QUEIROZ, 1998). Hoje, vale lembrar, o que era a fazenda tornou-se um dos distritos do município de Quixadá, o distrito Califórnia.



Figura 05: Casa de 85 portas da Fazenda Califórnia em Quixadá, CE.
Fonte: <http://familiaqueirozbarreira.blogspot.com.br>

Ainda menina, um episódio marcaria sua vida e estabeleceria, definitivamente, sua (e)terna ligação com Quixadá. Certo dia, nos idos de 1920, seu pai, Daniel, mandou selar o seu cavalo, “Kaiser”, e o alazão da pequena Rachel, então com dez anos de idade. Fizeram um passeio até o Não Me Deixes, quando ele lhe falou: “Vou levá-la a um lugar onde você vai situar a sua fazenda”. Rachel então disse: “Você vai me dar esta fazenda? Pois vou fazer minha casa aqui”. E Daniel aconselhou-a que fizesse a casa perto do açude, próximo a um bosque de angicos. Disse para que fosse construída virada para o nascente com o curral distante, pois assim não atrairia moscas

e a água suja de estrume não correria para o açude (QUEIROZ; QUEIROZ, 1998; MONTENEGRO, 2010).

A fazenda **Não Me Deixes** já possuía esse nome antes de Rachel deixá-la conhecida mundo afora. Quem deu o nome foi Miguel, seu tio-bisavô, que comprou a fazenda e colocou um sobrinho para morar nela. Este sobrinho, que tinha o sonho da borracha no Amazonas, acabou vendendo a fazenda e mudou-se para lá. Sabendo disso, Miguel comprou a fazenda de volta do comprador. Oito anos se passaram e o sobrinho voltou doente e sem dinheiro; Miguel, então, legou-lhe o mesmo pedaço de terra, mas sob a condição de não mais sair de lá. A partir de então, a fazenda passou a se chamar Não Me Deixes (FONTES, 2012). De acordo com Aguiar (2010, p. 109), o nome da fazenda, “[...] traduz um apelo de seus antepassados para a família jamais abandonar ou vender aquela aprazível propriedade encravada em pleno sertão cearense”.

Depois da morte de seu pai, em 1948, Rachel não abriu mão do Não Me Deixes. Dizia que aquele pedaço de terra seria seu, o que aconteceu quando sua mãe morreu em 1953 e a fazenda foi desmembrada do Junco, sendo repassada para Rachel. Em 1954, casada com o médico goiano Oyama de Macêdo e morando no Rio de Janeiro, começaram a construção da casa (Figura 06) que lembra, tanto quanto o possível, a casa velha do Junco.



Figura 06: Casa sede da Fazenda Não Me Deixes em Quixadá, CE.
Fonte: CAVALCANTE, T. V., janeiro de 2014.

Com a ajuda do irmão Roberto, do marido Oyama e do mestre João Miguel, Rachel aos poucos foi construindo a tão sonhada casa, “[...] uma casa de lembrança-sonho, perdida na sombra de um além do passado verdadeiro” (BACHELARD, 2008, p. 34). Roberto emprestou-lhes um jipe – um *Land Rover* inglês – que ajudou nos deslocamentos que faziam do Junco até o Não Me Deixes. Oyama não entendia nada de construção, mas Rachel parecia ter também algum talento para esse tipo de obra. Quando quis fazer o telhado de tacaniça, de quatro águas, igual ao do Junco, e o mestre não entendia muito bem suas explicações, pegou uma porção de varinhas, raspou-as e armou um telhado em miniatura. Com exceção das telhas e de algumas ferragens, toda a casa do Não Me Deixes foi feita com recursos provenientes da mata local.

No fim da obra fizeram a tradicional festa da cumeeira, com potes de aluá, cocadas, bolos de milho e outras iguarias sertanejas. Um tocador também foi contratado e a dança entrou por toda a madrugada (QUEIROZ; QUEIROZ, 1998; FONTES, 2012).

Oyama, aos poucos, foi incorporando as atitudes do pai de Rachel. Acompanhava os caboclos no mato, conversava com eles à noite, deitado na rede do alpendre e só quando iam embora é que ele entrava para tomar o seu vinho, reassumindo o antigo Oyama.

Rachel e Oyama sempre iam ao Não Me Deixes em estadias inverniais. Somente quando Oyama faleceu, em 1982, Rachel diminuiu suas visitas, mas, mesmo assim, sem deixar de ir para sua terra sempre que possível.

A construção da casa no Não Me Deixes nos remete à Heidegger (2008), a construção que, segundo o filósofo, já é em si mesmo um habitar, um “de-morar-se”, pois era naquela casa que Rachel se sentia plena, estando junto de sua terra e de sua gente. A fazenda fazia com que ela (re)lembrasse de todas as experiências que outrora tivera ao lado do povo e da paisagem do sertão cearense. Fazendo uso de alguns termos de Bachelard (2003; 2008), podemos dizer que o Não Me Deixes era sua “casa onírica”, seu “canto no mundo”, onde a escritora (re)encontrava as lembranças do que tivera quando

jovem nas fazendas Junco e Califórnia. Assim, ela (re)tornava à casa dos seus sonhos, aquela que a fazia se sentir feliz. Quando perguntada por Aires (1978) o que ia fazer no Sertão, invariavelmente Rachel respondia: “ser feliz”.

Mas foi no **Rio de Janeiro** que Rachel viveu até o fim de sua vida. Ela conhecia a cidade desde criança quando, com cerca de seis anos de idade, sua família se mudou para lá, pois seu pai, Daniel, iria trabalhar como advogado com o seu tio, Eusébio de Queiroz. Desse tempo, o que mais a marcou foi a viagem de navio que a levou até a então capital federal. Em especial, o momento em que passavam entre Sergipe e Alagoas e o comandante do navio, Nestor de Noronha, chamou a menina para mostrar-lhe o rio São Francisco (ACIOLI, 2007).

Em 1939, Rachel mudou-se definitivamente para o Rio de Janeiro e estabeleceu a base para a sua profissão de escritora; local onde também conheceria, posteriormente, por intermédio de seu primo e escritor, Pedro Nava, o médico Oyama de Macêdo, seu segundo marido e o grande amor de sua vida (QUEIROZ; QUEIROZ, 1998).

Na cidade, frequentou, entre outros locais, a Livraria José Olympio, local dileto de encontro de vários escritores, como José Lins do Rego, Graciliano Ramos e Carlos Drummond de Andrade, entre outros. Ao chegar ao Rio, com 29 anos, Rachel logo se juntou ao grupo; comparecia diariamente à loja da Rua do Ouvidor, integrando-se à conversa dos homens, até mesmo trocando piadas picantes. Com toda essa convivência, as visitas ilustres e as conversas acaloradas, José Olympio passou a chamar sua livraria de “a Casa” e o poeta Drummond definiu o que tinha nela de tão diferente: “tinha alma” (FONTES, 2012).

No Rio de Janeiro, Rachel morou também em diferentes locais, até quando, em 1944 decidiu com Oyama morar na **Ilha do Governador**. Podemos ler em *Diálogo das Grandezas da Ilha do Governador*, crônica de maio de 1944, publicada em seu livro *A Donzela e a Moura Torta*, as impressões da escritora sobre a Ilha:

E afinal se avista a ilha.

Primeiro é uma língua de terra, um esboço fugidio, saindo da bruma matinal. Olha, ali vai ser a ponte! Mas nós nos recusamos a pensar na ponte; o nosso coração de insulares não deseja promiscuidades com o continente. Quer mesmo é o esplêndido isolamento.

Surge o trapiche. Ah, era assim mesmo que eu sonhava um trapiche, igual à “ponte velha” da minha terra, de vigas negras encaroçadas de mariscos.

E então, saltando na praia da Ribeira, entre meninos que vendem camarão e senhoras gordas e funcionários que iniciam uma desadorada maratona cuja meta é o bonde, nós afinal tomamos posse da ilha (QUEIROZ, 1994a, p. 117).

A Ilha, para o casal, era um refúgio; seu isolamento trazia a tranquilidade necessária para a moradia a dois, para o casamento. A última barca da Cantareira partia às nove da noite da cidade para a Ilha; depois disso, estavam encastelados, livres de visitas, turistas e cobradores.

Oyama e Rachel viveram na Ilha até 1965, quando nasceu Flávio, o primeiro filho de Maria Luíza, sua irmã, o qual Rachel e Oyama “tomaram” como neto. A Ilha já não era o mesmo local que antes chamara a atenção do casal. A ponte que ligaria a Ilha ao continente há muito havia sido inaugurada (em 1949), decretando a morte da Ilha como ilha. Os bondes deixaram de circular e as barcas tornaram-se mais esparsas. Por trás dos muros do Galeão foi preparada toda a área que receberia o Aeroporto Internacional (inaugurado em 1952). Diante disso, o casal mudou-se para a Rua Cândido Mendes, na Glória, no edifício onde funcionava a embaixada Suíça (FONTES, 2012).

Na história e, por que não dizer, na geografia pessoal de Rachel de Queiroz, sua morada na **Glória** (re)lembra seus tempos de grande interesse pela política. Nos idos de 1960, Rachel declarava “aos quatro ventos” seu horror pelo que fora o getulismo e pelos políticos que para ela eram herdeiros daquele período: João Goulart (Jango) e Leonel Brizola. Seu apartamento na Glória serviu como ponto de encontro daqueles que, assim como ela, conspiravam a favor do que viria a ser o golpe de 1964. Em entrevista a Nery (2002), Rachel expôs como era feita a conspiração e esclareceu alguns de seus posicionamentos:

[...] Nós nos reuníamos aqui em casa para discutir a situação do Brasil. O Adonias Filho, por exemplo, vinha muito aqui, trazia alguns amigos seus generais que não se conformavam com o Brasil nas mãos de Jango (p. 214).

[...]

Combinavam as coisas. Quem falaria com quem, como fariam etc. tudo foi feito com a maior discrição. Eles vinham à minha casa (um ou outro fardado) porque ela ficava no prédio da Embaixada Suíça, um local bastante protegido (p. 215).

[...]

Eu tinha sido solidária à revolução de 1964 e ao governo de Castelo Branco. Mas depois, quando o grupo do Costa e Silva apertou as coisas e veio o AI-5, me afastei completamente. Eu e Oyama éramos amigos do Castelo, recebemos a eleição do Costa e Silva como uma deposição do Castelo. Nós não tivemos nada a ver com o que veio depois, com os excessos da linha dura. Não era aquilo que defendíamos e queríamos para o Brasil (p. 218).

Comunista no início da carreira, trotskista durante o Estado Novo e liberal de esquerda, como Rachel se definia, durante o apoio ao Regime Militar iniciado em 1964, foi, principalmente, sua última postura e o fato de ser a primeira mulher a ser eleita na Academia Brasileira de Letras – ABL que fez da sua candidatura um pequeno alvoroço.

A eleição da academia aconteceu no dia 4 de agosto de 1977. Foram 23 votos a favor, contra 15 recebidos por seu opositor, o jurista Pontes de Miranda, além de um voto em branco. No dia 4 de novembro do mesmo ano, a escritora tomava posse na cadeira de número 5, cujos predecessores foram Raimundo Correia (seu poeta dileto quando menina), Oswaldo Cruz, Aluísio de Castro e Cândido Mota Filho. Cadeira cujo patrono fora Bernardo Guimarães. Logo, ela se tornou frequentadora assídua do *Petit Trianon*, sede da ABL, dos chás todas as quintas-feiras às três da tarde, antes das sessões em que os acadêmicos discutiam seus mais recentes escritos (ACIOLI, 2007; CARVALHO, 2010; FONTES, 2012).

A última morada de Rachel no Rio de Janeiro foi em um apartamento no **Leblon**, no edifício denominado Rachel de Queiroz. É Heloisa Buarque de Hollanda que nos traz impressões mais detalhadas do peculiar apartamento:

Ao entrar no amplo salão da casa da escritora, um primeiro estranhamento: onde estará o sofá? Não, não há um sofá estofado na casa de Rachel. Um rápido lançar de olhos me leva, novamente, para paisagens distantes. Aquela sala de estar, ampla, bem decorada com móveis brasileiros valiosos, objetos antigos e algumas plantas, é, na realidade, uma sala de fazenda. Eu acabara de entrar em território cearense (HOLLANDA, 1997, p. 105).

Mesmo no Rio de Janeiro, Rachel conservava em seu apartamento um ambiente que a levava para o Ceará. Isso não se revelava somente no seu lar; aparecia também em suas obras, no imaginário que desvendava as pessoas, instantes e paisagens desse lugar.

Em conversa com Lira (2003, p. 119), a escritora confessou: “Nunca saí daí. Vivo no Rio de Janeiro porque é o jeito, tenho que ganhar a vida. Mas, sempre que posso vou aí. Ganho dinheiro aqui no Rio para gastar no Ceará, terra que eu adoro”. Aos 92 anos, no dia 04 de novembro de 2003, em seu apartamento no Leblon, Rachel de Queiroz faleceu deitada em sua rede, hábito que ela trouxera de sua terra como forma de proclamar que, mesmo não estando lá, de lá jamais partira.

Como surge a escritora: convivências

Mas é provável também que se eu nunca tivesse saído da minha aldeia, eu faria, de qualquer maneira, o livrinho da minha aldeia (CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA, 1997, p. 25).

Como surgem os escritores? Como são pensadas as tramas que perfazem suas criações? O que alimenta a imaginação desses artistas?

Os escritores oferecem suas visões de mundo dos lugares que vivenciam; faces da paisagem em que, cotidianamente, não reparamos. Narram a condição humana no mundo, da relação entre o homem e a Terra. Sensíveis àquilo que se passa ao seu redor, à paisagem na qual estão inseridos, delineiam novas maneiras de olhar, (re)inventam geografias. O alimento dos escritores é o seu mundo particular, mas também os acontecimentos diversos que marcam o planeta. Como salienta Todorov (2010, p. 91), “[...] o escritor é aquele que observa e compreende o mundo em

que vive antes de encarnar esse conhecimento em histórias, personagens, encenações, imagens e sons”.

Ao compreender mais da vida de Rachel, suas vivências, agora marcadamente literárias, entenderemos como, aos poucos, ela foi se tornando uma escritora. Além do contexto histórico e geográfico, os familiares e amigos também foram de grande importância para que a menina sertaneja se tornasse uma escritora reconhecida e são fundamentais para entendermos suas escolhas, opiniões e obras, afinal “[...] viver é conviver” (CAPALBO, 2008, p. 142). Como afirma Montenegro, ao analisar a formação literária de Rachel:

Não existe receita única para se fazer um escritor, óbvio. Mas juntar os elos – família, espaço, convívio com a literatura – parece a tendência mais simples, de resultado, porém incerto. A “fórmula” carece de uma química específica, intangível e secreta. Não se pode nomeá-la, mas é bem fácil reconhecê-la. Desde a infância de uma pessoa, a Grande Narração se constrói, injetando a cada dia um pouco do que, no futuro, lhe será de proveito (MONTENEGRO, 2010, p. 45).

Nascida em um ambiente onde se respirava literatura, a **família** de Rachel, em especial Daniel e Clotilde, foram figuras muito importantes na sua formação. Eram intelectuais de um abrangente gosto literário, cientes dos acontecimentos que marcavam o seu tempo. Segundo Rachel, em entrevista concedida a Steen:

A nossa casa era um lugar onde todos liam muito. Liam todo o tempo. As minhas tias velhas censuravam minha mãe porque “vivia de romance na mão”. Ainda hoje, na fazenda, a biblioteca deixada por minha mãe enche estantes e estantes e dá um trabalho danado à minha cunhada, pois o meu irmão mais velho [Roberto] é que ficou com a fazenda, o Junco. Criei-me ouvindo discussões sobre literatura, os partidários do Eça e os remanescentes românticos que às vezes se apoderavam de meu pai, grande amor de Gonçalves Dias e de Castro Alves (STEEN, 1981, p. 181).

Como já dito, os pais de Rachel não eram afeitos à educação formal. De acordo com Fontes (2012, p. 35), Daniel dizia: “Não vai pro colégio coisa alguma, vamos embora pra fazenda. Você pega um papelzinho assinado e vamos embora que você vai aprender outras coisas”. Ainda segundo a autora:

Na fazenda do Junco, todas as noites a cena se repetia. Enquanto dr. Daniel estava na rede do alpendre, fumando seu cigarro, os caboclos iam chegando para conversar. Eram histórias de céu, da seca, de bichos e homens da terra, de suas crendices e superstições, contadas na língua singela do sertanejo. Deitada em outra rede, Rachel deixava-se embalar pela voz firme e aveludada do pai a falar sobre guerras, reis de Portugal e França, pequenas lições de história e geografia que a menina ia observando (FONTES, 2012, p. 36).

Nessa fazenda, Daniel ensinou Rachel a nadar, andar a cavalo, a ler. Com cinco anos de idade, sob sua orientação, ela leu *Ubirajara*, romance de seu primo José de Alencar. Mesmo sem entender bem a história, foi aí que começou a paixão de Rachel pela literatura (ACIOLI, 2007).

Mas era Clotilde, a sua mãe, que possuía um gosto literário mais refinado. Importava livros do exterior, recebendo livros franceses, e se interessava muito pelo que acontecia no mundo literário. Por intermédio dela, Rachel leu *A Cidade e as Serras*, de Eça de Queiroz, em substituição ao livro *Le Baiser au Clair de Lune*, de Guy de Chantepleure, que sua mãe ajuizava tratar demais de sexo (ACIOLI, 2007). Leu também Balzac, Zola, Dostoievski, Tolstoi, Machado de Assis, Aloísio de Azevedo, autores que chegaram cedo às mãos da menina: “Todos os livros que comecei a ler foi por indicação de mamãe. Ela punha os livros nas minhas mãos. A influência literária, devo à minha mãe” (NERY, 2002, p. 41).

Sua avó paterna, Rachel, também marcou a escritora, dando a ela o gosto de antigos autores como Camilo, Garrett, Alexandre Herculano (STEEN, 1981). Mandava as netas lerem “romances de moças” enquanto fazia considerações a respeito dos personagens e à trama dos livros (FONTES, 2012). Requisitava também delas a leitura hagiográfica, livros em que Rachel bebeu nas fontes dos místicos e aprendeu sobre a vida dos santos: *Flos Sanctorum* ou Coleção Vida dos Santos era o livro fundamental. Em entrevista a Steen, Rachel revela mais da relação literária que tinha com sua avó:

A neta do dia tinha que ler a vida do santo do dia não só para a avó mas para todo o mulhério da fazenda. E quando acontecia a história de um santo de vida mais inusitada, como Santa Maria Egípcíaca, que deu o corpo ao barqueiro em pagamento da passagem, ou uma outra santa que se vestiu de frade e foi acusada de seduzir uma donzela, fazendo-lhe um filho, minha avó observava com prudência: há santos que a gente deve venerar mas não deve imitar (STEEN, 1981, p. 182)

Assim, não demorou muito para Rachel escrever suas primeiras linhas que, em princípio, eram uma imitação de tudo o que tinha lido até o momento (CUNHA, 2010). Boa parte do que escrevia era guardado em segredo, com medo da zombaria dos irmãos. Mal ganhavam vida, alguns escritos eram destruídos, pois a escritora iniciante tinha receio que seus pais, diante do bom gosto literário que tinham, os descobrissem. Em entrevista a Nery (2002), Rachel nos apresenta um pouco mais dessa sua lida com as palavras, assim como também relata sobre suas primeiras experiências profissionais:

Eu comecei a escrever com 12 anos. Escrevia as maiores porcarias e escondia, porque tinha medo do espírito crítico de mamãe e de papai. Eu escrevia sobre paixões violentas, com punhais, revoltas, coisas assim. Escrevia uns contos terroristas. Depois passou. Quando comecei a escrever profissionalmente, a primeira coisa que fiz foi uma carta para o diretor de um jornal com o pseudônimo Rita de Queluz, gozando um concurso de estudante. E essa carta foi publicada (p. 64).

[...]

Como meus pais eram instruídos e sensíveis às questões literárias, escrever, para mim, era uma atividade natural. Com 16 anos, comecei a fazer jornalismo profissional. Com essa idade eu já estava profissionalizada, tomando conta das páginas literárias dos jornais de Fortaleza, escrevendo semanalmente uma crônica (p. 66).

No jornal *O Ceará*, Rachel teve o seu primeiro ofício, publicando crônicas semanais e sendo responsável por uma página literária, a *Jazzband*. Mais tarde também escreveu poemas para a revista *Maracajá*, suplemento literário do jornal *O POVO* que teve dois números publicados. O interessante de sua poesia era o caráter “[...] ostensivamente telúrico”, característico do Modernismo dos anos de 1920, (AZEVEDO, 2010, p. 88), com traços do misticismo sertanejo, como podemos constatar:

S. Francisco do Canindé

(Autora: Rachel de Queiroz)

Elle estava lá no céu,
junto de Nosso senhor...
Mas um dia lembrou-se de vir cá
pra dentro d'aquella igreja,
pra cima d'aquelle altar...

Ficou tão vistoso e rico
todo cercado de luz,
todo cercado de flor!

Amostrando as mãos feridas,
as rosas presas num laço,
E o pé chagado de roxo
que é mode a gente beijar...

E milagre?
Hoje só soffre quem quer...
- Tem bouba no pé?
E ezypra?
Um catarrão incansado
lhe cerra a arca do peito?
- Porque é que não promette
a São Francisco das Chagas,
tão bom e tão milagroso
uma perna de cêra?
Ou o dinheiro do legume
Que você apurou depois das águas?...

Veja o quarto dos milagres,
dava para um rio de cêra!
E na galeria, duma banda,
aquelle cofre:
só prata de paroara
chegou pro santo enricar!...

*“Meu irmão me dê uma esmola
“pela luz que Deus lhe deu!
“Que eu já estive pra morrer
“S. Francisco me valeu
“porque eu prometti a elle
“tudo o que tinha de meu...
“E dei o que prometti
“ao depois vim esmolar.*

*“Ah, meu irmão me socorra!
“E queira Deus lhe livrar
“de um dia lhe acontecer
“fazer promessa e pagar...”*

Nunca mais
que S. Francisco quer voltar pro céu!...
Acha tão bom lá na igreja
No altar enfeitado!
Ou pelo tempo na festa
dar um passeio no andor!...
Tão bom no Canindé...

Fonte: (QUEIROZ, Revista Maracajá, 07 de abril de 1929).

Com o início da escrita profissional Rachel ampliou o seu leque de referências e o número de **amigos** literatos. Em princípio, conheceu e passou a conviver com escritores cearenses, como o já citado Antônio Sales, frequentando a roda de literatos que este liderava e que se reunia nos cafês na Praça do Ferreira, em Fortaleza:

[...] era um dos escândalos que eu causava em Fortaleza, mocinha frequentando o café dos literatos; mas, engraçado, nunca uma moça se sentiu tão protegida, tão mimada, uma moça sozinha num meio que quase só de homens, alguns da minha idade, outros mais velhos, mas em todos só encontrei carinho, sem nenhuma intenção que não fosse puramente afetuosa, literária (QUEIROZ; QUEIROZ, 1998, p. 32).

Nessa roda de amigos, foram os escritores Antônio Sales e Beni Carvalho, além do teatrólogo e jornalista Renato Viana, carioca que então morava no Ceará, que apoiaram Rachel na divulgação de seu primeiro

romance, uma vez que deram a ela inúmeros endereços de jornalistas e críticos do sudeste do país para quem a escritora iniciante deveria mandar o livrinho que fora impresso com dinheiro emprestado do seu pai (dois contos de réis) e lançado por conta própria, em uma tiragem de mil exemplares.

Com o sucesso de *O Quinze*, Rachel foi ao Rio de Janeiro para receber o prêmio Graça Aranha, em 1931. No retorno dessa viagem, a escritora conheceu José Auto, seu primeiro marido, com quem se casou em 1932, pai de sua primeira e única filha, Clotildinha, que morreu em 1935. Neste mesmo ano, Rachel e José Auto se mudaram para a capital de Alagoas, Maceió, período em que a cidade exalava cultura em torno do Teatro Deodoro e dos cineteatros que exibiam os primeiros filmes sonoros.

Em Maceió, reunia-se um grupo de jovens intelectuais da época – Aurélio Buarque de Holanda, Alberto Passos Guimarães, Valdemar Cavalcanti, Jorge de Lima, Aloysio Branco, Graciliano Ramos, Carlos Paurílio, Raul Lima, Diegues Junior e José Lins do Rego – que se autodenominava a Academia dos Dez Unidos. A eles Rachel e seu então marido, se juntavam em conversas calorosas sobre literatura e política que aconteciam no Bar Central, em frente ao Relógio Oficial (FONTES, 2012).

Entre eles, Aurélio Buarque de Holanda era o filólogo rigoroso que supervisionava os livros de todos, exigia que os colegas literatos colocassem vírgulas nos lugares certos e fazia com que evitassem os barbarismos mais selvagens: “Zé Lins [José Lins do Rego] e eu, por exemplo, jamais publicamos um romance, nessa época, sem chamarmos Aurélio para fazer a leitura dele, em dia ou noite especial. Lia em voz alta, corrigindo as nossas mais excessivas liberdades com a língua” (QUEIROZ; QUEIROZ, 1998, p. 194). E a propósito de Graciliano Ramos e José Lins do Rego, Rachel afirma: “[...] sendo Graciliano e Zé Lins escritores de muito mais força e importância do que eu, esse convívio deve ter deixado marcas” (STEEN, 1981, p. 185).

Boa parte dessa turma se encontraria novamente no Rio de Janeiro anos depois, mais especificamente na já citada *Casa* de José Olympio, que funcionava como um ponto de encontro de escritores, além de ser uma importante livraria e editora. Nesse período, Rachel já havia se separado de

José Auto e era a mais nova contratada da Editora, resolvendo ir morar no Rio de Janeiro. José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Jorge de Lima e Aurélio Buarque de Holanda também tiveram a oportunidade de publicar seus romances pela editora que já se firmava como uma das maiores do país.

Rachel considerava o endereço da Rua do Ouvidor, 110, como o seu endereço pessoal e era para lá que a sua família enviava do Ceará os queijos e os doces. José Olympio, seu editor, passou a ser um amigo especial, tanto ele como os seus irmãos Daniel e Athos. Assim, de “autora da Casa” ela passou a ser “amiga da Casa”. Na Editora, publicou grande parte de sua obra, assim como foi tradutora de inúmeros livros por ela publicados. Na crônica *J. O: O Mais Brasileiro dos Paulistas* do livro *As Terras Ásperas*, a escritora declara:

Nós, os que pomos no papel nossos pensamentos, sonhos e imaginações, dependemos do Editor, espécie de mágico que tem o poder de transformar em livro aquilo que eram apenas palavras, palavras. E quando temos o Bom Editor que nos solicita escritos, que põe em nós a sua confiança e seu dinheiro, ele vira a própria figura paterna (QUEIROZ, 1993c, p. 59).

Foram vários os locais por onde Rachel passou, neles vivenciando diversas histórias com familiares e amigos. Histórias e pessoas que constituíram sua geografia pessoal, o conjunto de locais que nos ajuda a compreender a estética da escritora, a maneira como escreve e sobre o que escreve. Essas convivências formaram a escritora que o público conhece, também fundando os lugares que foram importantes para ela.

Alguns desses lugares, devido à importância que tiveram para a vida e a obra da escritora, mas também pelo significado que ganharam ao longo do tempo para o povo cearense, foram transformados em patrimônios histórico-culturais e/ou naturais... São os lugares de Rachel de Queiroz.

Os lugares de Rachel de Queiroz: o sítio, os monólitos e a fazenda

Essa ligação de amor que o nordestino tem com a sua terra... Pensando bem, será mesmo de amor? Ou antes: será só *amor*? Talvez maior e mais fundo, espécie de mágica entre o homem e o seu chão; a simbiose da terra com a gente. Vem na composição do sangue. Aquela terra salgada que já foi fundo do mar tem mesmo o gosto do nosso sangue (QUEIROZ, 1993b, p. 19).

O sentido de lugar para a geografia é revelador das experiências humanas, das relações topofilicas que se dão no cotidiano (TUAN, 2012). É aquele que mais aproxima a geografia do mundo-da-vida (*Lebenswelt*) husserliano e mesmo do Ser-aí (*Dasein*) heideggeriano, pois expressa a relação essencial entre o homem e a Terra.

Para Tuan (2013), o lugar é um repositório de sentidos, onde valores são estabelecidos e podem adquirir profundo significado ao longo dos anos. O tempo, portanto, é elemento essencial para a significação de um lugar. Oliveira (2012a, p. 03) reforça a relação entre o lugar e o tempo quando escreve: “O sentido de lugar implica o sentido da vida e, por sua vez, o sentido do tempo”.

Na epígrafe, Rachel parece dialogar com Tuan, ao prostrar sobre o amor do nordestino por sua terra, da relação entre o homem e o seu chão, que Dardel (2011) chamou de geograficidade, a geografia em ato, expressa cotidianamente na relação que o homem tem com a sua terra. Assim, tanto Tuan, como Dardel e, em um contexto particular, Rachel, falam do lugar como algo que é inerente à vida do ser humano, lhe é indelével e “vem na composição do sangue”.

O lugar também pode ser compreendido como “centro do mundo”, significando algo para uma pessoa ou para uma comunidade em consequência de seu valor simbólico. Comumente esses lugares são tomados como patrimônios, porque o aspecto imaterial que os compõe é importante para a sua valoração, mesmo que não sejam tombados por uma instituição governamental. Relph (2012) indica o quanto o surgimento de interesse pelo lugar na contemporaneidade também está relacionado ao interesse na

preservação do patrimônio. E Castro (2007, p. 19) esclarece que “Ser dono de valor simbólico no contexto da sociedade que o produziu é a condição essencial para a existência do patrimônio, pois é justamente o caráter simbólico da memória que perpetua determinada fração do tempo no espaço”. Assim, o lugar apresenta a história e a identidade de um povo.

As experiências que Rachel teve em diferentes lugares demonstram sua forte ligação com eles. Hoje, alguns desses lugares foram transformados em patrimônio cultural e/ou natural e, além de guardarem a memória de uma escritora que invariavelmente celebrou sua terra e sua gente, são importantes porque conservam/preservam parte da natureza e da cultura cearense.

É o caso do **sítio** do Pici, lugar onde Rachel viveu momentos de grande alegria com sua família, escreveu alguns de seus mais importantes livros, casou-se com José Auto, seu primeiro marido, e pouco depois teve sua primeira e única filha, Clotilde.

Talvez possamos apontar que o sítio também rememora momentos de tristeza para a família, pois foi lá, por exemplo, que morreu Flávio, um dos irmãos da escritora, de septicemia. A partir daí, como revela a própria Rachel, tudo ficou amargurado, principalmente para sua mãe, Clotilde, que custou muito a se recuperar desse golpe. Enfim, incomodada com o crescimento da cidade de Fortaleza a qual começava a aproximar-se do sítio, ameaçando a segurança da casa, sua mãe o vendeu e mudou-se com sua filha mais nova, Maria Luiza, para o Rio de Janeiro, em 1952 (QUEIROZ; QUEIROZ, 1998).

Desde então, o sítio pouco fora mencionado por Rachel. Os exemplos que temos são o de uma crônica de nome *Pici*, escrita no ano de 1975 e publicada em um dos seus livros, *O Homem e o Tempo*, e o de um capítulo no livro *Tantos Anos* denominado de *O Sítio*, que recupera muito do que foi apresentado na referida crônica. Escritos em que lemos as lembranças de Rachel desse lugar. Somente em meados dos anos 2000, após ouvir as lembranças e histórias de Rachel, depois reunidas em uma biografia

sobre a escritora, Acioli resolveu procurar a casa do sítio. Assim ela conta a sua empreitada:

Em nosso último encontro, Rachel falou para mim que a casa onde ela escreveu *O Quinze*, em 1929, deitada no chão com suspeita de tuberculose, ainda existia. Ela ainda me disse mais ou menos como chegar lá. Passei três dias procurando, seguindo as indicações (ACIOLI, 2005, p. 38).

Não percebi que as referências traçavam o mapa da lembrança daquela Fortaleza dos anos 30, tão viva na memória de Rachel de Queiroz, tão apagada pela amnésia crônica de que sofrem os seus conterrâneos. O bairro estava completamente diferente, agora chamava-se Henrique Jorge. Uma vez que eu não tinha uma referência atual de endereço, nome de rua, número, nada, o método de busca que escolhi foi seguir duas pistas da natureza: os restos do açude e os quatro pés de *Ficus Benjamim* plantados por sua mãe, Dona Clotilde.

[...]

Foi com surpresa e espanto que, ao dobrar na Rua Antônio Ivo, avistei as quatro árvores, agora de troncos gigantescos, raízes fortes, expostas e copas frondosas. Duas delas estão no meio da rua, imponentes. A partir desse momento deixei de chamar aquele lugar de sítio do Pici e o rebatizei de casa dos benjamins. (ACIOLI, 2010, p. 173)

Atualmente, a casa do Pici, chamada por Acioli de casa dos benjamins, é, hoje, mais conhecida como **Casa de Rachel de Queiroz**, e está localizada na Rua Antônio Ivo, 290, no bairro Henrique Jorge (Figura 07).

O que um dia fora um sítio, hoje está bastante diferente, restando praticamente, a casa e os pés de benjamim, pois o açude, o pomar, a plantação de cana e as mangueiras, citadas anteriormente por Rachel, não existem mais. Como pode ser visto na figura, a casa ainda tem um amplo terreno, com os pés de benjamim “protegendo” a sua fachada e tomando parte da rua. Ao fundo plantas diversas parecem atestar a vocação natural daquele lugar. Apesar do aspecto deteriorado, a casa ainda preserva parte dos ladrilhos e do telhado. O alpendre também não deixa que neguemos a qualidade de sítio que tivera.

Na figura, também podemos visualizar o riacho Pici que parece suspirar frente às construções que o envolvem. Cortando a área verde que fica próxima à casa, o riacho, naquele ponto, só resiste, porque é parte de uma propriedade particular, o que impede a construção de novas moradias no local.



Figura 07: Localização e imagens da Casa de Rachel de Queiroz em Fortaleza, CE.
Fotos: CAVALCANTE, T. V., janeiro de 2014 / FUNCET.
Organização: CAVALCANTE, T. V., setembro de 2014.

O importante é que a “descoberta” feita por Acioli propiciou novos tempos para a velha casa. Na data de 11 de janeiro de 2006, pelo Decreto de número 11.965, a casa foi tombada *provisoriamente* pela Prefeitura Municipal de Fortaleza (FORTALEZA, 2006). O argumento para esse tombamento foi o valor simbólico e histórico-cultural que ela possui para os munícipes da cidade.

Somente em 2009, porém, que considerando o parecer elaborado por uma comissão de avaliação com membros do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, da Fundação de Cultura, Esporte e Turismo de Fortaleza – FUNCET e da Universidade Federal do Ceará – UFC foi a referida casa tombada *definitivamente*, pelo Decreto de número 12.582 de 15 de outubro de 2009 (FORTALEZA, 2009).

Relacionada ao processo de tombamento da casa é prevista a criação de um parque que possibilitará a manutenção dos recursos hídricos e da vegetação de todo o perímetro composto pelo riacho e a vegetação ali existente (PREFEITURA MUNICIPAL DE FORTALEZA, 2007), fato esse que, pouco a pouco, vem se consolidando a partir do Decreto de número 13.292, de 14 de janeiro de 2014, que dispõe da criação do Parque Rachel de Queiroz (FORTALEZA, 2014). Notemos, ainda, alguns aspectos que a comissão de avaliação levou em consideração para o tombamento da Casa de Rachel de Queiroz:

Pelo que se observa a edificação em tela não apresenta linha arquitetônica marcante que justifique a pretensão de tombamento. Porém, se o viés das concepções materiais não permite defesa cabível para a preservação do bem, o mesmo não se pode dizer quanto à sua natureza imaterial. É que a noção de bem cultural para efeito de tombamento ganhou nos últimos anos outras dimensões. Além do valor histórico, podemos agregar ao bem edificado, os **valores de referências**, filiados ao conceito de **patrimônio afetivo**. Não se trata aqui de dissociar a natureza *material* da natureza *imaterial* do bem cultural, mas, antes de tudo, estabelecer as suas afinidades no sentido de determinar a potência das razões intangíveis que levam ao tombamento do bem construído considerando os **valores simbólicos** (PREFEITURA MUNICIPAL DE FORTALEZA, 2009, grifo do autor).

Não fomos nós que destacamos as palavras na citação, contudo bem o poderíamos tê-lo feito, pois, quando a Comissão de avaliação escreveu sobre *valores de referência, patrimônio afetivo e valores simbólicos*, em

realidade, ela estava tratando de elementos basilares para o sentido de lugar. Poderíamos dizer que os valores de referência são aqueles que estão vinculados à memória, às lembranças de quem habitou o lugar, valores que o constituem como um patrimônio afetivo. Esse afeto, quando relacionado aos acontecimentos que se deram ali, revela o valor sentimental que a casa comporta e implica a valoração simbólica da mesma. Para a escritora, antes mesmo de qualquer avaliação patrimonial, esses valores com relação à sua antiga casa estavam subentendidos.

As palavras de Ana Carla Sabino Fernandes, historiadora responsável pela sinopse histórica da Casa de Rachel de Queiroz, resume bem a importância desse lugar e sua relação com a vida e a obra da escritora:

Cúmplice dos sentimentos, da indignação e dos lances de inspiração da nossa querida escritora, essa Casa é como um livro sem censura que deve ser lido, admirado, soletrado, apalpado e guardado, melhor, preservado como elemento de materialidade para o patrimônio histórico e cultural de nossa cidade (PREFEITURA MUNICIPAL DE FORTALEZA, 2007, p. 06).

Outro lugar também muito importante para Rachel era Quixadá. Partindo de Fortaleza pela BR-122, logo que nos aproximamos do município, visualizamos os **monólitos** que o caracterizam: imensas sentinelas de pedra que parecem brotar da terra para proteger os encantos do lugar.

De acordo com Sousa (2010), o município de Quixadá está situado na área de abrangência do complexo granítico Quixadá-Quixeramobim, na porção central do Ceará, local onde predominam rochas do embasamento cristalino (gnaisses, migmatíticos e granitos) originárias do Período Pré-Cambriano. Os monólitos, em específico, são formações graníticas de diferentes formatos, popularmente conhecidos como serrotes e geomorfologicamente denominados de inselbergues; elevações ilhadas que aparecem em regiões de clima árido quente e semiárido como produtos de pediplanação (processo de aplainamento de superfícies extensas submetidas a climas áridos quentes e semiáridos) e cuja evolução se faz em função de um sistema de erosão com o clima (GUERRA, 1966). Ab'Saber indica que:

Todos os morrotes do tipo *inselberg* ou agrupamento deles, como é o caso de Quixadá, foram relevos residuais que resistiram aos velhos processos desnudacionais, responsáveis pelas superfícies aplanadas dos sertões, ao fim do Terciário e início do Quaternário: superfície sertaneja velha e sertaneja moderna (AB'SABER, 2005, p. 90).

De uma perspectiva fenomenológica, Dardel elucida o aspecto telúrico que a rocha expressa como manifestação de sua dureza e essência da realidade geográfica, essência que nos invade quando estamos em Quixadá:

Montanhas e falésias fazem aparecer a ossatura rochosa da Terra. Uma consistência e uma resistência do espaço telúrico. [...] A rocha resiste à tempestade e à erosão continental; ela é inquebrantável, inalterável, como a base mesma do mundo. [...] Essa firmeza do granito, da grês ou do calcário pode ser experimentada, em um sentido hostil e obstinado, como *dureza*. Ela tem algo de inumano a qual se choca, sem encontrar acolhimento, à vontade do homem (DARDEL, 2011, p. 16, grifo do autor).

Ab'Saber (1985) relata que essas formações possuem o mesmo significado paisagístico dos pontões rochosos e dos pães-de-açúcar que caracterizam os morros florestados do Brasil tropical atlântico (Rio de Janeiro, Espírito Santo e nordeste de Minas Gerais) e sugere o quanto essas paisagens podiam ser mais bem preparadas para receber a atenção do país inteiro, principalmente quando ocorre a associação entre esses pontões rochosos e massas d'água de açudes públicos (AB'SABER, 2005).

Essa associação da qual fala Ab'Saber, podemos ver na relação paisagística entre a *Pedra da Galinha Choca*, exemplo ilustre dos monólitos de Quixadá, e o *Açude do Cedro*, primeiro açude a ser construído no Brasil por ordem de D. Pedro II. Açude que teve suas obras iniciadas em 1890 e foi inaugurado somente em 1906, já na Primeira República.

Rachel de Queiroz, no livro de poemas *Mandacaru*, postumamente publicado, conta a história do famoso açude, em versos que fazem alusão ao motivo pelo qual foi pensado (a seca de 1877) e aos responsáveis pela sua concepção: o então imperador Dom Pedro II que ordenou a construção do açude, o engenheiro Ernesto Antônio Lassance que indicou o Boqueirão do Cedro para sua edificação e o engenheiro inglês Jules Jean Revy que planejou o açude e coordenou a obra de uma estrada de acesso à região.

Cedro

(Autora: Rachel de Queiroz)

Um dia,
os homens que fazem as leis e governam os dinheiros
ouviram dizer que o Setenta e Sete estava incinerando o povo do Nordeste.

E então, pela primeira vez, tiveram pena...
O bom velhinho, de barba branca, que ainda usava a coroa na cabeça,
perguntou aos sábios do Império:
“- Qual é o meio de prender a água do céu,
que foge do chão do Norte?...”

Os conselheiros prudentes,
cofiando os bigodes ilustres, remexendo na Ciência engavetada,
disseram muita bobagem...
Mas tinha um mais avisado,
que já ouvira falar em lagos artificiais
e sugeriu vagamente a sua vaga noção...

Foi a gênese do movimento...
E o excelente velhinho, no seu trono,
arranjou um bocado de dinheiro
limpou o mealheiro
e gritou:
“- Vocês querem comer? Aí vai o dinheiro!
Querem também beber? Pois façam açudes!

Aí vai Dr. Revy!!
E, jogando ao Nordeste sedento e faminto
um punhado de libras e uma leva de técnicos,
foi-se arrumar para um passeio à Europa...

Lentamente, pedra a pedra, a barragem gigante foi-se erguendo...
Já se alteia entre os serrotes de granito...

Já o jato d'água dos riachos
estaciona ante a barreira e forma um lago...
e sobe... sobe... sobe...
e depois adormece,
reclinado no colo dos serrotes,
como um convalescente em cura de repouso...

Ah! A água!

Eis a volúvel, a eterna fugitiva
prisioneira,
encarcerada,
no imenso arco de pedra que a rodeia!...
O bom velhinho, ingênuo e corado,
viu o progresso de sua obra
da corte longínqua,
bateu palmas contentes...

E o Cedro grandioso
 grita, a se remirar no seu paredão alto,
 nos seus mosaicos,
 nos correntões que pendem em marcos de granito:
 “– Cearense mendicante!
 Olha pra mim! Vê como eu sou bonito!
 Pesca meus peixes!
 Alonga-me os canais!
 Cultiva-me as vazantes!
 Bebe e venera em mim a memória gloriosa
 de S. M. o Imperador!”

Fonte: (QUEIROZ, 2010c, p. 104-109).

Desde 1984, o conjunto paisagístico do açude é tombado pelo IPHAN como bem de valor artístico e etnográfico. Ao visitar o açude, no caminho até a sua barragem, visualizamos um marco em homenagem à Rachel de Queiroz. Chegando à barragem, notamos os mosaicos portugueses que a adornam, assim como uma varanda de ferro proveniente da Inglaterra.

Por essas características, o conjunto de monólitos de Quixadá já poderia ser tomado como um lugar especial e de grande importância. Entretanto, a partir do estudo feito pelo IPHAN (2001) e do trabalho de Behr (2007), podemos enumerar outras características de igual relevância como: a particular flora nativa, a grande quantidade de sítios arqueológicos e paleontológicos, o potencial turístico com base no turismo ecológico e no turismo de aventura e a riqueza cultural.

Em uma crônica de 29 de janeiro de 1992, denominada *Um Parque Nacional dos Serrotes do Quixadá*, publicada no seu livro *As Terras Ásperas*, Rachel já havia chamado a atenção para a ameaça que o crescimento da cidade e a exploração desordenada do granito poderiam proporcionar para aquela paisagem:

Há que encaminhar o crescimento urbano para fora da urbe. Mesmo porque a vizinhança dos serrotes não é propícia à vida urbana; nas horas quentes do dia, na proximidade das pedras, banhadas de sol, há um acúmulo de calor. E também na infinidade de cavidades de vários tamanhos que se enchem de água na estação chuvosa, abrigam nuvens das temíveis muriçocas (ou pernilongos) que obrigam a se dormir embaixo de mosquitoireiro, como no Amazonas. Com a única vantagem que as nossas muriçoquinhas são inocentes, não passam malária, nem dengue, nem febre amarela, como as lá do Norte.

[...]

Um perigo em que se deve pensar é a exploração comercial do granito, que já é uma das fontes de renda do município e precisa ser disciplinada e fiscalizada. É um granito excelente o dos *inselbergs*, e representa uma renda significativa nesta região de riqueza tão dependente das oscilações climáticas (QUEIROZ, 1993d, p. 193).

Posteriormente, em carta endereçada ao então Ministro da Cultura, Francisco Weffort, a escritora expressa o seu anseio pela preservação do conjunto de monólitos:

Exmo. Senhor Dr. Francisco Weffort

Ministro de Estado da Cultura

Eu, Rachel de Queiroz, cidadã brasileira, natural do Ceará, solicito a V. Excia. O tombamento do complexo paisagístico formado pelos *inselbergs* (serrotes) do município de Quixadá, baseando o meu pedido na excepcional beleza e unicidade do conjunto urbano/rural.

Atenciosamente,

Rachel de Queiroz

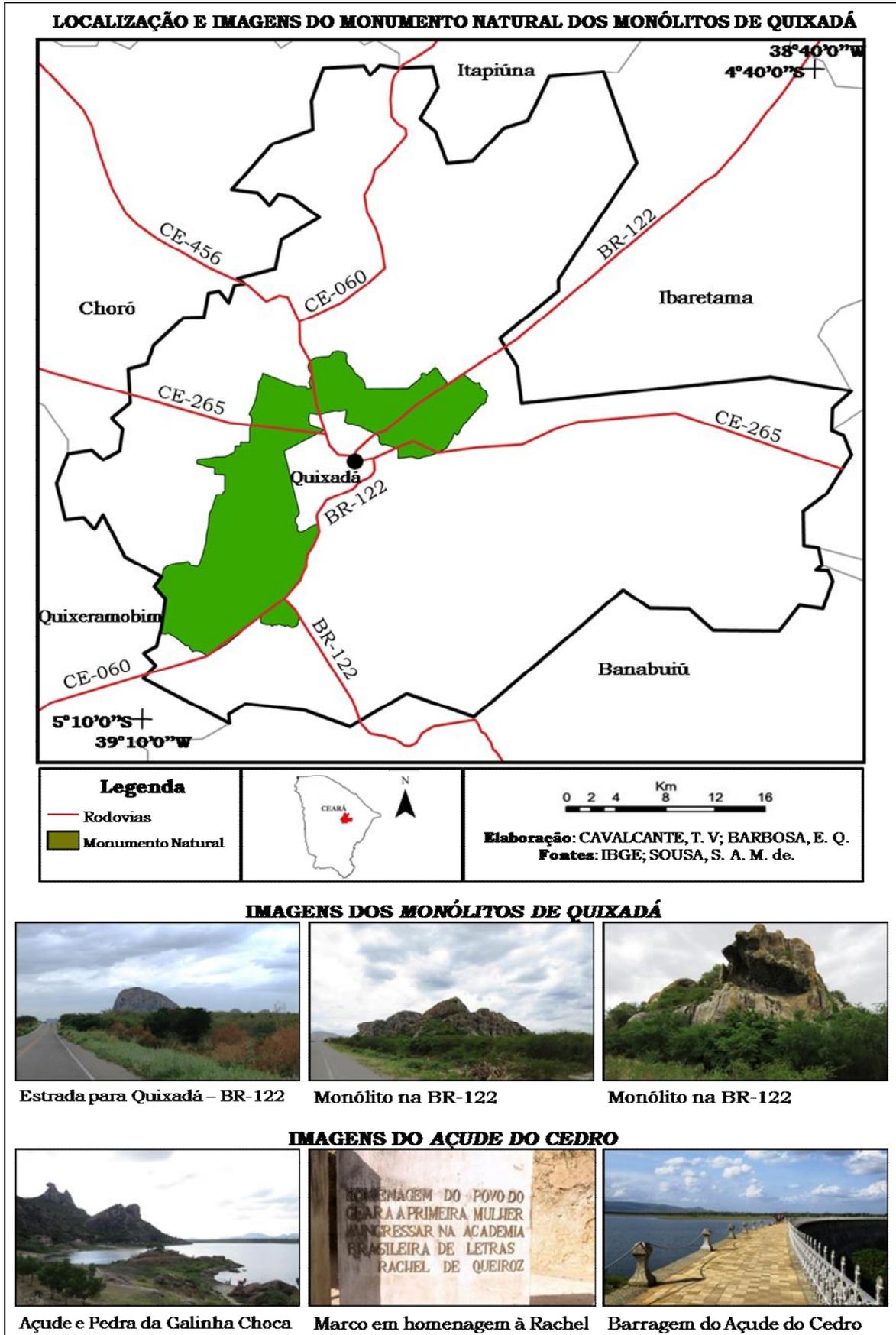
Fortaleza, 19 de junho de 1995.

(OFÍCIO s.n/96 - Processo N° 1.377-T-96).

Foi a partir de iniciativas como a de Rachel que o Governo do Estado do Ceará instituiu o **Monumento Natural dos Monólitos de Quixadá** (Figura 08), pelo Decreto de número 26.805 de 25 de outubro 2002 (CEARÁ, 2002). Unidade de Conservação de Proteção Integral, com 16.635 hectares que, sob a responsabilidade da Superintendência Estadual do Meio Ambiente do Estado do Ceará – SEMACE visa à preservação dos elementos cênicos e dos valores ecológicos ali existentes.

Em 2004, parte da referida área também foi tombada pelo IPHAN como patrimônio nacional e, em 2010, Quixadá tornou-se membro da Associação Mundial das Montanhas Famosas, entidade que reúne montanhas turísticas e parques naturais de montanhas no mundo todo, compartilhando experiências de desenvolvimento econômico, turístico e ambiental (FAHEINA, 2010).

Essas medidas e intenções são de grande importância para a preservação/conservação da cultura e da natureza que é parte de Quixadá. Podemos compreender não somente a importância dos monólitos, mas também de todo o conjunto de manifestações culturais que caracterizam o lugar, revelando a inextricável relação existente entre o homem e o seu meio.



A vida e a obra de Rachel de Queiroz nos oferecem um valioso exemplo dessa relação. Quixadá lhe é imanente e hoje presta as devidas homenagens à escritora que não só apresentou ao mundo sua amada terra, como também reivindicou para ela os cuidados necessários. Exemplos dessa homenagem são o Centro Cultural e o Memorial Rachel de Queiroz (Chalé da Pedra), localizados no centro da referida cidade (Figuras 09 e 10).



Figuras 09 e 10: Centro Cultural e Memorial Rachel de Queiroz.

Fonte: CAVALCANTE, T. V., janeiro de 2014.

Fiquemos com as palavras do emérito geógrafo Aziz Nacib Ab’Saber que, ao tempo que estudou a geografia cearense, reconheceu nela o que havia de mais belo:

Pessoalmente, de todas as faixas do litoral brasileiro, o lugar de que mais gostei foi o litoral do Ceará – sem falar no sertão do estado, que percorri inteiro. O Ceará está no meu coração: sempre digo brincando que, se não tivesse nascido na minha querida São Luiz do Paraitinga, queria ser de Quixadá... (AB’SABER, 2009, p. 134).

Quanto à **fazenda** Não Me Deixes, dos lugares que desvelamos é, certamente, o mais querido de Rachel. Lugar onde a escritora passava as temporadas invernais, tempo de mata vestida e fartura no sertão; um refúgio para os momentos alegres e tristes: “Por mim eu digo: toda vez que o destino me fere mais duro, me maltrata mais fundo, é para lá que eu fujo” (QUEIROZ, 1993b, p. 19).

O afeto de Rachel pelo lugar Não Me Deixes foi um dos motivos para a sua preservação. E isso se fez pelas mãos da escritora, pois a criação

de uma Reserva Particular do Patrimônio Natural – RPPN é ato voluntário, então foi criada a **RPPN Fazenda Não Me Deixes**. Em carta ao presidente do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis – IBAMA da época, Eduardo de Souza Martins, ela expõe o interesse pelo reconhecimento de sua fazenda (Figura 11).

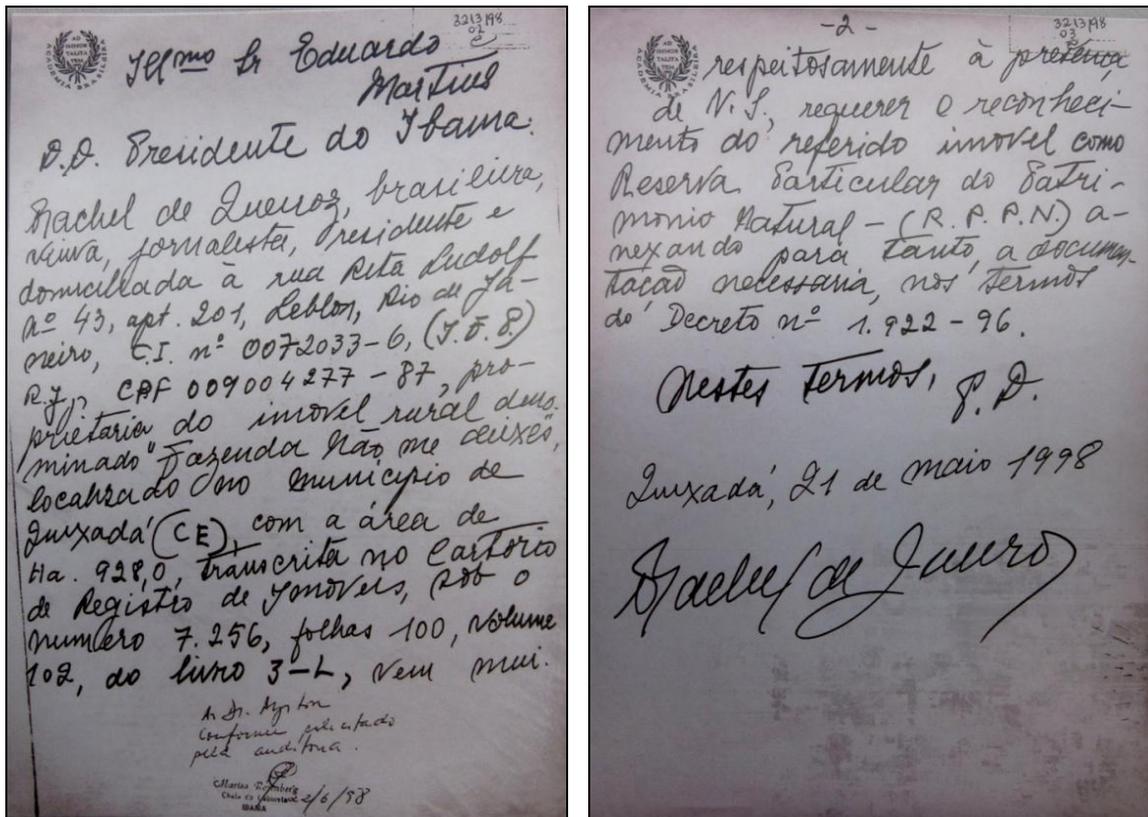


Figura 11: Solicitação de Rachel para transformar parte de sua propriedade em RPPN.
 Fonte: BEHR, 2007, p. 288-289.

Parte da fazenda Não Me Deixes, 300 hectares de um total de 928, é reconhecida pelo IBAMA como RPPN a partir da Portaria de número 37-N de 16 de abril de 1999 (IBAMA, 1999). Convém dizer que, desde 2007, é o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade – ICMBio que executa as ações do Sistema Nacional de Unidades de Conservação – SNUC, podendo propor, implantar, gerir, proteger e fiscalizar as Unidades de Conservação da União.

Na figura 12, temos a localização da área que é preservada, além de imagens da fazenda, que pode ser acessada pela rodovia CE-060.

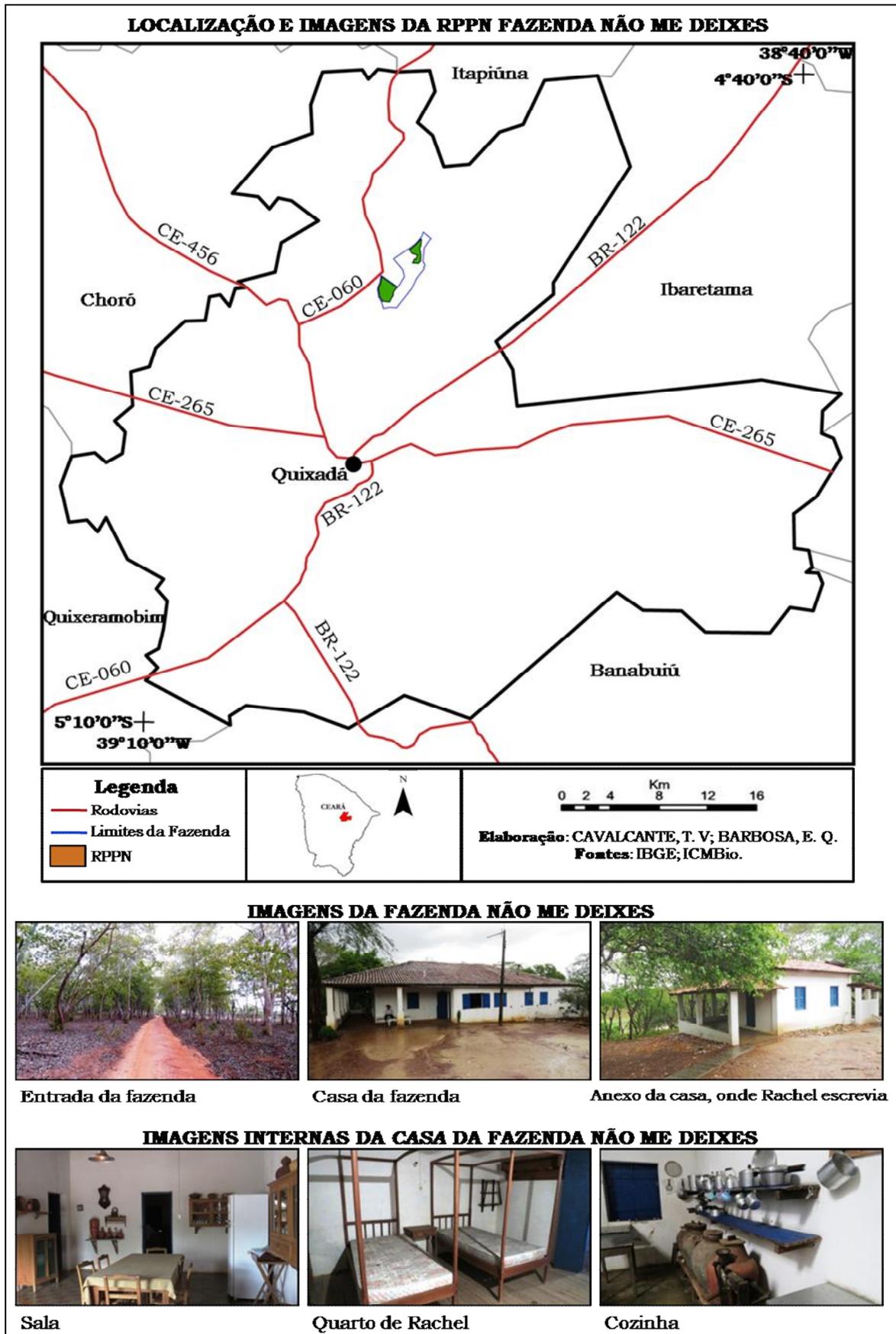


Figura 12: Localização e imagens da RPPN Fazenda Não Me Deixes em Quixadá, CE.
 Fotos: CAVALCANTE, T. V., janeiro de 2014.
 Organização: CAVALCANTE, T. V., setembro de 2014.

Podemos também visualizar a entrada da fazenda com sua vegetação preservada e a casa onde Rachel se instalava quando em Quixadá. O interessante é o anexo que foi construído logo atrás da casa, local onde ela costumava escrever, pois lá conseguia ter mais sossego frente aos afazeres da fazenda.

Além disso, no interior da casa da fazenda podemos notar imagens que ilustram a tipicidade sertaneja de uma sala sem sofás, assim como notara Heloisa Buarque de Hollanda, ao visitar o apartamento de Rachel no Leblon, Rio de Janeiro, de um quarto cujas camas possuem armações para mosquiteiros e de uma cozinha com inúmeros potes de barro onde se conservava a água do açude ou das chuvas que eram usadas para beber e para cozinhar. Estes elementos nos revelam um pouco do acervo pessoal e cultural que também caracteriza a fazenda, o lugar das vivências sertanejas da escritora.

Em se tratando dos aspectos naturais, Behr (2007), a partir do laudo de vistoria técnica das condições ambientais da fazenda, realizada pelo engenheiro florestal do IBAMA no Ceará, José Antônio Vasconcelos de Sá, cita que a tipologia florestal característica do Não Me Deixes é a caatinga arbórea densa, típica da região semiárida, ainda natural e bem conservada, com ocorrência de pau-branco, juazeiro, jurema-preta, angico, catingueira, imburana, aroeira e frejorge (Figura 13).

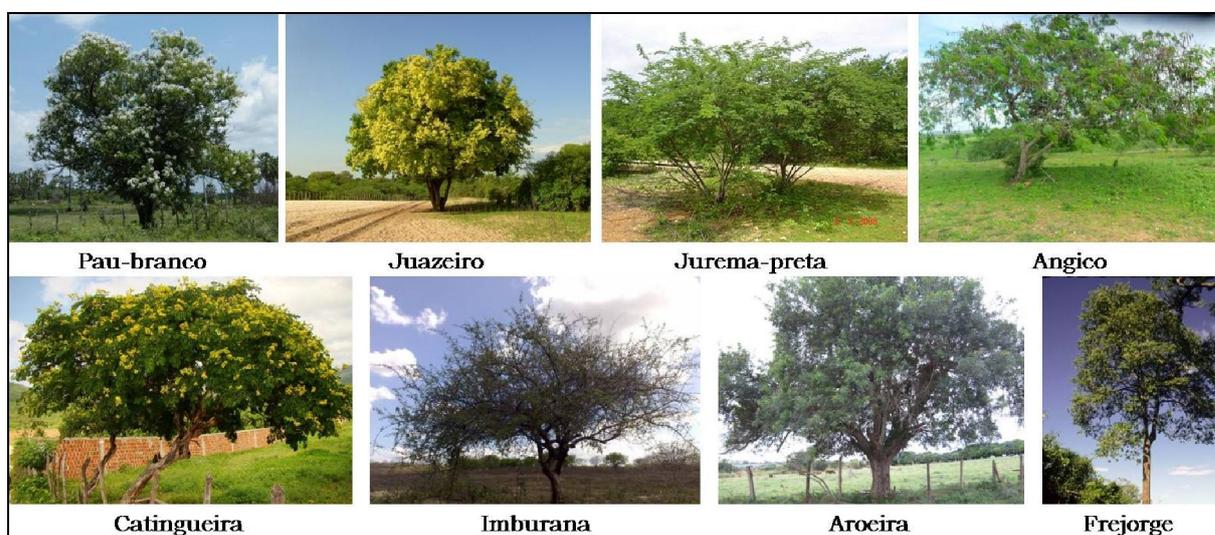


Figura 13: Tipologia florestal característica do Não Me Deixes, citada por Behr (2007).
Organização: CAVALCANTE, T. V., fevereiro de 2015.

Rachel também contribuiu para nosso conhecimento e afeição pela natureza sertaneja presente em sua fazenda na crônica *Os Passarinhos*, do seu livro *O Homem e o Tempo*, na qual escreve a respeito dos cantos dos vários pássaros que “passeiam” por lá, como a graúna de canto cristalino que pousa debaixo de sua janela ou dos canários, “cantores líricos”, que fazem ninhos no frechal de sua casa. Cita, ainda, ao tempo que fala dos diferentes tons de suas cantorias, o cabeça-vermelha (galo-de-campina), o rouxinol (garrincha), a rolinha fogo-pagou, a juriti, o bem-te-vi, o sabiá, o corrupião, o vem-vem, o abre-fecha, o papa-arroz, o pai-luiz, o canção, a coã (acauã) e a mãe-da-lua (Figura 14): “Ah, são muitos passarinhos. E sempre tem um cantando, as mais das vezes nem se identifica qual é” (QUEIROZ, 1995b, p. 66-68). É importante salientarmos que a fazenda Não Me Deixes, diante de toda a sua riqueza natural, serviu como modelo para o primeiro censo de fauna e flora do bioma caatinga.



Figura 14: Pássaros citados por Rachel de Queiroz em suas crônicas.
Organização: CAVALCANTE, T. V., fevereiro de 2015.

No ano de 2000, a escritora teve a honraria de receber em sua fazenda uma delegação do IBAMA que tinha como objetivo soltar 207 pássaros, entre os quais graúnas, corrupeiros, canários-da-terra, sabiás, um azulão, seis caboclinhos e cinquenta e um periquitos.

Acho que mereci essa honraria, pois sempre foi preocupação minha, desde menina, soltar passarinho. Verdade que é meio arriscado: os donos dos passarinhos são capazes de tudo contra alguém que libere as suas presas. Mas a alegria de ver voando um pássaro, antes confinado a uma gaiola, paga todos os riscos de represálias.

Para mim, o mais importante foi essa reputação que está ganhando a fazenda.

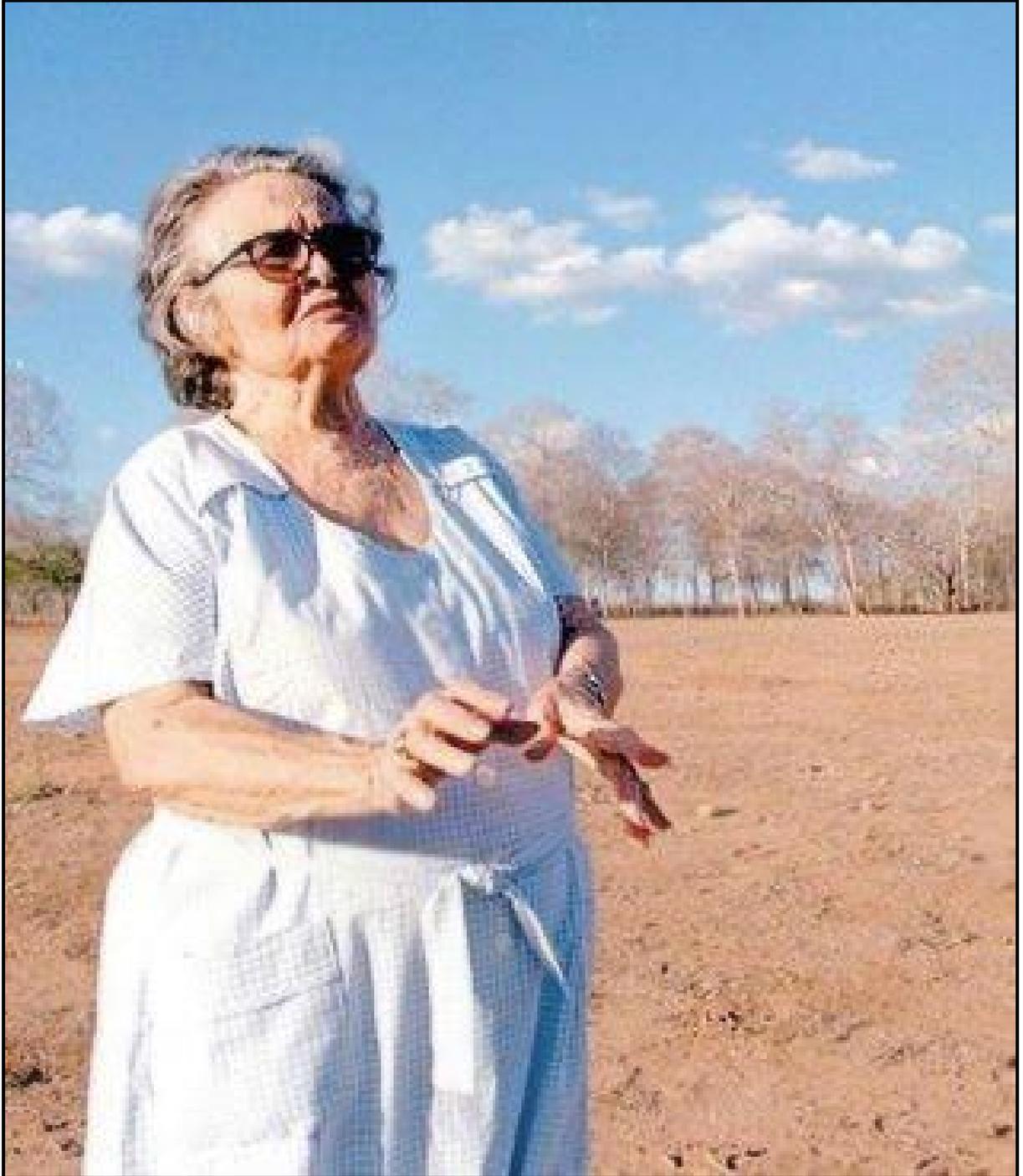
Não Me Deixes de área livre para passarinhos, santuário deles. Todos os pássaros apreendidos naquele sertão podem ser deixados no Não Me Deixes, pois que lá, como diz o jornal, “é a única Reserva Particular de Patrimônio Natural existente na Região” (QUEIROZ, 2000, s.p).

Não podemos entender a Casa de Rachel de Queiroz, o Monumento Natural dos Monólitos de Quixadá e a RPPN Fazenda Não Me Deixes apenas pelos seus aspectos materiais, físicos... geométricos. As vivências e experiências de Rachel preenchem esses lugares de sentimentos e afetividade e nos revelam uma geografia que tem cor, densidade, espessura e profundidade... geograficidades.

Além dos acontecimentos, pessoas, locais e lugares que compuseram as convivências e experiências de Rachel, alguns de seus escritos também nos aproximam da geografia que lhe é inerente. O Caderno de “*Geographia*”, *O Nosso Ceará* e *O Não Me Deixes: Suas Histórias e Sua Cozinha*, aos nos conduzirem da infância à idade adulta da escritora, nos oferecem, respectivamente, a geografia que ela estudou, a geografia que ela escreveu e aquela que ela saboreou. São escritos que nos revelam... a geografia telúrica em Rachel de Queiroz.

CAPÍTULO 2

A GEOGRAFIA TELÚRICA EM RACHEL DE QUEIROZ





[...] aqui no sertão os homens a bem dizer se preocupam mais com o céu que com a terra. Pois não vê que é do céu que depende tudo cá embaixo, fartura ou fome, vida ou morte? E não metafisicamente mas objetivamente mesmo. Cearense nenhum é capaz de passar todo um dia sem estudar o céu, com angústia ou com alegria. Os torreões de nuvens. Os relâmpagos, os carregos de chuva e toda a rosa-dos-ventos, vento sul que é bom, vento norte que é perigoso, vento nordeste que é ruim como o diabo (QUEIROZ, 1995c, p. 96).

Na crônica de nome *Sertaneja*, de maio de 1960, publicada no livro *O Homem e o Tempo*, Rachel tece palavras a respeito da preocupação do sertanejo com o céu, no esforço de decifrar as nuvens, os ventos, os trovões e relâmpagos, e escreve sobre as pistas que a natureza oferece acerca do tempo: da papa-ceia zangada e vermelha, da estrela d'alva iluminando a madrugada, da localização no céu do Cruzeiro do Sul, da zelação que deve correr para o lado do mar e das variações da Lua: “Lua crescente de tarde cedo, muito bem desenhada e com a sombra bem preta, quer dizer fim de inverno. Lua com lagoa, Lua sem lagoa – até menino pequeno entende de lagoa de Lua” (QUEIROZ, 1995c, p. 97).

Esse mundo sobre o qual Rachel escreve mantém viva a relação entre o homem e a natureza que o envolve, mundo onde “A paisagem desempenha o papel da ‘mediação’, que permite à natureza subsistir como mundo para o homem” (BESSE, 2006, p. 82). Mundo que nos revela os aspectos físicos da Terra: a formação e ondulação dos relevos, o comportamento e a influência do clima, o movimento e a vida das/nas águas e, além disso, proporciona “[...] uma experiência concreta e imediata onde experimentamos a intimidade material da ‘crosta terrestre’, um enraizamento, uma espécie de *fundação* da realidade geográfica” (DARDEL, 2011, p. 15, grifo do autor).

Essa *geografia telúrica* envolve tanto a explanação da superfície terrestre, na investigação sobre a *forma* dos lugares e paisagens do planeta, como a compreensão da *matéria* que implica profundidade, espessura, cor, solidez e plasticidade, encontrada na experiência imediata entre o homem e o seu chão. Segundo Ferreira (2008), com base na obra de Bachelard, enquanto a forma está aí para ser contemplada como um espetáculo visual, a matéria é potência, indeterminação, mistério, ultrapassando as formas e caracterizando a poética dos escritores.

Tuan (1991) também trata da relação entre o homem e a natureza quando conceitua a geografia como o estudo da Terra como lar das pessoas. Conceituação que tenta esclarecer o quanto a geografia não é um conhecimento alheio ou esotérico, mas antes uma preocupação humana básica, pois em toda parte as pessoas buscam compreender a natureza de seu lar. Para o geógrafo, esse lar é muito mais que um cenário natural ou físico e não pode ser limitado ao lugar construído: “[...] is a unit of space organized mentally and materially to satisfy a people’s real and perceived basic biosocial needs and, beyond that, their higher aesthetic-political aspirations” (TUAN, 1991, p. 102).

Em *Home*, poema publicado por Rachel sob o pseudônimo Rita de Queluz, no jornal *O Ceará* em 12 de junho de 1927, ao escrever sobre as lembranças e os sentimentos que a casa de sua infância evoca, a jovem escritora reforça, poeticamente, a conceituação de geografia e a noção de lar, apresentadas por Tuan. Geografia que, nesse contexto, seria o estudo do sertão como lar de Rachel.

Home

(Autora: Rachel de Queiroz)

Meu doce ninho sertanejo,
 Meu velho casarão risonho e branco!
 Quanta alegria
 Quanto conforto vejo
 No seu ar senhoril de fidalguia
 A porta aberta, hospitaleiro e franco...

Nele a luz elegeu a sua morada;
 Por toda parte se insinua,
 Cintila, vibra, estua,
 Em borbotões brilhantes derramada
 Nas colunas do alpendre, as trepadeiras
 Entrelaçam-se em verde tecedura
 E os flamboyants, os benjamins,

Os jasmims,
 As roseiras,
 Estrelados de flores,
 Numa risonha profusão de cores
 Sufocam-no em verdura...
 Por sob o seu telhado,
 Gerações, às dezenas, têm passado...
 A minha casa já tem tanta idade!
 No entanto, é tão gentil, tão conservada,
 Renova tanto a *maquillage* a cal
 Que ante a sua frescura,
 A gente jura
 Ao ver meu casarão patriarcal,
 Que ele está na primeira mocidade...

Mas, meu ninho risonho
 Também tem seu capítulo tristonho,
 Também tem sua página de dor...

Guarda ainda bem vivos
 Vestígios das senzalas,
 Que em desoladas falas
 Nos recordam os cativos
 A gemer sob o relho do feitor...

Aliás,
 Há tanto isso passou, que, francamente,
 O lembrá-lo não me comove mais;
 Não punge mais a gente...

E eu julgo até essa lembrança triste
 Que ainda existe
 Em minha casa cheia de alegria,
 Como um derivativo...

O vulto amargurado do cativo
 É um doce saibo de melancolia...

Fonte: (QUEIROZ, 2010d, p. 20-22).

Na conceituação de Tuan e na poética de Rachel, podemos apreender o quanto o homem e a Terra estão imbricados, assim constituindo um conhecimento que, sobretudo, expressa a habitação do ser-no-mundo. Como temos salientado, Rachel foi uma escritora que possuía uma relação próxima com sua terra e com sua gente, com a história e a geografia que a envolviam. Isso pode ser lido, por exemplo, na primeira crônica que publicou

na revista *O Cruzeiro*, em 01 de dezembro de 1945, quando se apresenta aos leitores:

Sou uma mulher rústica, muito pegada à terra, muito perto dos bichos, dos negros, dos caboclos, das coisas elementares do chão e do céu. Se você entender de sociologia, dirá que sou uma mulher telúrica; mas não creio que entenda. E assim não resta sequer a compensação de me classificar com uma palavra bem soante (QUEIROZ, 1945, s.p).

Com esse sentimento telúrico, a escritora nos legou obras de suma importância para desvelarmos a geografia que lhe é imanente. Neste capítulo, nos concentraremos em escritos que permitem interessantes entrelaçamentos entre os aspectos geográficos e telúricos que permeiam a vida e a obra de Rachel, quais sejam: o Caderno de “*Geographia*”, *O Nosso Ceará* e *O Não Me Deixes: Suas Histórias e Sua Cozinha*. Escritos que nos aproximam da geografia, ao expressarem a maneira como esta foi por ela apreendida, pensada e vivida, desde sua infância até sua idade adulta, revelando elementos essenciais dos conteúdos que estudou no Colégio da Imaculada Conceição, em Fortaleza, de sua compreensão afetiva sobre o Nordeste, com ênfase no seu torrão natal – o Ceará – e da relação saborosa que estabelecia com sua querida fazenda Não Me Deixes, em Quixadá.

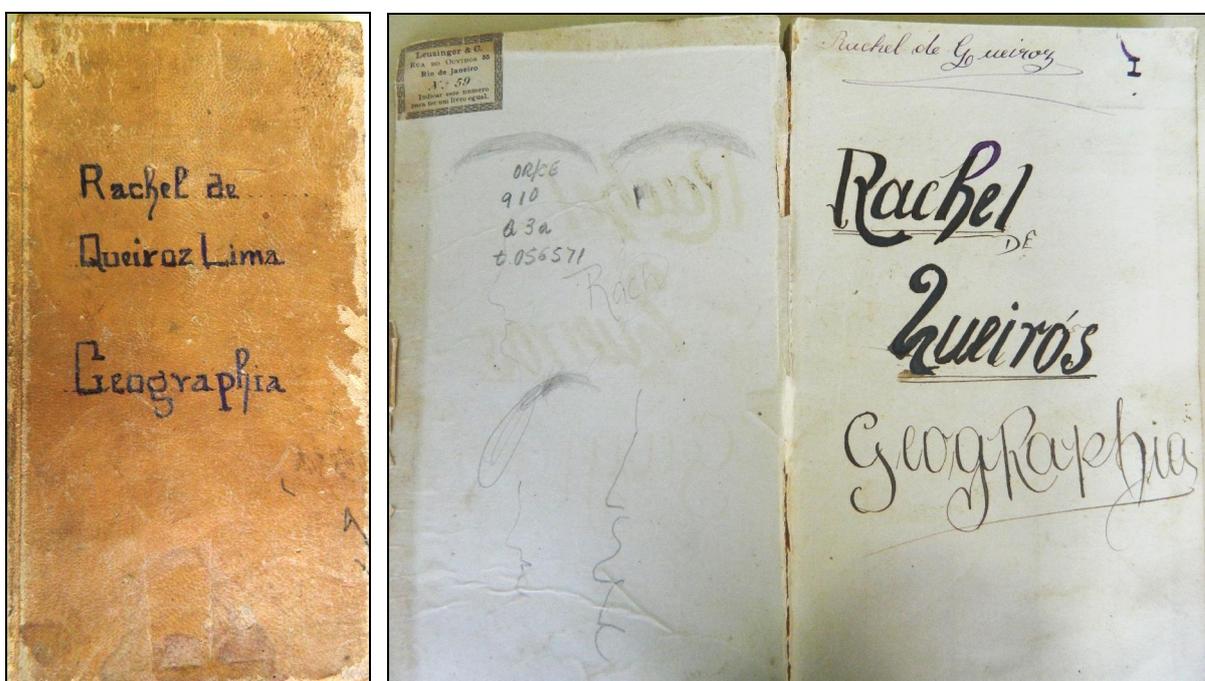
Os fragmentos da geografia d’outrora no Caderno de “*Geographia*”

O sino da manhã tocava às cinco e meia; a missa era em jejum e ainda tinha o banho antes do café. Almoço às dez, merenda à uma, jantar às quatro. E às sete da noite o mate com pão e manteiga. E reza. Nós pretendíamos que rezávamos vinte e quatro vezes por dia – não sei se era verdade (QUEIROZ, 1999, p. 164).

Entre rezas, refeições e as mais variadas atividades que compunham o cotidiano das estudantes internas do Colégio da Imaculada Conceição, disciplinas como o Português, o Francês, a Aritmética, a Geometria, o Desenho e a Geografia, além de aulas de bordado e piano, eram ensinadas àquelas que logo se tornariam professoras normalistas, entre elas Rachel de Queiroz.

Do conjunto dessas disciplinas, Rachel guardou uma importante recordação: um pequeno e atraente caderno, datado de 20 de outubro de 1922, com anotações e/ou o resumo de leituras que fizera de Geografia... O Caderno de “*Geographia*” (Figuras 15 e 16).

Por muitos anos, a escritora conservou consigo esse tesouro e com ele, posteriormente, presenteou o amigo, conterrâneo e bibliófilo José Bonifácio Câmara, grande colecionador de suas obras. Atualmente, esse documento histórico, geográfico e pedagógico pode ser encontrado no Acervo de Obras Raras da Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel em Fortaleza, Ceará.



Figuras 15 e 16: Capa e contracapa do Caderno de “*Geographia*” de Rachel de Queiroz.
Fonte: Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel – Fortaleza, CE.

Segundo Santos & Souza (2005), os cadernos escolares são registros de parcela do cotidiano dos estudantes e da escola. Além disso, podem desvendar as relações que se dão na escolarização, tendo que ser compreendidos dentro do contexto em que são produzidos. Assim, por um lado, o Caderno de “*Geographia*” é ilustrativo de um momento ímpar da vida de Rachel e, por outro, é um raro exemplo da Geografia que era estudada outrora: **fragmentos** que nos contam tanto a respeito do cotidiano da

estudante Rachel, quanto sobre o conteúdo e a forma da Geografia ensinada e aprendida no início do século XX.

Para seguir com a análise, além de paginar o caderno, pois ele apresenta folhas pautadas sem numeração, tomamos o cuidado de transcrever parte dos seus conteúdos, respeitando tanto a grafia da época, como a escrita de Rachel.

No que diz respeito ao **cotidiano** de Rachel no Colégio da Imaculada Conceição, ao folhear o caderno, lemos os nomes de suas colegas de turma escritos em diferentes folhas, como Laura Barbosa, Naide Chaves e Betisa Araújo, evidenciando amizades que iam além das conhecidas Alba Frota e Odorina Castello Branco, por ela retratadas, respectivamente, como Maria José e Maria da Glória na sua obra mais autobiográfica, *As Três Marias*. Boa parte delas (com exceção de Betisa Araújo) se formaria no mesmo ano de Rachel, em 1925, naquela que seria a primeira turma de professoras normalistas do referido colégio.

O curioso nome *Chiquinho do Tico-tico* também está rabiscado em uma das páginas do caderno, apelido que suas colegas lhe deram devido à semelhança de seu rosto com o popular personagem *Chiquinho* da revista em quadrinhos *O Tico-tico* (CUNHA; FIGUEIREDO, 2010), fundada pelo jornalista e político Luiz Bartolomeu de Souza e Silva e publicada no Brasil, com muito sucesso, de 1905 a 1962. Sobre esse apelido, Rachel declara:

No colégio, chamavam-me “Chiquinho do Tico-tico”. Talvez por causa do cabelo cortado à inglesa, da atividade desordenada, da saia curta semelhante à “batina” antiquada do boneco; mas principalmente pelos olhos redondos e parados que nos caracterizavam, ao Chiquinho e a mim. Detalhe curioso: nunca me insurgi contra o apelido, embora o detestasse. No fundo, achava-o justo (QUEIROZ, 1994b, p. 130-131).

Cunha & Figueiredo também destacam as assinaturas da estudante, escritas de três maneiras, ora aparecendo na capa como “Rachel de Queiroz Lima”, ora em meio às notações de geografia como “Rachel de Queiroz” ou “Rachel Franklin Queiroz”, assinaturas que sugerem “[...] a procura por um ‘nome’ para ser conhecida, para se mostrar ou para ser lida na capa da brochura de um livro” (CUNHA; FIGUEIREDO, 2010, p. 335).

Foi diante desse cotidiano de encontros, com amigas e consigo mesma, que Rachel aprendeu as lições de Geografia que constam no Caderno de “*Geographia*”.

No decorrer das 88 páginas que compõem o caderno, temos os seguintes **conteúdos**: a definição de Geografia e o modo como deve ser ensinada; a divisão da Geografia; as relações entre o meio e o homem; a Cosmografia e a forma da Terra; o relevo submarino; a classificação das ilhas; a classificação do clima e a flora e a fauna do globo.

No caderno, a **definição de Geografia** é: “[...] o estudo systematico e racional do conjuncto de condições phisicas e politicas que formam o meio dentro do qual vive o homem. Sob o ponto de vista desta definição e o que o ensino geographico deve ser encarado para melhorar a comprehensão da materia” (QUEIROZ, 1922, p. 03). Junto com essa definição, os mapas, as cartas e os compêndios são tidos como auxiliares de um ensino geográfico que deve ser racional e sistemático, devendo assim orientar o espírito humano, tornando o ensino da disciplina suave e ameno.

Quanto à **divisão da Geografia**, essa é dividida em física e política:

Aquelle estuda a terra, seus accidentes naturaes, o relevo do solo com os seus multiplos aspectos, enfim o meio em que vive o homem. Esta considera a Terra como um theatro onde os homens vivem agrupados em sociedade munidos pelos vinculos sociaes de linguas, costumes, religião governo etc (QUEIROZ, 1922, p. 05).

E continua a enumeração: mas também dividia-se em astronômica, meteorológica, geológica, econômica, histórica, industrial e comercial. Rachel ainda escreve que existem muitas outras divisões e subdivisões, mas que “[...] se fossemos enumerar-as todas seria um nunca acabar, pois essas divisões e subdivisões correspondem ao objecto de que trata” (QUEIROZ, 1922, p. 07).

No que diz respeito à relação entre **o meio e o homem**, em primeiro lugar a parte física da Terra tem de ser estudada, para que o meio onde o homem habita possa ser compreendido. Isso, porque,

A influencia exercida pela natureza sobre o homem é enormissima. Este, isolado da sociedade longe do convívio dos seus semelhantes, vivendo no meio onde não possa receber os olhares rutilantes da resplandecente aurora da civilização, distante do progresso e da sciencia para resolver os magnos problemas da sua evolução atravez dos tempos e das gerações que se succedem, torna-se um escravo submisso e humilimo da natureza (QUEIROZ, 1922, p. 08-09).

Entretanto, o homem civilizado:

[...] instruido moral e intellectualmente relacionando-se com os seus semelhantes formando grupos sociaes e conhecendo a maneira de empregar a sciencia nos diversos ramos de trabalho reage sobre a natureza e produz obras gigantescas que assombram, inventa o telegrapho e o telephone a imprensa e a locomotiva [...] (QUEIROZ, 1922, p. 09-10).

Essa imponência do homem frente ao meio, também pode ser lida na parte do caderno dedicada à **Cosmografia**: “[...] a sciencia que estuda a origem hypothetica da Terra” (QUEIROZ, 1922, p.12). Cosmografia que é relacionada à cosmogonia teológica na explicação sobre a origem da Terra: “Estribando-nos na sciencia moderna, podemos diser desassombradamente, que para a formação do nosso planeta foram precisas 6 epocas que correspondem aos 6 dias do livro de Moysés” (QUEIROZ, 1922, p. 13). No primeiro dia a Terra se materializa e toma forma, no segundo surgem a água, os mares, os continentes e os animais invertebrados, no terceiro aparecem os animais vertebrados, mas ainda há ausência de mamíferos, no quarto os dinossauros dominam a Terra, no quinto espalham-se pela superficie os mamíferos e pelas águas os peixes e, no sexto e último dia:

[...] depois de tudo preparado quando a Terra já se achava referta de seres organizados; quando a puresa do ar e o grau de calor atmosferico permitiam no seu ambiente a vida humana; quando tudo era belleza, encanto formosura e poesia, o homem, o mais intelligente e o mais perfeito de todos os seres, o fim maravilhoso e sublime da grandiosa e gigantesca obra da criação do mundo, a imagem e semelhança de Deus fez a sua entrada triumphal no orbe terraqueo destinado pelo onipotente para ser o rei absoluto da natureza (QUEIROZ, 1922, p. 16-17).

Em relação a essa peculiar Cosmografia, depois de lermos a propósito do que os gregos e os egípcios pensavam a respeito da **forma da Terra**, ora como “[...] uma grande mesa circular, repousando sobre doze columnas [...]”, ora como “[...] um globo imenso repousando sobre enormes

elefantes de bronze [...] (QUEIROZ, 1922, p. 17), entre outras teorias fantásticas de uma “[...] época riquíssima de imaginações as mais extravagantes [...]”, apreendemos que a Terra “[...] tem a forma de esferoide ligeiramente achatado nos polos, por causa da rotação em torno do seu eixo” (QUEIROZ, 1922, p. 18).

Ainda no Caderno de “*Geographia*”, temos uma minuciosa caracterização do planeta, iniciada pelo **relevo submarino**. Rachel faz anotações a respeito da oceanografia, indicando que é “A parte da geographia que estuda os diversos oceanos precisando a sua profundidade, o seu relevo, a sua composição química de suas águas, os seus diversos movimentos, a sua temperatura e as suas cores diversas, sua fauna sua flora [...] (QUEIROZ, 1922, p. 20). E a propósito das inúmeras expedições que exploraram as profundezas do oceano buscando conhecer o relevo, solo, temperatura, densidade, salinidade, profundidade, fauna, flora e velocidade de suas correntes, anota: “Essas expedições exploradoras recolheram as mais importantes observações sobre o elemento líquido que envolve parcialmente o exterior do nosso planeta, os quais foram verdadeiras surpresas para os geographos” (QUEIROZ, 1922, p. 22-23).

Nesse mesmo contexto, temos a **classificação das ilhas**. No caderno, a ilha “[...] é uma massa de terra firme, menor do que um continente e rodeada d’água por todos os lados” (QUEIROZ, 1922, p. 36). Quando aglomeradas, são denominadas de arquipélago. Podem ser costeiras ou litorâneas, marítimas ou oceânicas, fluviais ou lacustres, de aluviões, vulcânicas e madreporicas. Os exemplos de cada tipo são variados, desde a Ilha de Marajó, ilha costeira localizada no Estado do Pará, até Fernando de Noronha que é um arquipélago de origem vulcânica, pertencente a Pernambuco.

Em meio a tantas classificações e explicações detalhadas, defrontamo-nos com um curioso “Questionário dos pontos de Geographia” com questões que parecem exigir o mesmo detalhamento por parte dos estudantes:

1ª Questão – Que sabeis sobre a forma e a estrutura da Terra?

2ª Questão – Quantos são os movimentos da Terra e quaes os principaes e sua velocidade num segundo de tempo? (QUEIROZ, 1922, p. 46).

Após essas questões, encontramos a **classificação do clima**. A respeito disso, Rachel anota em seu caderno que a umidade, as correntes aéreas e marítimas, a altitude e a latitude, entre outros fatores geográficos, desempenham um papel importantíssimo na variação climática de regiões e países. Sendo os climas classificados “[...] quanto à temperatura em quentes, temperados e frios; quanto ao estado hygrometrico do ar em climas humidos e seccos. Lapparent, porem, classifica-os em duas cathegorias apenas climas maritimos e continentaes” (QUEIROZ, 1922, p. 54). O clima marítimo caracteriza-se pela pouca amplitude térmica entre o inverno e o verão, enquanto o clima continental, ao contrário, possui grande amplitude térmica em relação às referidas estações.

Quanto à temperatura média, esta pode ser obtida com o uso de termômetro e a partir do cálculo aritmético de diferentes medições que podem ser diárias, mensais ou anuais. Já as linhas isotérmicas, aquelas propostas por Alexander von Humboldt, “[...] unem diversas regiões que possuem a mesma temperatura media” (QUEIROZ, 1922, p. 61). Contudo, em relação ao clima, uma das partes mais interessantes diz respeito às suas influências sociais:

Os climas exercem uma influencia extraordinaria sobre a destribuição dos animaes e dos vegetaes na superficie do globo. O clima excessivamente quente torna o homem preguiçoso e indolente, ao passo que o temperado, torna o homem trabalhador, activo, alegre e emprehendedor. O clima frio faz do homem um taciturno, um pensador profundo, dado aos estudos da natureza. Um clima agradavel, um céu puro e límpido a serenidade do ar e a belleza do meio physico, faz do homem um folgazão, um typo talhado para as grandes conquistas das sciencias, das bellas artes, do commercio. As tonalidades variadas das zonas temperadas, a mudança das estações, obrigam o homem a se precaver contra as eventualidades tornando-o operoso, activo e trabalhador.

As suas faculdades intellectuaes e a energia da sua actividade physica ahi se desenvolvem consideravelmente. Em resumo o clima quente torna o homem indolente, o frio enerva-o, a insalubridade enfraquece-o, o clima nebuloso traz-lhe a melancholia e a tristeza; mas em compensação torna-o reflectivo e ponderado. Do exposto concluímos que do clima dependem a riqueza ou a pobreza do reino animal e vegetal, o grau de habitabilidade das regiões, a saúde de seus habitantes, a actividade do homem o desenvolvimento e o progresso das industrias, do commercio e da agricultura, a evolução das sciencias e das artes e das diversas nações do globo (QUEIROZ, 1922, p. 62-64).

Após essa exposição reveladora, Rachel ainda anota sobre a **flora** e a **fauna** do globo. Quanto à flora, são “[...] seres organizados que vivem sobre a superfície do nosso planeta, como também na superfície dos mares e nas suas profundezas [...]” (QUEIROZ, 1922, p. 71); a temperatura, a umidade, a luz, o solo, a altitude e a latitude são elementos importantes para compreendermos a sua variedade. Sobre a fauna, escreve que cada espécie ocupa uma zona geográfica chamada de habitat e que o número de indivíduos diminui de tamanho, de número e de espécie à medida que caminhamos da linha do equador para os polos.

Diante dessa *Geografia Física* que foi estudada por Rachel, ilustrativa de parte dos conteúdos de Geografia que eram ensinados no início do século XX, agora nos deteremos nas **formas** e como esses conteúdos teriam sido aprendidos pelos alunos da época.

Ao nos deparar com a indicação abreviada do nome de Manoel Bomfim (1868-1932) na seguinte citação: “Do conjuncto de condições phisicas como diz M. Bomfim a parte mais importante é a própria Terra” (QUEIROZ, 1922, p. 03), julgamos ter sido esse autor uma importante referência para a Geografia que Rachel estudara.

Cientes disso, levantamos informações a respeito de Manoel Bomfim e, com base em duas publicações, nos inteiramos das atividades desse intelectual do início do século XX. Uma delas foi a tese de doutorado de Terezinha Alves de Oliva, *O Pensamento Geográfico em Manoel Bomfim*, defendida em 1998, no Programa de Pós-Graduação em Geografia, da UNESP, Rio Claro, sob a orientação do professor doutor Silvio Carlos Bray. Partindo dessa tese, chegamos ao livro de Manoel Bomfim, *Lições de*

Pedagogia, Theoria e Prática da Educação, publicado pela Livraria Francisco Alves, no ano de 1920, em sua segunda edição.

Na primeira publicação, Oliva (1998) nos fornece dados relevantes sobre o médico sergipano Manoel Bomfim, que tinha por preocupação a identidade e o caráter da nação brasileira. Foi republicano, abolicionista, jornalista e professor da Escola Normal do Rio de Janeiro. Seus textos revelam cores nacionalistas, porém não ufanistas. Não possuía uma determinada especialização. Seus conhecimentos eram gerais, suas atitudes vanguardistas, suas posições admitiam as condições de nação mestiça e assumiam a educação como integradora do país. Sua visão em relação ao Brasil era a de um nativo e não a de um estrangeiro. Vivera na virada do século XX e escrevera, inserido na sociedade da *belle époque* carioca. Suas colocações intelectuais eram as de cientista-militante, condenando a imigração, pois a considerava um elemento “perturbador e embaraçoso” para o momento histórico vivido pelo país. Entendia que o problema brasileiro não era racial e, sim, muito mais cultural.

É notória a filiação de Manoel Bomfim às ideias de Auguste Comte. Em relação ao pensamento geográfico, revela a preocupação constante da relação do homem com o meio ambiente, especialmente na América Latina e no Brasil: “Para Bomfim, a consciência humana realiza-se em correspondência com as necessidades de adaptação ao meio social, enquanto a adaptação ao meio físico é obra da sociedade. É esta ação coletiva que garante ao homem a supremacia na natureza” (OLIVA, 1998, p. 78).

Mas é a partir do livro *Lições de Pedagogia, Theoria e Prática da Educação*, com conteúdos dirigidos para o curso de Pedagogia da Escola Normal, que melhor compreendemos os conteúdos presentes no Caderno de “*Geographia*”.

Em seu índice geral, são apresentados 24 capítulos, mas é o capítulo XIII, *Methodologia da Geographia*, que mais nos interessa. Nesse capítulo (p. 231-249), Bomfim tece considerações sobre o ensino e o aprendizado da ciência geográfica, apresentando a sua definição,

recomendando o ensino de mapas e recorrendo às noções de História, Astronomia, Física e Química como auxiliares nas explicações geográficas.

Para ele, era indispensável definir preliminarmente o objeto da disciplina e determinar o seu papel e sua utilidade no preparo do indivíduo. Quanto ao primeiro aspecto, lembra que a disciplina não é apenas a “descrição da Terra”, sem “[...] conexão racional de princípios, sem systematisação scientifica dos factos [...]” (BOMFIM, 1920, p. 231-232). Com esta definição simplória, a Geografia torna-se uma disciplina “[...] insípida, estéril e incompleta enumeração de dados topographicos e estatísticos, sem valor mental sinão o da sua utilização immediata, para elucidação de circumstancias materiaes” (BOMFIM, 1920, p. 232). A didática aplicada a essa Geografia conduz o aluno a incompatibilizar sua inteligência, desinteressando-se pela disciplina. Disciplina esta que contém “[...] um ensino interessante, curioso e racional [...]” e “[...] de grande valor educativo, indispensável no preparo geral do indivíduo [...]” (BOMFIM, 1920, p. 233).

Mais adiante, lemos a definição de Geografia de Bomfim, similar àquela anotada por Rachel em seu caderno:

A Geographia é o estudo systematico e racional do conjuncto de condições physicas e politicas que formam o meio dentro do qual vive o homem. Assim deve ser entendida; assim tem de ser ensinada. A parte mais importante, nesse conjuncto de condições physicas, é a própria Terra; por isso mesmo começa por ahi o estudo da Geographia; por isso mesmo, tem tão grande desenvolvimento a parte descriptiva (BOMFIM, 1920, p. 233).

Segundo o autor, os fatos, os fenômenos e as causas que são tratados pela Geografia devem referir-se às relações dos aspectos naturais. As explicações são apresentadas pelas localizações, direções e configurações a partir do uso de mapas. Para ele, a instrução geográfica recorre mais à imaginação “[...] uma manifestação essencialmente activa da intelligencia – esforçando-se por imaginar e conceber cada um dos aspectos topographicos, como reconstituição propria, baseada nos dados fornecidos pela descrição e pelas cartas” (BOMFIM, 1920, p. 236).

Como exemplo de fato geográfico, o autor esclarece a importância da orografia, pois “Um continente depende da disposição dos seus massiços montanhosos, porque a montanha, é, finalmente, o esqueleto das terras” (BOMFIM, 1920, p. 236). É essa geografia física que será base do estudo político.

Desse modo, os mesmos processos de descrição dessa orografia, são aplicados a todos os continentes, procurando comparar os traços gerais comuns, partindo de interrogações que conduzirão a aprendizagem dos alunos:

Porque é que certos accidentes apresentam tal ou qual forma?... Quaes os agentes que os determinaram?... Como se explica a acção desses agentes?... Como se combinam as influencias dos diversos agentes – ventos e chuvas, humidade e calor?... Porque se escolheram taes e taes pontos para a localização das cidades?... Como se explica as diferenças de fauna e de flora?... Que é que determina o traçado das estradas de ferro? (BOMFIM, 1920, p. 241).

E, assim por diante, chamando atenção para a localização, diferenças, determinação, com “considerações elementares” de Astronomia, Meteorologia, História, Mecânica, História Natural, Física, Química, Comércio e Indústria, chegando à conclusão de que a Geografia é a disciplina mais educativa do programa, por relacionar todos esses conhecimentos.

No ensino da Geografia, portanto, é preciso englobar todos esses saberes com a distribuição, a formação, o movimento, a relação, a classificação, a ação e todos os aspectos físicos de acordo com os climas e topografias, com a população, as raças, as vias de comunicação, a produção, enfim, a “[...] acção do homem sobre a natureza, reflexo da natureza sobre o homem...” (BOMFIM, 1920, p. 241), requerendo-se o emprego de “recursos representativos” (BOMFIM, 1920, p. 242) como: o globo terrestre, as coleções de mapas, de rochas e minerais, as ilustrações, gráficos e fotografias e os modelos em relevo.

Para Bomfim, a criança, aos oito, nove anos de idade, deve estar preparada para três sentidos: apreciar e valorizar a descrição da Terra, compreender a existência e as relações “sideraes” e, por fim, decifrar o uso de mapas e gráficos.

Para isso, a Geografia, como todas as outras ciências, tem as suas tecnologias, sendo necessário atentar para a distinção entre “fatos”, “acidentes” e “convenções”. Segundo o autor, não convém começar o ensino por convenções como longitude, latitude, orientação, horizonte, polos, meridianos, paralelos, eclíptica... “[...] porque, sem a necessária base de conhecimentos intuitivos, o aluno não saberá referir a essas expressões o valor da ideia que nellas se contém [...]” (BOMFIM, 1920, p. 243). Ao passo que fatos ou acidentes como ilha, península, cabo, istmo, vale, montanha, rio, lago... “[...] são denominações de cousas concretas, observadas; as respectivas ideias devem ser adquiridas pela observação – pela observação directa, ou mediante conveniente descripção, ilustrada por gravuras e cartas” (BOMFIM, 1920, p. 243-244).

Ao concluir essas considerações, Bomfim aponta que “[...] ao estudo da Geographia se deve applicar o methodo normal de observação – o methodo inductivo-deductivo, porque, como todas as outras disciplinas, a Geographia offerece ao estudo factos e principios geraes” (BOMFIM, 1920, p. 246-247). Ao dar ênfase aos “factos”, lembra a extensão desses no tempo e no espaço de suas ocorrências e a impossibilidade de observação direta pela criança. Daí, a necessidade de se recorrer à imaginação e à representação, levando o aluno à organização intelectual, quando evocados os acidentes geográficos. Diz ele: “Não é somente na memoria que se devem gravar os dados e as formas geographicas, mas também na imaginação” (BOMFIM, 1920, p. 247).

Disso tudo, pensamos que o valor histórico, geográfico e pedagógico do Caderno de “*Geographia*” é o de evidenciar como outrora teriam sido as aulas de Geografia, em particular, as da estudante Rachel. Essas aulas envolviam o seu cotidiano. Daí, entre suas folhas, encontrarmos os nomes de algumas de suas colegas de turma e o apelido que tivera

quando estudante, traços de suas convivências no Colégio da Imaculada Conceição.

Do paralelo realizado entre o caderno de Rachel e o livro de Bomfim, podemos constatar a correspondência entre vários pontos que indicam como a Geografia era estudada e ensinada na época:

- Era a parte física da Terra que primeiro tinha de ser estudada e ensinada pela Geografia, a partir da descrição e apreensão de suas formas;
- Buscava-se evitar a simples memorização com a descrição dos fatos ou acidentes, considerando a conexão de seus princípios de maneira sistemática e racional;
- O uso do globo terrestre, de mapas, cartas, compêndios, além de outros materiais, era importante no processo de ensino e aprendizagem e correspondia às técnicas e tecnologias de que o ensino de Geografia dispunha na época;
- As relações que a Geografia estabelecia com outras disciplinas, como a História, a Astronomia, a Química, a Biologia, entre outras, eram de grande importância, e;
- A Geografia já gozava de uma posição de destaque na educação, sendo os seus conteúdos os mais atuais para o momento.

Essa Geografia encantou o imaginário de menina de Rachel e, assim como a literatura, fez com que ela percorresse mares, escalasse montanhas e descobrisse ilhas. Talvez por isso, muito depois dessas lições, a escritora, ao percorrer a história, a geografia e a cultura do seu querido Estado, escreveu aquele que talvez seja o livro que melhor expressa a fundação de sua realidade geográfica... *O Nosso Ceará*.

O amor pela sua história, sua terra e seu povo em *O Nosso Ceará*

E por mim confesso que tinha o maior acanhamento em mostrar o sertão na quadra seca ao pessoal da Bahia pra baixo. Só depois que conheci a nudez de outono e inverno em outras latitudes foi que perdi a cerimônia. Esse negócio de mata tropical, permanentemente verde e úmida, é coisa de subdesenvolvido, que não conhece as alternativas das estações; para eles é sempre uma coisa só. Mas nas terras civilizadas da Europa e Norte-América, o ritmo é semelhante ao nosso, no Nordeste. Folha nasce e folha cai no tempo certo, e ninguém na Alemanha ou na Escócia se lembraria de ter vergonha de mostrar aos de fora a nudez das árvores ou a grama queimada e morta (QUEIROZ, 1995d, p. 83).

Escrito com a colaboração de sua irmã, Maria Luiza de Queiroz, *O Nosso Ceará* é um livro em que o Ceará é vislumbrado de maneira apaixonada. Nele, Rachel conta a história, a geografia e a cultura cearense sem nenhum acanhamento: suas glórias, belezas, atributos, mas também seus problemas, dilemas, agruras. Mais do que um mero livro de história e de geografia, *O Nosso Ceará* é um relato, um depoimento de Rachel sobre o seu Estado. Se no título a escritora conclama o Ceará como NOSSO, é porque o que nele é narrado, com diferentes cores e nuances, diz respeito a todos os cearenses. Assim, quando o lemos, constatamos o tom pessoal, íntimo, a “conversa” que a escritora trava conosco.

Arnaldo Niskier, no prefácio do livro, indica que *O Nosso Ceará* foi produzido como homenagem aos estudantes do Ceará, homenagem de uma escritora que se formou professora normalista, ainda aos quinze anos de idade: “Ela, que no início da vida foi também professora, entendeu que deveria prestar a contribuição ao maior conhecimento da saga cearense, sua história e seus dramas (sobretudo a seca), disso resultando uma obra indispensável aos que desejam conhecer, com propriedade, a vida gloriosa e a resistência heroica do povo cearense” (NISKIER, 1996, p. 5).

Considerando os diferentes temas que o livro aborda no decorrer dos seus onze capítulos, lemos sobre a história do Ceará (Histórico; Uma Heroína Cearense: Dona Ana Triste), sobre os aspectos físicos do Estado (O Litoral; As Serras; O Sertão; O Cariri), sobre as agruras e preocupações que

decorrem da seca (O Tempo do Medo; As Secas) e sobre suas características culturais (Religião; Doces e Frutas). Diante dos conteúdos desvelados, no final Rachel busca responder a questão: “Afim, o que é o Nordeste”? Vale salientar que todo o livro é entremeado por belas imagens, em preto e branco, que anunciam a prosa que está por vir.

Assim, em *O Nosso Ceará* lemos sobre os heróis e heroínas que fizeram parte da **história** do Estado. Desbravadores, revolucionários e guerreiros, como Martin Soares Moreno (o “fundador” do Ceará, romanticamente idealizado por José de Alencar, em seu livro *Iracema*, como o “guerreiro branco”, namorado e esposo da “virgem dos lábios de mel”), Tristão Gonçalves Alencar de Araripe (o revolucionário da Confederação do Equador), Francisco José do Nascimento (o abolicionista “Dragão do Mar”), Antônio Sampaio (o General na Guerra do Paraguai), mas também os “romeiros” ou “jagunços” de padre Cícero que lutaram na Insurreição de Juazeiro, entre outros. Entretanto, em meio a tantos ilustres, o destaque de Rachel é para Donana Lima Verde (a Ana Triste): “[...] a mais complexa heroína romântica da nossa história, pois na sua longa vida não teve outro gosto senão o de amar, e de a esse amor se devotar por completo” (QUEIROZ; QUEIROZ, 1996, p. 17).

Esposa de Tristão Gonçalves Alencar de Araripe, Dona Ana, acompanhou a luta do marido na Confederação do Equador, movimento revolucionário de caráter separatista e republicano ocorrido em 1824 no Nordeste (então Norte) do Brasil, tendo Pernambuco como centro irradiador e o apoio, entre outras províncias, do Ceará:

[...] ela, embora não se mostrasse varonil e política como a sua sogra, a famosa Dona Bárbara [Bárbara Pereira de Alencar, avó de José de Alencar], sabia também ser heroína a seu modo. Acompanhava sem desfalecimento o glorioso marido – na conspiração, na batalha, na derrota e, depois, na prisão.

Preso com ele ficou em Fortaleza, na repressão do movimento de 17 [Revolução Pernambucana]. E quando Tristão foi transportado, posto a ferros para a Bahia, à Bahia também se encaminhou Dona Ana, e só com ele voltou, depois das anistias da Independência (QUEIROZ; QUEIROZ, 1996, p. 17).

Mas após a morte de seu marido, que fora abatido em Santa Rosa (hoje um local inundado pelo açude Castanhão, no Ceará) e depois de ter sofrido a agitação da revolução:

Cortou os cabelos, encerrou-se como uma freira. Nunca mais pôs em cima do corpo uma coisa que não fosse preta; diz a tradição da família que na sua casa até os bichos eram pretos – os gatos de colo, as graúnas das gaiolas, as galinhas no terreiro.

E a viúva abandonou os apelidos de família, passando a usar e a assinar apenas os nomes com que a dor e a guerra haviam crismado: chamou a si mesma Ana Triste; e, como legado do herói, conservou o sobrenome de Araripe, que ela adotara durante a revolução.

Morreu velhinha, aos 85 anos de idade. E essa longevidade prova que lágrimas não matam; não matam mas mumificam. A bela e feliz moça Ana, ao desposar no Crato o filho de Dona Bárbara, estava tão longe da ressequida viúva de Tristão, que durante cinquenta anos penou no mundo, quanto pode estar longe uma viva de uma morta. E nem sequer o nome elas tinham em comum – uma fora a feliz Donana Lima Verde – e outra era apenas a velha Ana Triste (QUEIROZ; QUEIROZ, 1996, p. 19).

Rachel, como em muitas de suas obras, a partir do drama de Ana Triste, elucida a importância do papel da mulher na sociedade e, nesse caso, na história do Ceará. São esses nomes e suas sagas, em diferentes espaços e tempos, que dão os contornos iniciais daquilo que vem a ser o Ceará narrado pela escritora. Lugar erigido por heróis, mas também por heroínas, por lutas, insurgências, vitórias e derrotas que marcaram o seu povo, a sua história, definindo o seu território, a sua geografia. Uma *geografia heroica* que,

[...] abarca, de fato, dois aspectos bem diferentes: é obra do “herói”, personagem meio fabuloso meio histórico, se produzindo na atmosfera da “fábula”, em um mundo legendário em que se exaltam as virtudes viris, conquistadoras. Mas ela entra mais plenamente no horizonte de uma consciência histórica, quando essa geografia se torna “heroica” pelos riscos assumidos, pelo espírito corajoso e empreendedor (DARDEL, 2011, p. 71).

Diante disso, a concretude das experiências narradas por Rachel é fundamental à consciência histórica do povo cearense e, mais especificamente, à sua própria consciência histórica. Elas demonstram a indissociabilidade entre o tempo, o espaço e a cultura e fundam o lugar denominado Ceará. Como diria Michelet, citado por Prince: “history is all geography” (PRINCE, 1961, p. 25).

Em *O Nosso Ceará* também é revelada por Rachel a diversidade da natureza cearense. Segundo Miranda:

Uma das faces de Rachel de Queiroz, pouco conhecida, é sua amizade com a natureza. Ela cresceu nos sertões e percebeu o valor que tem cada árvore, cada tufo de macambiras, a beleza cortante dos conjuntos de mandacaru nas lajes, as paisagens sob irradiação do sol ou da lua... Rachel dividia a natureza cearense em quatro: o *litoral arenoso, as serras, o sertão e o Cariri*. Para esses mundos dedicou suas melhores palavras (MIRANDA, 2010b, s.p, grifo nosso).

São paisagens que Rachel vivenciou em diferentes momentos de sua vida. Paisagem que é “[...] primeiramente *vivenciada* e depois, talvez, falada, a palavra buscando, sobretudo aqui, prolongar a vida, ou melhor, o vivo que faz da paisagem uma experiência (BESSE, 2014, p. 47, grifo do autor).

No Ceará, as planícies costeiras ou litorâneas, ou como prefere Rachel, o **litoral arenoso**, tem 573 quilômetros de extensão e largura variada. Seus limites são com o Oceano Atlântico a norte e a nordeste.

Tais planícies foram formadas ao longo do Período Quaternário e são compostas de praias, dunas móveis (sem cobertura vegetal) e dunas fixas (estabilizadas por vegetação), lagoas, manguezais e falésias. Enquanto as praias e as dunas são depósitos de areia de composição quartzosa acumulados pelos agentes de transporte marinhos e eólicos, muitas das lagoas litorâneas são interdunares, formadas a partir do acúmulo de água das chuvas. Já os manguezais são formados a partir de acumulações fluviomarinhas junto às desembocaduras dos rios que deságuam no oceano, constituindo-se de sedimentos argilosos, siltosos e arenosos misturados com matéria orgânica (SILVA et al, 2004). Quanto às falésias, de cores que podem variar do vermelho ao branco, por muito tempo tiveram em suas areias a matéria-prima para as conhecidas garrafas de areia colorida comumente encontradas em locais turísticos de toda região Nordeste. São uma forma de relevo litorânea típica do litoral cearense, de característica abrupta ou escarpada resultante do trabalho do mar e de outros tipos de erosão na topografia costeira (GUERRA, 1966).

O litoral arenoso também apresenta espécies rasteiras, de porte herbáceo, como o bredo-da-praia, o cipó-da-praia, a salsa-da-praia e inúmeras gramíneas. De clima, majoritariamente, tropical quente subúmido, o seu índice pluviométrico varia em torno de 1.000 a 1.350 milímetros anuais e a temperatura média é superior a 24°C (SILVA et al, 2004).

Destaque de Rachel para praias urbanas como a de Iracema e a do Futuro em Fortaleza, com seus hotéis, clubes e restaurantes, mas principalmente para a de Canoa Quebrada em Aracati (Figuras 17 e 18), “descoberta” por “[...] bandos de jovens exploradores vindos do Sul”. “[...] novos bandeirantes, sempre subindo ao longo da costa, [que] encontraram os pescadores e as rendeiras do Aracati, e, nas choupanas de beira de praia, se instalaram como hóspedes bem-vindos” (QUEIROZ; QUEIROZ, 1996, p. 27). Em relação ao litoral cearense, a escritora ainda prosea:

O seu litoral inteiro é desdobrado por praias que, sem exagero, se podem dizer belíssimas. Da fronteira do Rio Grande do Norte à fronteira do Piauí, as praias se sucedem numa espécie de visão do clássico paraíso tropical – areias alvas, dunas, coqueiros, vegetação de beira-mar. Não sofre recortes violentos, golfos, baías – nem apresenta arquipélagos fronteiros: nele a linha do oceano é constante e, defronte da areia, está sempre o mar alto, sem paradeiro nem medida, até o lado de lá, na África.

O clima, nas praias, sofre muito poucas variações. Quente, mas extremamente ventilado, apresenta sempre um razoável índice pluviométrico, mesmo na estação seca, o nosso verão – quando o estio é cortado e refrescado em pleno outubro, pelas famosas “chuvas do caju”, no litoral. A terra na maior parte é enxuta, plana, só se abrindo em alagados junto à foz dos rios e riachos que vêm desaguar no mar

[...]

Depois de tantos oceanos azuis, ao voltar e vê-los outra vez, a frase nos sai do peito quase com o fervor de uma oração: “Verdes mares bravios de minha terra natal”.

Pois são realmente verdes os mares do Ceará. A pouca profundidade das águas litorâneas – aquele declive suave que vem desde o sertão se prolonga pela plataforma submarina, dá aos nossos mares o tom verde esmeralda intenso em que se reflete um céu distante, quase sempre limpo de nuvens.

Mar verde, bravio, porém leal. Não tem profundezas súbitas, não tem correntes enganosas, não tem “bocas” nem vórtices perigosos. Está todo ali, na superfície, bem à vista para quem o quiser conhecer e amar (QUEIROZ; QUEIROZ, 1996, p. 25).



Figuras 17 e 18: Praia de Canoa Quebrada no município de Aracati, litoral leste do Ceará.
 Fonte: (QUEIROZ; QUEIROZ, 1996, p. 29) / <http://oceanuscanoa.com.br/lancamento/wp-content/uploads/2014/12/bg.jpg>

Para Rachel, o litoral cearense é um paraíso, seus mares têm cor de esmeralda, seus ventos atenuam o calor tropical. A escritora tece palavras que adensam a nossa imaginação acerca desse litoral: ele é belo, ventilado, paradisíaco e o seu mar é bravio, leal, tem a cor esmeralda. É por isso que a propósito de Rachel, concordando com Dardel, podemos dizer que “O rigor da ciência não perde nada ao confiar sua mensagem a um observador que sabe admirar, selecionar a imagem justa, luminosa, cambiante. Ele somente dá ao termo concreto seu amparo e sua medida” (DARDEL, 2011, p. 3).

O mesmo acontece quando Rachel escreve sobre as **serras** de Baturité e Ibiapaba. Segundo Guerra (1966), o termo “serra” é muito impreciso, mas frequentemente usado para designar terrenos acidentados com fortes desníveis, como de escarpas, maciços, cuestras, entre outros. Para a escritora, estas “ilhas verdes”:

[...] são oásis de clima temperado no meio do agreste clima do sertão. Nas serras, as estações já se delineiam com menos abrupta dualidade – há chuva, há frio, há verão e há mesmo, querendo ver, um certo tempo de primavera e outono – o tempo das flores e o tempo das frutas (QUEIROZ; QUEIROZ, 1996, p. 37).

A Serra de Baturité é um maciço residual constituído de rochas muito antigas e resistentes do embasamento cristalino, como os gnaisses, granitos e migmatitos referentes à Era Pré-Cambriana. Localizada no centro-norte do Ceará, em meio à depressão sertaneja, tem altitudes que atingem níveis até acima de 900 metros como, por exemplo, o Pico Alto com 1.114 metros.

De clima predominantemente tropical, quente e úmido, o seu índice pluviométrico é superior a 1.350 milímetros anuais e a temperatura média é em torno de 22°C. Tal clima propicia uma grande variedade de espécies vegetais que alcançam até 30 metros de altura, como o pau d'arco amarelo, o torém, o ingá, o jatobá, por exemplo, além de várias espécies de samambaia (SILVA et al, 2004).

Nessa serra, entre as belas cachoeiras (Figura 19) e a vegetação abundante, temos o município de Guaramiranga (Figura 20), lugar onde Rachel, ainda menina, morou com seus pais durante um curto período de tempo. Além de ser um refúgio para os períodos mais secos do sertão, Guaramiranga, reunia vários parentes da escritora, convivências das quais podemos colher algumas impressões da menina em relação à serra: “Guaramiranga era assim uma espécie de paraíso para quem morava em Fortaleza – as flores, as rosas, os amores-perfeitos, o clima” (QUEIROZ; QUEIROZ, 1998, p. 21). Em *Guaramiranga*, crônica de novembro de 1945, publicada em seu livro *A Donzela e a Moura Torta*, Rachel nos conta mais sobre a antiga geografia dessa cidade:

Guaramiranga ou Conceição [antigo nome de Guaramiranga] é a mesma vila, com raros sobrados: o sobrado do Quincas Marcos, o sobrado dos Caracas, o sobradão do Dadá, que já foi colégio e hoje é convento de freiras. Ruas de barro batido tão salpicado de malacachetas que, quando o sol as açoita de chapa, parecem vestido de cômica ou escama de sereia.

[...]

Saudades de Guaramiranga; saudades da igreja de Lourdes, erguida no seu morro particular, sozinha lá encima com a flecha apontando entre palmeiras, o seu jardim e o seu patamar sombreado (QUEIROZ, 1994c, p. 177).



Figuras 19 e 20: Bica d'água e Guaramiranga (em destaque – igreja de Lourdes).

Fonte: (QUEIROZ; QUEIROZ, 1996, p. 44)/<http://www.brasil247.com>

Era em Guaramiranga que ela sentia “[...] o frio doce, com cheiro de jasmim e de laranjal!” (QUEIROZ, 1994c, p. 177). Lugar que, por sua geografia particular, parece não fazer parte do semiárido cearense. Geografia telúrica percebida pelos sentidos e tecida por lembranças, saudades, convivências e imaginação.

Já a Serra de Ibiapaba, também conhecida como Serra Grande, situa-se ao longo do oeste do Ceará, com uma extensão em torno de 400 quilômetros na direção norte-sul, nos limites com o Estado do Piauí. É um planalto sedimentar do tipo *cuesta*, forma de relevo dissimétrico, constituída por uma sucessão alternada das camadas com diferentes resistências ao desgaste e que se inclinam numa direção, formando um declive suave no reverso e um corte abrupto na chamada *frente de cuesta* (GUERRA, 1966, grifo do autor). As rochas que a constituem são especialmente arenitos e conglomerados, além de arcósios, siltitos e folhelhos, o que caracteriza o seu terreno sedimentar referente ao Período Siluriano-Devoniano. Sua altitude média varia de 650 a 900 metros, em alguns pontos indo além desses 900 metros.

O seu clima varia de tropical subquente úmido, em altitudes maiores, com índices pluviométricos superiores a 1.350 milímetros anuais e temperatura média inferior a 22°C, a tropical quente subúmido, no seu reverso, com índices pluviométricos que variam em torno de 1000 a 1.350 milímetros anuais e temperatura média superior a 24°C. Diante dessa diversidade geográfica, na Ibiapaba existem árvores que alcançam até 30 metros de altura, como as presentes na Serra de Baturité, como também espécies do cerrado e da caatinga como o mororó, o murici, o pau-jacaré e a camará (SILVA et al, 2004).

As feições da Serra de Ibiapaba se engrandecem ainda mais quando lemos em Rachel a geografia de cores e texturas que a singulariza:

Confinando a planície, de repente, um muro gigantesco se levanta, abrupto, cortando a visão. É a Serra da Ibiapaba – a Serra Grande – o maciço que separa o Ceará do Piauí. Dizem os estudiosos que serra, vale e planície, tudo aquilo foi fundo de mar. Na serra, ora a face nua de pedra furta-cor é áspera, disposta em camadas, ora a floresta cerrada de um compacto verde escuro, arrematada no alto pela linha de palmeiras. No meio do verde ou à superfície da pedra, sempre um lampejo d’água – em cachoeiras nevoentas ou em filetes que escorrem montanha abaixo como calda de açúcar desfiada (QUEIROZ; QUEIROZ, 1996, p. 37-38).

Ipu e Ubajara são municípios da Serra de Ibiapaba destacados por Rachel em seu livro. Neles, respectivamente, localizam-se a célebre Bica do Ipu (Figura 21), cachoeira imortalizada por José de Alencar no seu romance *Iracema* – nela banhava-se a índia Iracema, a já citada “virgem dos lábios de mel” – e o Parque Nacional de Ubajara, onde encontramos uma gruta calcária, à qual se pode chegar por teleférico, o conhecido Bonde de Ubajara (Figura 22).



Figuras 21 e 22: Bica do Ipu e Bonde de Ubajara em direção à gruta – Serra de Ibiapaba, CE.
Fontes: (QUEIROZ; QUEIROZ, 1996, p. 45) / <http://static.panoramio.com>

As águas da Bica do Ipu caem em forma de cachoeira de uma altura de 130 metros “[...] em linha reta, como uma tábua d’água, se despedaça na pedra e sobe outra vez em gotas e vapor”. Enquanto a Gruta de Ubajara “[...] vai descerrando vastas amplidões coloridas e desce terra adentro, sabe Deus até onde – ou o sabiam os índios” (QUEIROZ; QUEIROZ, 1996, p. 39).

Em contraste com estas verdejantes serras, temos as depressões sertanejas, onde está situado o **sertão**. No Ceará, as depressões sertanejas ocupam quase a totalidade do Estado e compreendem terrenos cristalinos

referentes à Era Pré-Cambriana. De relevos planos e suaves, com altitudes inferiores a 500 metros, correspondem a superfícies de aplainamento que foram elaboradas sob condições climáticas semiáridas.

Seu clima é tropical quente semiárido, com índice pluviométrico menor que 850 milímetros anuais e temperatura média maior que 26°C. Porém, pela irregularidade das chuvas, assim como pelo alto índice de evapotranspiração e as elevadas temperaturas, a vegetação da caatinga, do tipo xerófita, perde as folhas (caducifólias) durante os períodos secos, que tornarão a brotar somente com as primeiras chuvas. Como exemplos dessa vegetação, temos o marmeleiro, o sabiá, o mofumbo e cactáceas (Figura 23) como o xiquexique, o mandacaru, o facheiro e a coroa de frade (SILVA et al, 2004). Nesse ambiente, as estações podem ser resumidas em duas: o inverno e o verão... tempos que delineiam o dia a dia do sertanejo. Segundo Rachel (1996):

[...] inverno não quer dizer tempo frio, mas sim tempo de chuvas. Verão é a estação seca, durante a qual não chove nunca. Começa o inverno entre janeiro e março e o limite extremo para o seu início é o equinócio de 22 de março; por isso, o cearense põe a sua esperança última de inverno no dia de seu padroeiro São José, em 19 de março.

As chuvas devem ir até maio, no máximo junho, “os fins-d’água”. Julho já é o franco final de colheita do “legume”, o começo da apanha do algodão. Nas fazendas apartam-se as vacas de bezerros, solta-se o gado – outrora nos campos abertos, hoje nas grandes mangas ou cercados de arame – e se inicia o largo período de verão, quando não chove de modo algum.

Nem deve chover, porque a economia do agricultor cearense se baseia e prospera nessa dualidade de regime meteorológico (p. 49-50).

[...]

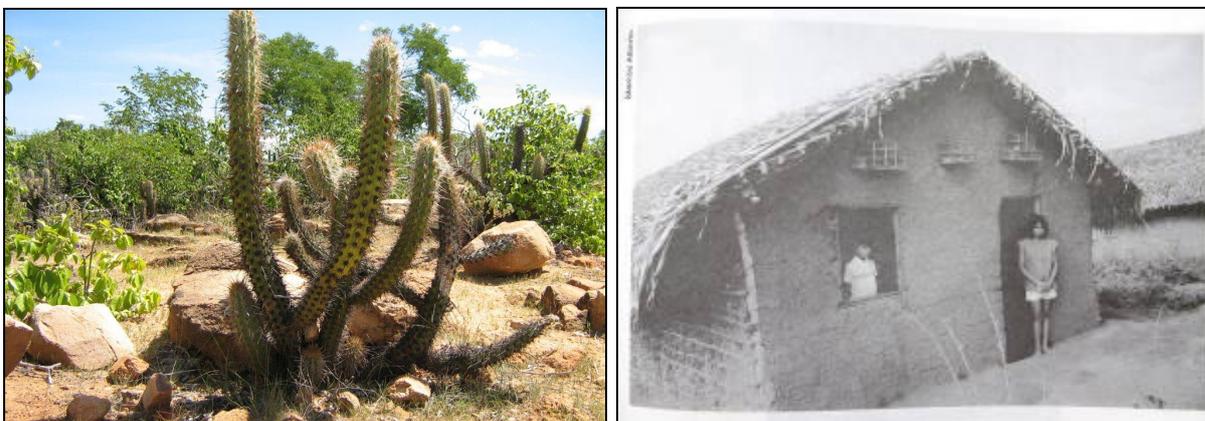
O tempo do inverno é o tempo do trabalho intenso: a planta, as limpas do mato que cresce com vigor extremo, a apanha do legume.

O verão é o tempo das festas, do descanso, das romarias, das viagens de recreio. Os caminhos ficam livres de lama, mato, águas correntes. O tempo é sempre maravilhoso, sol forte nas horas do meio-dia, noites amenas e até um ar fresco mais picante nas madrugadas brumosas, mormente em julho, agosto (p. 51).

Importante destacar o modo como o sertanejo vivencia esses diferentes tempos, denominando-os de modo bem particular, como bem elucida Ab’Saber:

[...] o povo que sente na pele os efeitos desse calor – extensivos à economia regional, pela ausência de perenidade dos rios e de água nos solos – não tem dúvida em designá-lo simbolicamente por “verão”. Em contrapartida, chama o verão chuvoso de “inverno”. Tudo porque os conceitos tradicionais para as quatro estações somente são válidos para as regiões que vão dos subtropicais até a faixa dos climas temperados, tendo validade muito pequena ou quase nenhuma para as regiões equatoriais, subequatoriais e tropicais (AB’SABER, 2005, p. 85).

No sertão, espaço e tempo são inextricáveis, definindo a natureza de sua paisagem e o cotidiano de seus habitantes. É diante dessa sazonalidade que o sertanejo migra e mesmo quando não migra, muda de casa: “[...] carregando com o madeiramento as forquilhas das paredes e as linhas do teto, e indo levantar casa nova mais perto do novo roçado ou da aguada, ou do transporte, conforme o capricho e a precisão” (QUEIROZ; QUEIROZ, 1996, p. 51). Casa de taipa (Figura 24) onde podemos encontrar o fogão de jirau, uma mesa e alguns tamboretas, potes e panelas de barro, redes de dormir e algumas panelas, mas que “[...] tal uma oca, quando envelhece, é só deixar cair, arma-se outra mais adiante (QUEIROZ, 2010e, p. 83).



Figuras 23 e 24: Vegetação típica do sertão e casa de taipa sertaneja.
Fonte: <http://static.panoramio.com/> / (QUEIROZ; QUEIROZ, 1996, p. 53).

Enfim, em relação à natureza cearense tratada por Rachel de Queiroz, temos o **Cariri**. Região mística e folclórica, permeada pela pujante religiosidade popular, relacionada não somente ao padre Cícero, mas também ao Santo Antônio e à tradicional Festa do Pau da Bandeira no município de Barbalha, por ilustres artesãos, como os mestres Espedito Celeiro e Noza, além dos tradicionais grupos folclóricos, como diversos

grupos de reisado e a Banda Cabaçal Irmãos Aniceto. Região também sob a influência dos atributos naturais da Chapada do Araripe, “[...] traço marcante que dá a essa região a sua originalidade” (BARROS, 1964, p. 550) compondo a identidade regional do Cariri.

Para Rachel, o Cariri é uma “[...] região fresca, alimentada pelas fontes que descem da Chapada do Araripe, espécie de barreira natural, de belíssima visão, ergue-se como uma segunda linha do horizonte, azul e constante, sem denteados de serra” (QUEIROZ; QUEIROZ, 1996, p. 61).

A mencionada chapada é um planalto sedimentar de relevo tabular, referente ao Período Cretáceo, cujo comprimento de leste para oeste é de cerca de 180 quilômetros e a largura de norte para sul varia entre 40 e 70 quilômetros, compreendendo parte do sul do Ceará, do leste do Piauí e do noroeste de Pernambuco.

Sua altitude varia de 700 a 900 metros, em alguns pontos ultrapassando os 900 metros e o clima tropical quente subúmido predomina em maior parte de sua área, com índices pluviométricos variando em torno de 1.000 a 1.350 milímetros anuais e temperaturas médias superiores a 24°C. Já a vegetação é variada, com árvores de até 30 metros, passando pela cobertura vegetal denominada carrasco, chegando a uma vegetação típica do cerrado, do tipo florestal, com espécies com caules tortuosos e folhas largas e brilhantes. Como exemplo da vegetação da chapada, temos a faveira, o pequizeiro e o cajuí (SILVA et al, 2004).

A Chapada do Araripe, por suas características geográficas peculiares e pela importância socioeconômica e cultural que possui para a região, podendo ser considerada um oásis em meio ao sertão, abriga áreas de preservação como a Floresta Nacional do Araripe, a Área de Preservação Ambiental da Chapada do Araripe e o Geoparque Araripe. Esse último é, até então, o único geoparque das Américas, de acordo com a Organização das Nações Unidas para a Educação a Ciência e a Cultura – UNESCO, reconhecimento obtido em 2006, diante do esforço conjunto do Governo do Estado do Ceará e da Universidade Regional do Cariri – URCA. Nessa chapada são desenvolvidas atividades de turismo e educação ambiental,

vinculadas à riqueza geológica, arqueológica e paleontológica da região. A ênfase é para seu precioso patrimônio fossilífero, referente ao Período Cretáceo, formado em torno de extensos lagos doces e salgados que há muito ali existiram. Disso, incalculáveis registros de uma biodiversidade pretérita foram preservados: algas, vegetais, insetos, moluscos, crustáceos, peixes, tartarugas, crocodilos, pterossauros, dinossauros, entre outros.

Na região do Cariri, as principais cidades são Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha. Sobre as duas primeiras, Rachel escreve o seguinte:

A antiga rivalidade político-religiosa que separava o Crato da vizinha Juazeiro é hoje coisa do passado; e se a rivalidade perdura é uma sadia competição em que se luta pelo progresso e desenvolvimento de cada uma das comunidades e em que as posições respectivas se mantêm mais ou menos estabilizadas; Crato, a mais antiga, continua mantendo o título de capital cultural da região; Juazeiro, hoje centro do progresso industrial e comercial, nasceu de uma capelania criada no último quartel do século XIX, em torno da figura apostolar do Padre Cícero Romão Batista, padroeiro e orago da cidade, cujo túmulo, na Igreja de N. S. das Dores e, acima de tudo, a estátua gigantesca situada no alto do monte do Horto, concentram a constante devoção dos romeiros que acorrem de todos os quadrantes do Nordeste (QUEIROZ; QUEIROZ, 1996, p. 61).

Juazeiro do Norte é o maior centro de peregrinações do Ceará. Lugar de visita de romeiros fiéis ao padre Cícero Romão Batista – o “Padim Ciço” (Figuras 25 e 26). Quando jovem, Rachel o conheceu em visita a esse lugar, como conta:

Quando o conheci, Meu Padrinho tinha mais de oitenta anos; já não parecia um ente humano, mas uma imagem animada, com aquela fala “diferente” a que se refere um cantador; exprimia-se numa linguagem arcaica, preciosa – a mesma linguagem que aprendera no seminário, que deveria ter falado em Roma quando lá foi justificar perante os doutores da Lei a sua crença nos milagres de Maria de Araújo [beata cuja hóstia recebida das mãos de padre Cícero se converteu em sangue] (QUEIROZ, 1994d, p. 33).

[...]

Ele tinha um comportamento de santo. Renunciou a tudo. Recebia fortunas em terras e distribuía tudo. Além disso acreditava em Deus, cumpria os mandamentos de Deus. Quem não reverenciaria um homem destes? (CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA, 1997, p. 38).



Figuras 25 e 26: Foto de padre Cícero e Missa campal em Juazeiro do Norte.
Fonte: (QUEIROZ; QUEIROZ, 1996, p. 67 e 69).

Pela admiração que tinha por padre Cícero, a escritora se dedica a contar a sua história na maior parte do capítulo referente ao Cariri. Lemos o Cariri como sinônimo de padre Cícero, figura ao mesmo tempo mística, mítica e religiosa, cuja história se mistura ao surgimento e crescimento de Juazeiro do Norte, a “capital regional” da região metropolitana do Cariri – região metropolitana criada pela Lei Complementar número 78 de 26 de junho de 2009 (CEARÁ, 2009). Sobre o referido padre, Rachel consagraria um poema que nos esclarece a influência religiosa, mas também política do padre na região:

Meu padrinho

(Autora: Rachel de Queiroz)

Meu padrinho...

É já velhinho, bem velhinho!

Mas tem a alma tão fresca quanto a flor do aguapé, quando abre de noite.

De tão curvado, lembra uma interrogação...

mas tem o espírito desempenado como uma exclamação enérgica...

Anda de preto como a visagem de um condenado...

mas tem o coração tão branco

quanto o vestido branco de Nossa Senhora...

Meu padrinho – só ele! – soube entender o caso do Nordeste.

Meu padrinho conhece a alma do cangaceiro,

como eu conheço a Fortaleza ensolarada:

recanto por recanto,

calçada por calçada...

Do seminário, foi pro Cariri.

Chegou – face de iluminado, alma de combatente –,

ainda não era “o meu padrinho...”

A surdir dentre as pregas da humildade e da sotaina,

todo brandura e mansidão,

era apenas:

“– Aquele padre novo, o Cícero Romão...”

Quem já viu furna de onça
 dê por visto o Cariri...
 Ali, vale quem pode...
 O respeito se mede
 pelo tamanho das facas,
 pelo conteúdo das cartucheiras...

E meu padrinho, heróico, idealista e santo,
 reproduziu o conto bíblico
 que as histórias sagradas contam
 com luzentes gravuras coloridas:
 “o profeta na cova dos leões...”
 Em vez de ser estraçalhado,
 ele foi mais que respeitado: foi amado...

E nos casebres, e na feira, e nos leitos de morte
 ou de junto do altar de sua igreja,
 foi estendendo irradiações de coração
 como uma aranha benfazeja...

Já meio século tem meu padrinho de luta ingente.
 A antiga furna
 é o Juazeiro civilizado,
 com ruas calcetadas,
 com luz elétrica,
 com gente mansa que passeia à luz do sol, à luz da lua sem receio de emboscadas...

E às vezes...
 – quem já foi onça
 nunca se esquece de dar dentada... –
 e acontece que a desgraça é feita,
 e meu padrinho chega tarde...

Muitas vezes, porém, o punhal ainda está pingando sangue,
 e o criminoso cai de joelhos, beijando a roupa
 de meu padrinho...
 “– Me perdoe, meu padrinho, me perdoe!
 Nunca mais pego em faca!”

Como ele está assim velhinho
 fizeram um meu padrinho,
 lá pela Europa, todo de bronze, que nunca morre...
 E, quando o de verdade for embora,
 dormir sobre o cansaço da labuta feita,
 o outro ficará rezando e abençoando,
 na grande praça,
 lá na cidade de sua glória...

Meu Irmão do Sul,
 antes de me abraçar,
 tire o chapéu e beije a mão de meu padrinho...

Fonte: (QUEIROZ, 2010f, p. 116-121).

Rachel, ao tratar da geografia cearense, do litoral, do sertão, da serra e do Cariri, transcende os aspectos físicos dessas paisagens, revelando uma geografia telúrica repleta de espacialidades, mas também de historicidades e geograficidades. A heterogeneidade dessa geografia não se dá somente pelas formas: planícies, maciços, planaltos, depressões e chapadas. Estas paisagens se unificam: “[...] em torno de uma tonalidade afetiva dominante, perfeitamente válida ainda que refratária a toda redução puramente científica” (DARDEL, 2011, p. 31).

Paisagens onde a natureza é, em grande parte, responsável pela formação de nosso espaço existencial: “La nature est beaucoup plus qu’une matière-ustensile, travaillé à des fins économiques, scientifiques ou esthétiques; elle donne un sens à l’existence” (LÉVY, 1992, p. 35). Compreendidas como o que está em torno do homem, como esclarece a própria escritora em entrevista a Nery:

Nunca descrevi uma paisagem senão em função de uma ação humana. A paisagem em si me deixa fria, não me empolga. Eu posso, por exemplo, ver a paisagem mais bonita do mundo, se tiver um pedacinho de muro derrubado, o menor sinal da presença humana ali, eu vou parar e cutucar a terra, a pedra, o tijolo, a ruína e deixar tudo de lado para contemplar aquele vestígio humano. O resto fica pequeno diante daquele vestígio: o céu, o mar, as estrelas (NERY, 2002, p. 83).

Com o propósito de ilustrar *O Nosso Ceará* de Rachel de Queiroz, foi elaborado um mapa pictórico (Figura 27) em que são ilustradas as paisagens sobre as quais Rachel destacadamente escreveu. Paisagens que, não sendo simples materialidades tangíveis, se mostram impregnadas de denso conteúdo intangível somente acessível a partir do universo das emoções (NOGUÉ, 2015).

De base topográfica tanto quanto biográfica, o mapa manifesta as relações da escritora junto aos diversos ambientes que vivenciou: o mar, a praia, as escarpas, as rochas, o solo, a fauna, a flora, as edificações e o povo nos apresentam um Ceará multifacetado, prodigioso por sua diversidade de gradações, de nuances que provocam a imaginação. “Cartografia emotiva” que aspira traçar a dimensão afetiva do espaço geográfico cearense; dimensão que ao mesmo tempo em que retrata a diversidade da sua natureza, desvenda a riqueza da cultura que lhe é intrínseca.

O NOSSO CEARÁ DE RACHEL DE QUEIROZ



Figura 27: A natureza e a cultura do/no Ceará em Rachel de Queiroz.

Essa relação mais íntima entre a natureza e o homem, em que o homem e a paisagem são um só, “Somos nós mesmos na nossa paisagem”, como escrevera Andreotti (2012, p. 6), também lemos nos capítulos em que Rachel escreve acerca do tempo do medo e as secas.

Ao tratar do **tempo do medo**, a escritora retorna à discussão a respeito dos dois tempos do sertão: o inverno e o verão. O inverno decorre de fevereiro a junho, período em que “Os rios correm, os açudes enchem, o gado engorda, um tapete verde cobre a terra toda, a caatinga vira um jardim. A natureza rebenta em flor verde, como numa explosão” (QUEIROZ; QUEIROZ, 1996, p. 73).

O verão transcorre de julho a janeiro, estação na qual as chuvas cessam, o feijão, o milho e o algodão são colhidos, a farinha e o queijo são preparados, a natureza muda de cor, com as folhas dos marmeleiros amarelando e o pasto secando, as festas, romarias e viagens começam e tudo é previamente preparado à espera do inverno novo: a broca do roçado, a retirada dos tocos para a passagem do cultivador (QUEIROZ; QUEIROZ, 1996, p. 73-74).

O tempo do medo inicia-se quando finda janeiro e não chove. O sertanejo começa a olhar para o céu com ansiedade, tentando desvendar-lhe os sinais. Passam os meses de março, abril, maio, e se a chuva não chega:

O sertanejo se vê sozinho – agora é ele e a terra. Sem santos amigos, sem recurso, sem esperança – pelo menos por um ano todo.

Tem de ir catar comida para o gado no pouco verde da caatinga desfolhada; cortar rama de juazeiro e canafistula; por fim o mandacaru espinhento, que é o recurso derradeiro.

O gado mais fraco começa a cair. Nas cidades os políticos se inquietam, dão de falar em se enviar socorro. Mas o socorro tarda. O governo, por sua natureza, é lento. E a fome vai chegando aos poucos, botando costelas à mostra nas crianças e nos bichos.

Os moços são os primeiros que vão embora. Ficam os pais e os meninos pequenos.

No leito dos açudes sem água e dos rios secos vão-se cavando as cacimbas, boca larga, rampa suave para o gado ir beber lá no fundo.

E então a seca se instala e seja o que Deus quiser (QUEIROZ; QUEIROZ, 1996, p. 75).

Rachel revela-se atenta aos tempos da natureza sertaneja: “Cada tempo tem os seus prazeres” (QUEIROZ; QUEIROZ, 1996, p. 51). Porém, prazeres que de tempos em tempos são tolhidos pelas secas (Figura 28).



Figura 28: A morte do gado com a seca no sertão.
Fonte: (QUEIROZ; QUEIROZ, 1996, p. 95).

A propósito da **seca**, a escritora remonta ao século XVI para narrar a sua história, desde a primeira vez que fora noticiada por Fernão Cardim, padre jesuíta que se encontrava entre Pernambuco e a Bahia, quando, na seca de 1583, observou as dificuldades por ela trazidas para a região. Desde então, no decorrer dos séculos, a seca sempre esteve presente, acompanhada de mortes, de saques, da marcha dos retirantes, da construção de açudes e mesmo do aparecimento do cangaço. No poema de nome *Verão*, publicado no jornal *A Jandaia* de 14 de janeiro de 1928, a jovem escritora poetiza sobre essa triste face do sertão.

Verão

(Autora: Rachel de Queiroz)

Fugiu o inverno, belo e molhado,
veio o verão...
E como tudo está mudado,
que diferença há no sertão!...

Como ficou a terra feia e seca!...
O céu irrita a gente
com seu azul impertinente...
Nem uma nuvem, nem uma marreca!...
Que é dos verdes capões, das matas lindas?
– os negros galhos nus
se agrupam em massas lúgubres, infindas...

E todo aquele preto sob a luz
do sol ardente, desconsola a vista...
– um juazeiro alegre recorta
na pobre mata escura e morta...
– o conjunto parece um luto futurista...

Algumas reses
magras, famintas, aparecem às vezes
pela beira do trilho...
E há no brilho
dos seus olhos chorosos, doloridos,
a angústia de um esmoler
que surgisse, implorando entre gemidos
uma esmolinha para comer...

O rio de águas túrbidas, ligeiras,
a redemoinhar num arremesso,
sufocadas na angústia das barreiras
– o rio das enchentes –
é todo areias plácidas, dormentes,
exibindo um livor de esqueleto de gesso...

No pequenino povoado
que fica bem à beira
do pobre rio morto e desolado,
– as casas de telhado cor de chama
parecem, sob o fogo que as inflama
tijolos a cozer numa caieira...

O sol em brasa foi consumindo
toda a beleza do sertão...
Quando virá o inverno úmido e lindo?
Como dura o verão!...

Fonte: (QUEIROZ, 2010g, p. 57-59).

Independente dos períodos secos que assolam a região, Rachel esclarece que o Nordeste não é propriamente seco, mas sim uma região que sofre de períodos irregulares de estiagem. Situação, segundo ela, que seria abrandada caso houvesse, por parte do governo, ações sistemáticas e efetivas de combate e prevenção aos efeitos dessas estiagens, pois: “Desde os governos coloniais, passando pelos presidentes da província, no Império, e mesmo depois da fundação da Inspetoria de Obras Contra as Secas, em 1909, a ação oficial nunca teve um seguimento continuado” (QUEIROZ; QUEIROZ, 1996, p. 88). Interessantes são as considerações da escritora sobre algumas possíveis soluções:

O que se poderia ter feito e não se fez. Desde a implantação de culturas mais adequadas ao semi-árido até o tipo de gado que se cria – por que bois, tão vulneráveis à seca, e não cabras, bicho renitente que consegue engordar na pior seca? O sertão é mesmo o reino dos bodes.

A açudagem tem sido logicamente apontada como a grande solução. [...] Mas acontece que, nos anos consecutivos da seca, a água das maiores represas se evapora ao sol ardente, e até os grandes açudes, como o famoso Orós, chegam a ficar com suas águas perigosamente baixas. Trata-se, então, da procura da água no subsolo, empresa quase sempre cara, porque os lençóis de água são profundos, e é difícil localizar os pontos propícios à perfuração (QUEIROZ; QUEIROZ, 1996, p. 88).

Hoje, o que vemos na televisão e lemos nas revistas e jornais, em relação às secas no Nordeste, não é muito diferente de outrora. No ano em que não chove ou chove muito pouco, diante do desmando de políticos que fazem questão de esquecer que existe vida no sertão, incontáveis famílias migram em busca de sobrevivência ou, quando permanecem em suas terras ou na terra daqueles para quem trabalham, esperam, com as forças que lhes sobram, pela passagem do verão.

Todavia, o Nordeste e, em especial, o Ceará e seu sertão não é (re)conhecido somente por seus dissabores. Em *O Nosso Ceará*, a escritora também narra a riqueza da cultura cearense a partir da sua expressão religiosa e culinária.

A **religião** é exemplificada pela escritora com a cantoria dos benditos. Cascudo (1972), explica que os benditos são cantos religiosos com que são acompanhadas as procissões e, antigamente, as visitas do Santíssimo. Exemplares da tradição religiosa oral, assim como representativos do catolicismo popular, os benditos são cantados por rezadeiras (Figura 29) no início e/ou no final de ladainhas, terços e novenas. Cantorias que vão se extinguindo, substituídas pelos novos cânticos litúrgicos, o rádio, a televisão e os hinos protestantes.

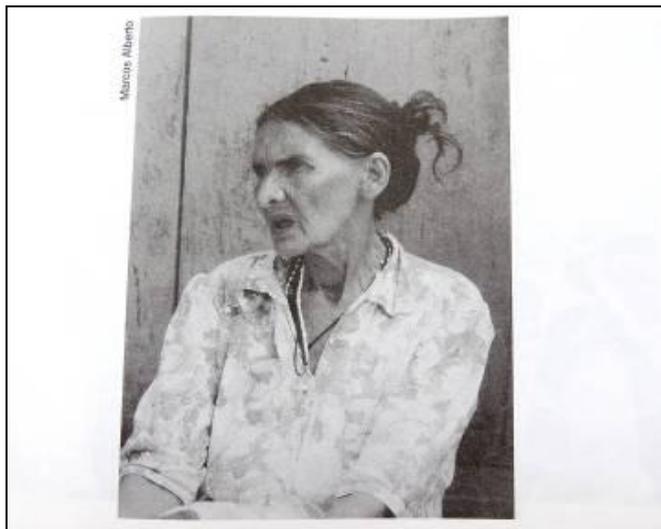


Figura 29: Rezadeira de benditos.
Fonte: (QUEIROZ; QUEIROZ, 1996, p. 103).

Dos vários benditos que por Rachel foram “[...] colhidos na fonte, da boca de velhas sertanejas ou de filhas suas que com elas os aprenderam” (QUEIROZ; QUEIROZ, 1996, p. 99), podemos ler o bendito de Santo Isidro (o lavrador), protetor dos campos; expressão da religiosidade, mas também da necessidade e gratidão do povo sertanejo:

Oh meu Santo Isidro	Não deixais morrer
Lavrador sagrado	A planta nem o gado
Filho da Espanha	Que nós cataremos
Nosso advogado.	Seja Deus louvado.
Nosso advogado	Seja Deus louvado
Soubeste escolher	Para o nosso bem
Viva Santo Isidro	Viva Santo Isidro
Com o vosso poder.	Para sempre amém.
Alegrai os campos	
Fartai os bichinhos	
Não deixais morrer	
Os nossos passarinhos.	

Fonte: (QUEIROZ; QUEIROZ, 1996, p. 100-101).

Já a cozinha que Rachel nos “serve”, concentra-se nos **doces e frutas** que podem ser saboreados no Ceará. Sabores essenciais na construção de sua identidade local, em que “[...] paisagem e sabor se misturam e se tornam uma só essência impregnada de gosto e aroma” (GRATÃO, 2014, p. 7).

Entre os doces, a escritora evidencia a rapadura que “[...] além de ser o doce de todas as horas, é também o alimento básico: feijão, farinha e rapadura é a trilogia clássica – sem eles não se vive” (QUEIROZ; QUEIROZ, 1996, p. 109). Derivada da cana de açúcar, muitos são os alimentos que fazem uso de sua doçura: a broa de goma, o chouriço, o doce de espécie (ou doce de gergelim), o aluá, e mesmo o café e a coalhada com ela podem ser adoçados. Rachel também nos ensina a arte de sua feitura:

A rapadura, o açúcar em sua forma mais primitiva e integral – é feita do caldo de cana puro, fervido, que sob a mão experiente do mestre de engenho vai engrossando nas dornas encravadas em fila sobre a fornalha. Transferido de dorna em dorna o mel vai sendo apurado, até chegar à última e menor delas, na qual estará já pastoso e borbulhante. Daí, então, no ponto exato que só o mestre ou um aprendiz privilegiado conhece, passará rapidamente às formas de madeira, previamente molhadas. Em poucos segundos a pasta endurece e estará pronta a rapadura. Desse mesmo mel podem ser feitas também as variantes – a rapadura “batida”, temperada com especiarias, o alfenim, os tijolos de frutas. E tudo muito doce, ao gosto do nordestino (QUEIROZ; QUEIROZ, 1996, p. 109).

Destaque também para as frutas: o caju (Figura 30), a ata, a pitomba, o cajá, o sapoti, a graviola, a ciriguela, a manga, o juá (Figura 31) e todos os alimentos e bebidas que lhes são derivados. Esta última, fruta do juazeiro, símbolo de vida no Nordeste: “[...] imutável, permanente, eterno, lembrando talvez na sua resistência e aparência, as oliveiras bíblicas. As gerações vão e vêm e já o encontram sempre como árvore adulta, tronco nodoso, a copa delineada e rígida como uma formação mineral” (QUEIROZ; QUEIROZ, 1996, p. 112).

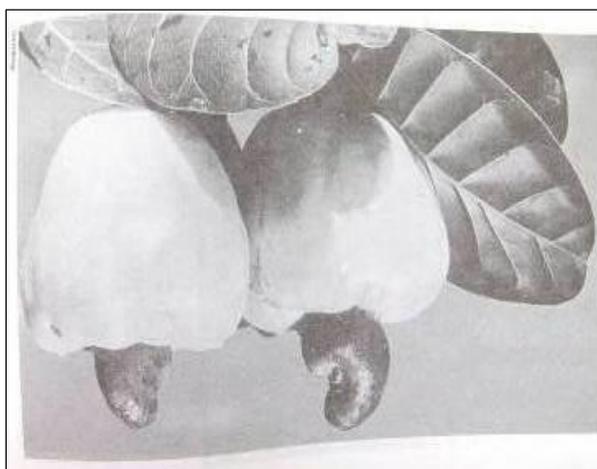


Figura 30: Caju.

Fonte: (QUEIROZ; QUEIROZ, 1996, p. 115).



Figura 31: Frutas citadas por Rachel em *O Nosso Ceará*.
Organização: CAVALCANTE, T. V., abril de 2015.

Em Rachel, os doces e as frutas desvelam a natureza e a cultura do Ceará. Seus sabores e o sabor de seus derivados (sucos, sorvetes, bolos, cremes etc.) apresentam a diversidade da geografia cearense por intermédio do paladar. Sabores que também descortinam histórias, identidades, as formas de comer e beber próprias do lugar.

O que a escritora nos oferece em *O Nosso Ceará* são suas vivências e experiências pela paisagem nordestina e cearense. Paisagem que a marca e a reflete. Se, de fato, concordando com Marandola Jr. (2014), é pela paisagem que inicialmente nos relacionamos com os lugares, é pelas paisagens de Rachel que podemos fazer do Ceará um lugar para nós, tanto quanto o é para ela. Paisagens unidas de história, de terra, de povo e contadas pela escritora com todo o seu afeto.

Enfim, podemos perguntar com Rachel: o que é o Nordeste? Ou mesmo, o que é o Ceará? E com ela respondermos: “Somos o resultado das condições peculiares do rincão em que nascemos” (QUEIROZ; QUEIROZ, 1996, p. 121).

O sabor em *O Não Me Deixes: Suas Histórias e Sua Cozinha*

E a dieta deles? O feijão, a farinha. Carne, só de longe em longe, bode, galinha ou peixe. Vaca, uma raridade, também, pelo preço que anda! Mais o café, a rapadura. No tempo, não mais de um mês por ano, o milho verde. Uma dieta paupérrima, claro. Mas, não é só a pobreza deles que a impõe. É escolha, indiferença, frugalidade (QUEIROZ, 2010e, p. 82).

É a respeito da sobriedade do sertanejo que Rachel narra, em sua crônica intitulada *Frugalidade*, de junho de 1977 e publicada no livro *Do Nordeste ao Infinito*. Sobriedade refletida na simplicidade do morar, do vestir e do comer que parecem amoldar-se à natureza e fazem parte da cultura sertaneja.

Em *O Não Me Deixes: Suas Histórias e Sua Cozinha*, essa natureza e cultura reaparecem a partir das histórias e receitas que a escritora nos oferece; natureza que também é cultura (MONTANARI, 2008). Crônicas oriundas de suas vivências junto às fazendas da família (Califórnia e Junco), especialmente sua estimada Não Me Deixes. Lugar onde a alquimia dos alimentos entrelaça memória, identidade e sabor.

No intuito de contemplarmos esse livro de Rachel, realizamos a sua leitura a partir da história e das características da cozinha que apresenta (A nossa cozinha; Fogões e fornos; O Não Me Deixes; A cozinha da fazenda Califórnia), das pessoas que a compõem (Nise) e dos alimentos e receitas que lhe são tradicionais (A farinha; O feijão; O milho; O carneiro; A paçoca; A carne da Antônia; O peru; A galinha; O peixe de água doce; Os patos; A caça; Os doces; As bebidas).

De acordo com a escritora, a **cozinha** nordestina e, mais especificamente, a cearense, descende das cozinhas portuguesa e africana, mas sua maior influência vem da tradição indígena. Isso, porque “No Nordeste, para cá de Pernambuco, não tínhamos grandes lavouras e, pois, não possuíamos muitos escravos” (QUEIROZ, 2004b, p. 12). Tais lavouras se estabeleceriam principalmente no litoral, onde as receitas são distintas das do sertão, devido, principalmente, ao contato mais intenso com a Europa e a

África, por meio da troca comercial de produtos e da proximidade com o mar (BOTELHO, 2007).

É nas fazendas de gado que a cozinha sertaneja se constitui. O melhor exemplo que Rachel nos oferece dessa cozinha está na fazenda Califórnia, onde se comia “[...] entre as carnes, galinha, carneiro e peru assado em dia de festa; no mais, feijão de arrancar (feijão-de-corda só era feito para a cozinha), pirão de ovos, farofa, alguma couve cozida no feijão. E quando era tempo, maxixe [...]” (QUEIROZ, 2004b, p. 22). Mas nesta fazenda o destaque era dos doces:

A cozinha sertaneja, de modo geral, não sendo rica nos salgados, se supera em doces e sobremesas: bolos de infinitas variedades, arroz-doce, aletria, broas de goma. Copiavam-se as receitas, de mão em mão, e podia-se jurar que na mesa de domingo, na maioria delas, apareceria uma versão do bolo ou do doce que fora copiado (QUEIROZ, 2004b, p. 22).

Cozinha que é uma “[...] arte oral e de imitação direta” (CLAVAL, 2014, p. 282), relacionando diferentes gerações de agregados e familiares em trocas de estima, mas também de receitas. Concordando com Rachel, podemos indicar que: “[...] no Recife, principalmente, e na Paraíba, no Rio Grande do Norte e no Ceará, comem-se com fidelidade as receitas das senhoras-donas, nossas avós” (QUEIROZ, 2004b, p. 21).

É a partir, portanto, daquilo que experimentou e aprendeu junto à cozinha da fazenda Califórnia que a escritora pensa a cozinha de sua fazenda, talvez como uma maneira de rememorar momentos saborosos, pois “O sabor expresso no gosto e no cheiro é imaginação; é memória, pois estes nos remetem a outros lugares, a sentimentos agradáveis (ou desagradáveis), a experiências vividas” (GRATÃO; MARANDOLA, JR., 2011, p. 62). Mas quem foram as pessoas que compuseram as experiências vividas de Rachel junto a cozinha sertaneja?

Eram **pessoas**, comumente mulheres, que preservaram a “memória gustativa” do lugar onde viviam (DUTRA, 2005), o que reforça a assertiva de Claval (2014, p. 283) de que “[...] nos domicílios, as tradições passam da mãe ou da avó à filha ou à neta [...]”, apesar de ser necessário

ampliarmos essa rede de relações e influências, pois aqui ela não se restringe somente aos familiares. Dona Rachel e dona Clotilde, respectivamente avó e mãe de Rachel, além de Antônia e Nise, cozinheiras da família, são responsáveis por assinar muitas das receitas que a escritora dispõe no livro.

Quem comandava a cozinha da fazenda Califórnia era dona Rachel, matriarca da família. Gostava de todos os parentes e amigos ao seu redor e uma das maneiras de fazer isso era reunindo-os em torno das receitas que eram preparadas. No entanto, seu lema era não permitir “luxo” de criança que, às refeições, tendo mais de sete anos, comia o mesmo que os adultos. Como confessa a escritora em lembranças de sua infância:

A cozinha da Fazenda Califórnia, onde reinava a minha avó dona Rachel, era, como culinária, detestada por nós crianças. Dizíamos entre nós que era feita na base da pimenta-do-reino, que abominávamos: pimenta-do-reino com carneiro, pimenta-do-reino com carne de porco, pimenta-do-reino com cabidela. Pimenta-do-reino, acima de tudo. Evidentemente exagerávamos. Mas que a comida da Califórnia tinha pimenta-do-reino demais, tinha (QUEIROZ, 2004b, p. 21-22).

Dona Clotilde também fora uma exímia cozinheira e, como outras mulheres da família, mantinha-se no tripé mãe-esposa-dona de casa (FONTES, 2012). Muitas das receitas que Rachel reproduz em seu livro tentam recuperar aquilo que experimentara em sua infância no Junco, em Quixadá, período em que a cozinha era comanda por sua mãe. É de dona Clotilde, por exemplo, a receita de queijo de coalho que encontramos no livro. Dela, também, é a receita da cajuína, bebida não alcoólica elaborada com cajus muito doces, inventada, segundo a escritora, pelo ilustre escritor e farmacêutico Rodolfo Teófilo.

Quem estava ao lado de Clotilde na cozinha tanto do Junco quanto do Pici era Antônia. Descendente de índios e empregada da família desde os seus dezoito anos, ela era babá e governanta e, com o tempo, passou a também comandar a cozinha “[...] com domínio e maestria sobre tudo que fosse de forno e fogão, desde toda espécie de salgados até doces e bolos que aprendia nos livros de cozinha de mamãe” (QUEIROZ, 2004b, p. 26). De Antônia são apresentadas as receitas, entre outras, das castanhas de caju

confeitadas, do requeijão e de uma carne que levava o seu nome, a “Carne da Antônia”, receita que aprendera de um velho livro de cozinha da avó de Rachel, *O Cozinheiro Nacional*.

No Não Me Deixes, quem conduzia a cozinha com Rachel era Nise, herdeira direta da cozinha de Clotilde e Antônia. Nise, de acordo com as lembranças de Flávio, filho mais velho de Maria Luiza e sobrinho-neto da escritora, comandava a moagem do café torrado e escolhia a galinha que ia ser preparada para a refeição (SALEK, 2004). Para Rachel, o dom culinário de Nise se confirma quando ela consegue reconstituir no queijo de coalho do Não Me Deixes o queijo do Junco feito por sua mãe. Receitas como a do doce de laranja e a do bolo de milho também são atribuídas a ela.

Junto a essas pessoas, uma “cartografia culinária” (SACRAMENTO, 2010) do Não Me Deixes pode ser imaginada, envolvendo o açude, onde são pescados os peixes, principalmente quando ele está cheio; os pomares que garantem a provisão de doces para a despensa da cozinha e o terreiro, quintal no fundo da casa, onde circulam as galinhas, capotes, perus e torrava-se o café.

Nessa cartografia, também podemos incluir todo o mobiliário relacionado direta ou indiretamente aos afazeres da cozinha da fazenda; afinal, como nos lembra Alves (2011), as transformações na elaboração do alimento não acontecem simplesmente pela força do pensamento. É por isso que as cozinheiras cuidam para que, na cozinha, existam todas as ferramentas necessárias à sua arte.

Na fazenda de Rachel, ainda hoje, encontramos um portentoso fogão de ferro a lenha; panelas, chaleiras, bules e colheres em alumínio cuidadosamente areado; refrescantes potes, filtros, e quartinhas de barro; uma elegante prateleira de copos, talheres e pratos e; uma vigorosa prensa de queijo... cada um no seu devido lugar (Figura 32). Objetos componentes da “saborosa geografia” do Não Me Deixes.



Figura 32: Utensílios da cozinha da fazenda Não Me Deixes em Quixadá, CE.

Fotos: CAVALCANTE, T. V., janeiro de 2014.

Organização: CAVALCANTE, T. V., julho de 2015.

Na fazenda, o leite, a farinha de mandioca, o feijão e o milho são os alimentos fundamentais para a confecção das mais diferentes **receitas**. Deles prepara-se o queijo de coalho, o requeijão, a paçoca, o beiju, o baião de dois, a canjica, a pamonha, o mugunzá e o cuscuz, entre outras iguarias sertanejas.

Todos esses alimentos fazem parte do cardápio do sertanejo, mesmo o mais pobre. O queijo, por exemplo, por ser nutritivo, de fácil transporte e ter longa durabilidade, embora hoje a sua produção artesanal seja bem menor, em consequência do desenvolvimento tecnológico (NETTO, 2014), é um alimento que “[...] não falta à mesa de quem possua no curral ao menos duas ou três vacas paridas. Tudo isso se inclui na expressão genérica ‘comer leite’” (QUEIROZ, 2004b, p. 23).

Queijo de Coalho

(Receita de dona Clotilde, ditada por Antônia)

“Para um pote grande de leite, de boca bem larga, com capacidade para cerca de cinquenta litros, uma xícara de soro de coalho. Deixa coalhar até marejar o soro em cima. Quando chorar, quebra-se a coalhada rapidamente, cobre-se e deixa-se dez minutos repousando.

Então, com uma cuinha, vai-se colhendo o soro, com cuidado, sem apertar muito a coalhada. Apanha-se o soro até dar meia lata de querosene (mais ou menos dez litros).

Leva-se o soro ao fogo, mexendo sempre para não queimar. Quando subir a fervura, começa-se a apanhar a espuma, que depois vai ser posta num saco, onde ficará até o dia seguinte, e então leva uma mão cheia de sal. Assim é feita a nata salgada.

Voltando ao queijo. Quando acabar a espuma, despeja-se o soro fervendo de uma vez na coalhada, que deve ter sido quebrada de novo, rapidamente.

Cobre-se a coalhada e deixa cozinhar por quinze minutos.

Então, em cima do bloco de coalhada cozida, joga-se uma xícara de sal e começa-se a rasgar devagarinho, picando em bolinhas do tamanho de um ovo de pomba. Depois de rasgada, cobre-se e vai-se arrumar a prensa.

A coalhada deve ir para a prensa ainda morna. Não bote fria.

Vai-se apertando devagar a prensa, duas pessoas, uma de cada lado, até ficar o brinquete preso, sem dançar sobre o cincho. Vira-se à tardinha.

No dia seguinte tira-se, aparam-se as beiradas e bota-se o queijo na tábua.

Com oito dias, se estiver sujo, pode-se banhar no soro quente.”

Importante: Quando a coalhada cozinha demais, o queijo resseca e até esfarinha. Se ele começar a rachar é porque o leite está muito forte, deve-se pôr então um pouco de água no leite. O queijo de mamãe levava, mais ou menos, trinta litros de leite (são necessários dez litros de leite para fazer um quilo de queijo).

Fonte: (QUEIROZ, 2004b, p. 27-28).

Já as principais carnes consumidas eram as do carneiro (mas também a do bode), com que se prepara a panelada, a buchada e o sarrabulho; da galinha, com que se faz a galinha de cabidela e a galinha cheia e a do peixe de água doce, como o curimatã, que pode ser cozido ao molho de leite de coco ou assado inteiro no forno.

Os doces, como salientado, têm grande destaque. Segundo Rachel, “A mesa do Não Me Deixes sempre foi pródiga em doces, pois a dieta do nordestino é rica em açúcar” (QUEIROZ, 2004b, p. 88). Assim, são apresentados doces elaborados, em massa ou em calda, com frutas da região, os bolos, como o de milho e o Luiz Felipe, além dos doces de

“espécie”, feitos com especiarias (o cravo, o gengibre e a canela), como a espécie de gergelim e a de castanhas de caju.

Castanhas de Caju Confeitadas

Entre os nossos doces mais requintados estão as castanhas de caju confeitadas (esta receita também aprendemos com Antônia).

Assam-se castanhas de caju; depois de tirada a pele, escolhem-se as maiores e mais bonitas. Faz-se uma calda e, quando ela estiver em ponto de fio, tira-se do fogo e jogam-se nela as castanhas. Nessa hora começa-se a mexer a calda com colher de pau, mas com muito cuidado para não quebrar as castanhas. À medida que a calda esfria, ela encorpa, envolve as castanhas e endurece. Sem parar de mexer, retiram-se as castanhas da caçarola e põem-se numa peneira, onde esfriam, já como um confeito branco.

Havia outra receita de autoria de Antônia que meus irmãos adoravam. Ela fazia um pão-de-ló em tabuleiro e, quando pronto, cortava-o em pequenos quadrados. Depois, usava o mesmo processo que fazia com as castanhas: jogava esses quadrados dentro de uma calda grossa e ia mexendo, até a calda virar uma cobertura branca. Punha-os então para secar em cima de um papel grosso, depois os retirava, perfeitos e inteiros (não sei como ela conseguia fazer isso) e os arrumava numa compoteira.

Fonte: (QUEIROZ, 2004b, p. 91).

Na apresentação do livro, Flávio nos conta mais dos sabores e das convivências que experimentou na fazenda de sua tia-avó:

Ir para o Não Me Deixes significava mudar completamente os gostos e cheiros, pois a cozinha sertaneja é muito diferente da que comemos aqui no sul. Até hoje, quando me sento à mesa da Fazenda, ao provar o feijão-de-corda temperado com coentro fresco e nata de leite, sinto a lembrança daquele mesmo sabor e do seu impacto distante (SALEK, 2004, p. 7).

[...]

A cozinha de minha avó era farta e generosa. Todo dia, além da família, que comia na sala, almoçavam na mesa rústica da copa empregadas da casa, moradores que estivessem fazendo algum serviço no pátio da Fazenda, além de muitos agregados e visitantes, pessoas humildes que vinham pagar uma visita à dona Rachel, fazer-lhe algum pedido ou trazer-lhe algum agrado, uma galinha, uma dúzia de ovos, um jerimum. Havia também os que vinham se consultar de graça com meu avô, que era médico. Nise era orientada a nunca deixar ninguém sair do Não Me Deixes com fome (SALEK, 2004, p. 9).

O sabor, portanto, está intimamente ligado às pessoas e aos lugares que queremos bem. De acordo com Netto (2014), essa ligação é geográfica, pois relacionamos os sabores do passado com o lugar, estabelecendo assim uma geograficidade. Quixadá é a melhor expressão dessa ligação. Lá, Rachel se transmutava em cozinheira, preparando as receitas degustadas durante a sua infância, porque o sabor está ligado ao gosto, às vivências, às lembranças e, além disso, “[...] está enraizado na geograficidade, ligação essencial, telúrica, homem-Terra” (GRATÃO; MARANDOLA JR., 2011, p. 62), sendo essencial para nossa vida e permanência (OLIVEIRA, 2012b).

Em *O Não Me Deixes: Suas Histórias e Sua Cozinha*, Rachel, partindo de suas reminiscências, funda uma geografia do sabor que entrelaça a cozinha sertaneja e cearense às pessoas e aos lugares que lhe eram caros. Geografia que, via paladar, conduz ao entendimento mais estreito entre Rachel e Quixadá. Associando natureza, cultura e identidade às histórias e receitas que nos oferece, ela escreve, simultaneamente, sobre si e sobre toda uma coletividade ligadas a um espaço-tempo particular.

Ao lado do Caderno de “*Geographia*” e do *O Nosso Ceará*, este livro revela a geografia que está presente não somente na vida, mas também na obra de Rachel. São escritos pouco conhecidos, mas nos quais ela se coloca como “presença afetiva” (BESSE, 2011, p. 129), revelando o diálogo contínuo entre o geográfico e o telúrico.

Essa geografia telúrica, existencial, vivida, alimentou o imaginário geográfico da escritora e instituiu sua imaginação literária. Imaginação que pode ser desvelada em seus romances, obras em que Rachel (re)elabora e (re)constrói imagens de uma “geografia de sonhos” (DARDEL, 2011, p. 5).

CAPÍTULO 3

A GEOGRAFIA E A IMAGINAÇÃO EM RACHEL DE QUEIROZ





Na verdade sempre comparo a concepção de um livro à concepção de um filho. Sim, a uma gravidez. Quando você vê, o livro já está dentro, vivo e mexendo, bulindo com a sua cabeça, ocupando a cada dia espaço maior, fazendo você levantar de noite para tomar nota de uma frase – um pedaço de diálogo, o rascunho de um conflito. Daí, a sua idéia inicial vai se desenvolvendo, o tema se desdobrando, suscitando situações novas, personagens novos, que às vezes surgem de repente, inesperados; pode ser até num virar de esquina ou num bate-papo de bar. O fio vai se desenrolando do novelo, se embarça e se desdobra, muda de cor e consistência, até adquirir uma identidade, personalidade, ou, digamos, uma feição própria. De certo tempo em diante você não governa mais a história, são os personagens que mandam (QUEIROZ, 2004a, p. 268-269).

Ao escrever um romance, o escritor (re)cria o mundo. Para isso, recorre às suas vivências e lembranças e faz uso de sua imaginação – “O olho vê, a lembrança revê e, a imaginação transvê”, poetiza Manoel de Barros (2015, p. 102) sobre esse que é o papel essencial do artista, o de “desformar” o mundo. Com isso em mente, o escritor traça outros contornos para as paisagens e lugares que conhece e atribui novas características às pessoas com as quais convive: “Transforma o mundo e o homem, criando um além do perceptível, mas captável pela intuição de quem tem o dom e o poder de imaginar” (FERREIRA, 2008, p. 99).

Geografia de sonhos, tão vivida quanto imaginada (DARDEL, 2011), em que o escritor estende o limite do real, “[...] dando-nos a entender que não haverá *mais* realidade humana se não a cria, também, a imaginação humana” (FUENTES, 2007, p. 190, grifo do autor). Realidade que acrescenta algo ao mundo que antes não estava ali, revelando qualidades intuitivas, simbólicas e telúricas do espaço geográfico (OLIVEIRA, 2002). Qualidades que nos ajudam a trilhar novos caminhos em direção ao conhecimento do homem e do mundo.

Rachel foi uma escritora que (re)criou atentamente o mundo que a envolvia, como declara a Nery (2002): “Você tem que ser capaz de perceber as coisas que estão à sua volta e imaginar o que o outro está sentindo diante de determinadas situações, como ele reage diante dos desafios da vida” (p. 82). E ainda: “Você imagina as coisas. É claro que você tem um referencial seu, a partir da sua experiência pessoal de vida. Mas o autor deve se abrir aos outros, não ficar condicionado apenas ao seu eixo vivencial” (p. 106). Tais assertivas demonstram o quanto a escritora era sensível a tudo e a todos que a cercavam.

É desse modo que em seus romances – *O Quinze*, *João Miguel*, *Caminho de Pedras*, *As Três Marias*, *Dôra, Doralina*, *O Galo de Ouro* e *Memorial de Maria Moura* (Figura 33) – Rachel entrelaçou o vivido e o imaginado, (re)apresentando, com cores próprias e originais, a terra e a gente do Brasil, do Nordeste, do Sertão e do Ceará. Geografias e personagens que são incorporados aos mapas (estruturas espaciais onde se passam os dramas) e às tramas (condição humana que preenche os mapas) por ela sonhados (MONTEIRO, 2002). Antes de nos ater aos referidos romances, cabe esclarecer como foram conduzidas as leituras.



Figura 33: Capas das primeiras edições dos romances de Rachel de Queiroz. Organização: CAVALCANTE, T. V., abril de 2016.

Primeiro, os romances de Rachel revelam mundos particulares. São obras que envolvem diferentes percepções, vivências e imaginações da escritora, inaugurando geografias singulares. Por esse motivo, foram examinados individualmente, a partir de imagens que julgamos lhes serem essenciais.

Segundo, as imagens destacadas fazem referência a espaços reais e situações imaginadas *de e por* Rachel. Elas apresentam um aspecto duplo: exterior e interior. Revelam a seca, a cadeia, a política, a escola, o sertão... e também a solidão, a paixão, a amizade, a viagem, o cotidiano... Geografias adensadas por dramas humanos. Espacialidades e geograficidades que dialogam no decorrer das diferentes narrativas.

Por último, é importante assinalar que as imagens presentes nos romances de Rachel são algumas entre tantas outras que poderíamos ter destacado. Emergiram da leitura que fizemos das obras e devem ser entendidas como aberturas ou horizontes e não como enclausuramentos ou limites.

Em face desses pontos, é possível notar que o conhecimento geográfico que privilegamos está fundado no cotidiano das pessoas em suas mais diversas atividades. Entre essas atividades, a literatura, por intermédio da imaginação, está comprometida com as mais variadas relações que os homens estabelecem com a Terra, aspirando compreender a experiência humana que funda e significa o mundo (TODOROV, 2010; COMPAGNON, 2012).

Aspiração não muito diversa daquela da geografia, pois tanto o conhecimento geográfico como o literário, como bem observa Marandola Jr. (2007), elucidam e reforçam a relação orgânica do ser humano com o ambiente, tornando os valores científicos e artísticos ainda mais próximos. Relações, em verdade, estabelecidas por todos aqueles que habitam a Terra, como esclarece Wright (2014), sujeitos, dentre os quais os artistas, capazes de revelar, mesmo diante de um mapa do mundo já totalmente explorado, geografias forjadas muito além da ciência, terras incógnitas oriundas da imaginação humana.

Entendendo que o romance enseja muitas interpretações ou, conforme Fuentes (2007), é escrita finita que provoca leituras infinitas, esclarecemos que nossa leitura, nosso exame e compreensão de cada um dos romances de Rachel partem de um ponto de vista humanista em geografia, perspectiva que tem o seu fundamento nas múltiplas formas como o homem experiencia as paisagens e os lugares no/do mundo.

A seca e o (des)encontro em *O Quinze*

A seca, com aquele sol eterno, Conceição com sua indiferença tão fria e longínqua, e o gado moribundo, os roçados calcinados, tudo crescia a seus olhos, na sombra espessa do quarto, em desmedidas proporções de pesadelo (QUEIROZ, 1997, p. 120).

Em 1915, no Ceará, aconteceu seca graúda, das maiores do início do século XX. Seca que passou e não deixou nada em pé... Planta, bicho, gente... Que esvaziou rios e açudes, arrasou plantações, definhou rebanhos, matou e fez migrar milhares de pessoas e, por tudo isso, ficou marcada na memória do povo cearense.

Para termos uma ideia das dimensões desse fenômeno no Estado, no início de março do fatídico ano, a pecuária já havia perdido 50% do rebanho e a agricultura quase 100% da produção. Já o número de migrantes, entre julho de 1915 e abril de 1916, chegava a 40 mil, sendo que 31 mil tomaram como destino a Amazônia e 9 mil o sul do país. Nesse interim o número de mortos já era de 30 mil (VILLA, 2000).

Rachel tinha apenas quatro anos de idade quando tal evento ocorreu. Nesse tempo, morava com sua família em Fortaleza, em uma chácara no bairro Alagadiço, não vivenciando, diretamente, as agruras que seriam narradas em seu primeiro romance, muito tempo depois. No entanto, as lembranças e as histórias que ouvia daqueles que sofreram com a seca eram tão presentes e constantes que ela se via no caminho dessa literatura (QUEIROZ, 1976). Literatura da seca, assim denominada por revelar a luta humana pela sobrevivência frente a essa calamidade climática (MONTENEGRO, 1953).

Rachel queria escrever sobre a seca, mas uma seca “[...] menos formalmente trágica – sem muitos cadáveres, muitos esqueletos, muitos urubus, como era o tom realista até então” (QUEIROZ, 1976, p. 61). O seu desejo era o de tratar o drama de sua terra e de sua gente, captando o lado humano daqueles que cotidianamente vivenciavam a natureza do sertão (NERY, 2002).

Foi assim que em 1930, ainda com 19 anos de idade, Rachel publicou *O Quinze*, romance no qual a escritora foge dos exageros, levando à seca suas proporções exatas (MELO JÚNIOR, 2008). Seu propósito, como explica a Nery (2002, p. 65), foi o de fazer “[...] um tipo de literatura que fosse realmente só um testemunho, quase que só um depoimento”. É com a situação dos sertanejos frente à seca que ela se preocupa. Situação, se a entendermos a partir de Dardel (2011), expressa nas distâncias e direções definidoras dos lugares de existência dessas pessoas. Enquanto as distâncias, como esclarece Holzer (2011), são essenciais na estruturação do mundo qualitativamente experimentado no “perto” e no “longe”, no “lá” e no “aqui”, as direções expressam a necessidade do homem de se dirigir e de se encontrar, abreviando distâncias e definindo a sua situação.

Em *O Quinze*, esses lugares de existência são por nós compreendidos a partir dos encontros e desencontros dos personagens de Rachel, diante das intempéries do tempo. Melhor dizendo, esses **(des)encontros** são expressos nas distâncias e direções que marcam o cotidiano, especialmente de Vicente, Conceição e Chico Bento, nos revelando mais da **seca** que maltratou, em 1915, a terra e a gente do Ceará.

Na epígrafe que introduz o nosso entendimento do romance, Vicente, ao mesmo tempo em que se preocupa com a seca que varre a vida na fazenda onde mora junto com sua família, pensa naquilo que o separa de Conceição, a prima por quem nutre o seu bem-querer. Sabia ele o quanto Conceição o admirava, só ela “[...] com o brilho de sua graça, alumia e floria com um encanto novo a rudeza de sua vida” (QUEIROZ, 1997, p. 43), mas também reconhecia a distância existente entre eles, afastamento marcado pela paisagem calcinada do sertão cearense:

[...] Conceição estava bem longe.

Separava-os a agressiva miséria de um ano de seca; era preciso lutar tanto, e tanto esperar para ter qualquer coisa de estável a lhe oferecer!

Teve um súbito desejo de emigrar, de fugir, de viver numa terra melhor, onde a vida fosse mais fácil e os desejos não custassem sangue.

Mas logo lhe veio a lembrança dos pais, tão velhinhos, que tudo esperavam dele; evocou o que seria o desamparo da fazenda, vazia de seu esforço; o gado abandonado, tudo paralisado e morto; e pensou no seu isolamento na terra longínqua, no vácuo doloroso de afeições em que se iria debater o seu coração exilado.

O desejo esboçado extinguiu-se; a cabeça desolada novamente se abateu na ombreira; e o coração, envergonhado, entregou-se a um momento de desesperança e fraqueza (QUEIROZ, 1997, p. 44-45).

Essa distância refletida na angústia de Vicente, tanto na epígrafe quanto na citação, não é meramente física, atribuída ao fato de ele se encontrar em Quixadá e de Conceição estar em Fortaleza. Ela é também experimentada como uma qualidade, um “perto” ou um “longe” relacionado aos seus distintos papéis sociais. O que os distancia são os seus destinos.

Diferente de seu irmão, Paulo, promotor do município de Crato, no sul do Ceará, Vicente não quisera estudar; sua lida sempre fora com a terra e, naquele momento, com uma seca que lhe exigia toda a energia. Diuturnamente, pastorava e erguia, com a ajuda de seus vaqueiros, as derradeiras reses magras e ossudas que ainda resistiam em sua fazenda: “[...] vida de trabalho ininterrupto, desde os quinze anos – trabalho de sol a sol, sem descanso e quase sem recompensa” (QUEIROZ, 1997, p. 42).

Já Conceição, passara parte de sua vida no Logradouro, fazenda de sua avó, Dona Inácia, em Quixadá, mas residia em Fortaleza, onde era professora. Lá vivia cercada por livros, “[...] velhos companheiros que ela escolhia ao acaso, para lhes saborear um pedaço aqui, outro além, no decorrer da noite” (QUEIROZ, 1997, p. 8), e não planejava casar. Todavia, também alimentava grande afeição por seu primo, embora algumas diferenças também os distanciassem:

Num relevo mais forte, tão forte quanto nunca o sentira, foi-lhe aparecendo a diferença que havia entre ambos, de gosto, de tendências, de vida.

[...]

Ele era bom de ouvir e de olhar, como uma bela paisagem, de quem só se exigisse beleza e cor.

Mas nas horas de tempestade, de abandono, ou solidão, onde iria buscar o seguro companheiro que entende e ensina, e completa o pensamento incompleto, e discute as ideias que vêm vindo, e compreende e retruca às invenções que a mente vagabunda vai criando?

Pensou no esquisito casal que seria o deles, quando à noite, nos serões da fazenda, ela sublinhasse num livro querido um pensamento feliz e quisesse repartir com alguém a impressão recebida. Talvez Vicente levantasse a vista e lhe murmurasse um ‘é’ distraído por detrás do jornal... Mas naturalmente a que distância e com quanta indiferença... (QUEIROZ, 1997, p. 79-80)

As **distâncias** existentes entre Vicente e Conceição exprimem experiências distintas. Vicente vive no campo, mundo “natural”, “bárbaro”, onde os efeitos da estiagem são mais incisivos, transformando o cotidiano daqueles que a vivenciam. Conceição mora na cidade, mundo “artificial”, onde leciona e espera pela passagem da seca, embora seus efeitos na “civilização” também sejam sentidos. Histórias e geografias emolduradas por um desastre que os separa e evidencia ainda mais as suas (in)diferenças, estabelecendo os seus (des)encontros.

Paralelo ao amor irrealizado de Vicente e Conceição, deparamo-nos com o drama de Chico Bento. Vaqueiro que, ao lado de sua família, se vê obrigado a sair da terra onde mora, nas Aroeiras, também em Quixadá. Exilado, sua vontade é a de ir ao Amazonas, onde “[...] sempre há borracha” (QUEIROZ, 1997, p. 26), mas antes disso tem de passar por Fortaleza. Contudo, diante dos impropérios do “governo”, com quem não consegue as passagens de trem para ir à Capital do Estado, é compelido a migrar por terra, no que resmunga: “– Desgraçado! Quando acaba, andam espalhando que o governo ajuda os pobres... Não ajuda nem a morrer!” (QUEIROZ, 1997, p. 30). É do próprio Chico Bento, a melhor impressão que temos da paisagem que envolve a vida de todos os personagens:

Chico Bento parou. Alongou os olhos pelo horizonte cinzento. O pasto, as várzeas, a caatinga, o marmeleiral esquelético, era tudo de um cinzento de borralho.

O próprio leito da lagoa vidrara-se em torrões de lama ressequida, cortada aqui e além por alguma pacavira defunta que retorcia as folhas empapeladas.

Depois olhou um garrotinho magro que, bem pertinho, mastigava sem ânimo uma vergõntea estorricada.

E ao dar às costas, rumo à casa, de cabeça curvada como sob o peso do chapéu de couro, sentindo nos olhos secos pela poeira e pelo sol uma frescura desacostumada e um penoso arquejar no peito largo, murmurou desoladamente:

– Ô sorte, meu Deus! Comer cinza até cair morto de fome! (QUEIROZ, 1997, p. 20).

Sem **direção**, Chico Bento e sua família partem do lugar ao espaço, isto é, de um lugar em que há muito permaneciam, querido e dotado de valor, mesmo esse não sendo de sua propriedade, para um espaço indefinido, indiferenciado (TUAN, 2013). Lugar e espaço bem pontuados na fala de Cordulina a seu marido: “– Mas, Chico, eu tenho tanta pena da minha *barraquinha*! Onde é que a gente vai viver, por esse *mundão* de meu Deus?” (QUEIROZ, 1997, p. 27, grifo nosso). Situação que demonstra o quanto o instinto de conservação, de sobrevivência, muitas vezes é mais forte do que o apego ao solo nativo (MONTENEGRO, 1953).

Depois de atravessar por terra boa parte do sertão cearense, travessia que lhe consome a família e a esperança, Chico Bento, consegue com o delegado Luís Bezerra, compadre que encontra despropositadamente em Acarape, passagens de trem para ir à Fortaleza. Chegando à capital, instala-se, junto com os familiares que lhe sobraram, em um Campo de Concentração. Podemos depreender de sua chegada, a seguinte impressão desse campo:

No mesmo atordoamento chegaram à Estação do Matadouro.

E, sem saber como, acharam-se empolgados pela onda que descia, e se viram levados através da praça de areia, e andaram por um calçamento pedregoso, e foram jogados a um curral de arame onde uma infinidade de gentes se mexia, falando, gritando, acendendo fogo.

Só aos poucos se repuseram e se foram orientando (QUEIROZ, 1997, p. 86).

Segundo Neves (2007), antes da criação desses espaços, nas grandes secas de 1877, 1888, 1900, os sertanejos, ao chegarem a Fortaleza, instalavam-se nas suas ruas e praças, em barracas improvisadas sem qualquer preocupação higiênica ou sanitária. Esses campos, portanto, foram

pensados como forma de conter a “invasão” de milhares de pessoas às áreas centrais da cidade. “Curral”, em alusão ao local em que se prendem bichos, onde, segundo o referido historiador, se apinhavam em média oito mil pessoas. Devido a essa quantidade de pessoas e à pouca higiene, “[...] atravancamento de gente imunda, de latas velhas, e trapos sujos” (QUEIROZ, 1997, p. 56), o Campo de Concentração acabou por ser um local aonde os retirantes iam apenas para morrer.

Mesmo na presença de tamanha miséria, é nesse campo que Chico Bento e sua família começam a se orientar, a situar-se, como podemos notar em sua fala: “– Posso muito bem morrer aqui; mas pelo menos não morro sozinho...” (QUEIROZ, 1997, p. 87). O Campo de Concentração passa a ser para eles um lugar, mesmo que um lugar circunstanciado (MARANDOLA, 2012), onde eles constituem um mínimo de relações possíveis, não só com os outros, mas também com a terra, sob o cajueiro onde se aconchegam.

É só a partir dessa nova orientação que Chico Bento passa a pensar com mais propriedade a sua próxima direção, sobre a qual fala com Conceição. Quer ir para o Norte, destino trazido na cabeça desde Quixadá, mas Conceição consegue-lhe passagens para São Paulo, local pelo qual Chico Bento demonstra o seguinte sentimento: “Sentia como que um imã o atraindo para aquele destino aventureiro, correndo para outras terras, sobre as costas movediças do mar...” (QUEIROZ, 1997, p. 112). Sentimento que fica claro com a leitura de Dardel (2011, p. 41, grifo do autor): “Podemos mudar de lugar, nos desalojarmos, mas ainda é a procura de um lugar; nos é necessária uma base para assentar o Ser e realizar nossas possibilidades, um *aqui* de onde se descobre o mundo, um *lá* para onde nós iremos”.

Vale, por fim, tendo em vista a relação da seca com os (des)encontros dos personagens, perguntar: se a paisagem fosse outra, a história de Vicente, de Conceição e de Chico Bento teria tido outros contornos? Nas últimas páginas de *O Quinze*, Rachel conta da chuva que cai no sertão. A seca deixa na paisagem os seus vestígios, mas aos poucos, as pessoas, as plantas e os animais retornam... renovados. A vida resplandece, persiste e ganha tons esverdeados:

Lá adiante em plena estrada, o pasto se enramava, e uma pelúcia verde, verde e macia, se estendia no chão até perder de vista.

A caatinga despontava toda em grelos verdes; pauis esverdeados, dum sujo tom de azinhavre líquido, onde as folhas verdes das pacaviras emergiam, e boiavam os verdes círculos de aguapé, enchiam os barreiros que marginavam os caminhos.

Insetos cor de folha – *esperanças* – saltavam sobre a rama.

E tudo era verde, e até no céu, periquitos verdes esvoaçavam gritando.

O borralho cinzento do verão vestira-se todo de esperança (QUEIROZ, 1997, p. 143-144, grifo do autor).

No sertão, a chuva também promove novos e diferentes (des)encontros, e demonstra que o mesmo lugar terrestre muda de valor segundo a estação ou a hora (DARDEL, 2011). Sertão multifacetado que não se resume aos aspectos negativos que marcam o seu povo e a sua paisagem, e nos revela, parafraseando a sabedoria popular, que a esperança, além de ser a última que morre, também muda de cor.

A cadeia e a solidão em *João Miguel*

A cadeia parecia não mudar nunca, como uma coisa morta; e quem estava lá se esquecia da conta dos dias e das horas, que acabavam se baralhando todos, quando se tentava classificar alguma lembrança (QUEIROZ, 1994e, p. 112).

Rachel, nos seus 21 anos, podia ter escolhido escrever sobre os amores idealizados e as fantasias de juventude que sua idade pedia, mas não, preferiu trabalhar a angústia e a solidão daqueles que se encontravam encarcerados.

Para escrever *João Miguel*, seu segundo romance, publicado em 1932, a escritora visitou cadeias públicas nos municípios de Fortaleza e de Baturité, visitas de campo tipicamente geográficas, habituais aos escritores da época. Em Baturité, particularmente, os tios da escritora possuíam um sítio, de forma que ela tinha acesso à cadeia do Putiú e podia ver de perto a aflição de se estar preso e ser afastado da sociedade por ter cometido um crime (ACIOLI, 2007).

Um episódio curioso acompanha a publicação dessa obra. Em 1932, de volta ao Rio de Janeiro, Rachel levava consigo os originais de *João Miguel*, quando membros do Partido Comunista, do qual fazia parte, entraram em contato com ela. Queriam que lhes fossem entregues os originais do seu novo romance para que fossem lidos e avaliados pelos seus dirigentes.

Depois de quase um mês, marcaram um encontro com Rachel em um antigo armazém, no cais do porto do Rio de Janeiro, onde anunciariam o seu parecer sobre o livro. A conclusão dos dirigentes foi a de que ele não poderia ser publicado sem que importantes modificações na trama, no entender deles carregada de preconceitos contra a classe operária, fossem feitas. O que argumentavam era que João Miguel, o assassino, era um operário e deveria ser a vítima e não o agressor. Também achavam que Angélica, a filha do Coronel Nonato, muito boazinha e intocada, teria de ser retratada como prostituta, enquanto Santa, companheira de João Miguel, deveria ser a moça honesta (ACIOLI, 2007).

Mas Rachel não reconhecia naqueles homens autoridade para criticar o seu romance. Pediu os originais, com a desculpa de que iria fazer as correções exigidas e, ao tê-los em mãos, disse: “Eu não reconheço nos companheiros condições literárias para opinarem sobre a minha obra. Não vou fazer correção nenhuma. E passar bem!” (QUEIROZ; QUEIROZ, 1998, p. 40-41). Tal fato indica o quanto Rachel primava pela liberdade de pensamento e de criação, no que revela a Nery (2002, p. 66): “Nunca tentei fazer literatura engajada”. Liberdade esta que é tema central em *João Miguel*.

Nesse romance, o que se destaca é o dia a dia de João Miguel na prisão. Destino que se anuncia depois que ele assassina um homem, “[...] num samba lá para as bandas da Estação” (QUEIROZ, 1994e, p. 7), em consequência de uma bebedeira. Preso em flagrante pelo cabo Salu, um dos responsáveis pela cadeia onde toda a trama se passa, João Miguel se vê sozinho, “[...] como um bicho feroz que se trazia trancado, para não fazer mal a ninguém” (QUEIROZ, 1994e, p. 28).

É diante da **solidão** que o aflige, em consequência do confinamento, que aos poucos vamos conhecendo os detalhes constituintes da **cadeia**. Nesse local, João Miguel pensa onde se encontra e também em outros espaços e tempos, revelados nas idas e vindas daqueles que por ele cruzam. Espaço que, por ser restrito, embaralha a noção de tempo dos que estão ali, como podemos ler em nossa epígrafe. A primeira impressão que temos da cadeia vem exatamente da exposição da geografia peculiar vivenciada pelo condenado:

Com o seguimento dos dias, o verdadeiro suplício da cadeia – o isolamento e a inação – começou a torturar intensamente o preso.

Já ele não se agüentava, nas longas horas de cisma, encolhido a um canto, concentrado e dormente, tirando vagas fumaças do cachimbo.

Já os pequenos detalhes da cela – o ninho de morcegos, a grande aranha preta do teto, as listas amarelas do reboco caiado e as réstias vivas de luz que entravam pela trapeira gradeada – em quase nada o interessavam (QUEIROZ, 1994e, p. 20).

O suplício de João Miguel, esse tédio inebriante que envolve todo o ambiente da cadeia, só é quebrado nas **visitas** que todos ali recebem. São visitas que proporcionam a compreensão do drama dos presos a partir de uma dialética do **interior** e do **exterior** (BACHELARD, 2008). Geometrias íntimas que revelam dois movimentos: um de introversão, voltado ao interior e às profundezas do próprio ser e outro de extroversão, voltado ao exterior e sua superfície (FERREIRA, 2008).

No caso de João Miguel, duas visitantes, em especial, atenuam a sua solidão, carregando-o para outros espaços e tempos, relacionando o interior ao exterior. Santa, sua mulher, que acompanha grande parte do seu suplício e, Angélica, com quem sempre troca algumas palavras, quando esta visita o seu pai, o Coronel Nonato, preso por assassinar o Dr. Barretinho, antigo desagrado seu.

A partir de Santa, deparamo-nos com a angústia do preso que aos poucos percebe a traição de sua companheira. É nela que João Miguel pensa a todo instante, esperando diariamente a hora de sua visita. Porém, com o tempo, Santa se distancia dele, engraçando-se com o soldado que o prendera, o Cabo Salu, não se sentindo mais obrigada a visitá-lo. Com isso,

a aflição de João Miguel aumenta ainda mais, restringindo-o, praticamente, às paredes de sua cela.

Quem diria que fora ela que o deixara, que ele a esperava ansioso, muitos dias, enquanto talvez ela nem se lembrasse de que ele vivia, ou, pior, lembrava-se, mas para o insultar melhor, com o Salu, com outro qualquer, sabe Deus com quem! (QUEIROZ, 1994e, p. 82).

Sem as visitas de Santa, a cadeia, para João Miguel, torna-se ainda mais solitária: “E, na sua rede, muitas vezes chorando, nas longas noites de solidão, o pobre se sentia tão só, mentiroso e desgraçado” (QUEIROZ, 1994e, p. 82).

Angélica é quem passa a escutar João Miguel no decorrer da narrativa. Em visitas ao seu pai, sempre tem um tempo para ele. João Miguel conta para ela de suas origens, a região do Inhamuns, no sudoeste do Ceará, e dos lugares por onde passou: “- É tenho andado muito, Dona Angélica... Já estive no Norte, do Maranhão até o Acre. Eu acho que tenho sina de cigano... Quem nunca viu pai nem mãe, sempre está na terra alheia...” (QUEIROZ, 1994e, p. 95).

Contudo, mesmo podendo andar livremente pela cadeia, depois de ganhar a confiança de Seu Doca, o carcereiro, João Miguel queria mesmo era estar livre. Na cadeia o tempo se arrastava num espaço que não lhe fazia sentido, como comenta Zé Milagreiro, artesão de ex-votos que ele conhecera ali:

Não há nada pior no mundo do que um homem viver preso. Diz que há mal que não venha pro bem... Mas qual é o bem de se encarcerar um vivente? Só se for para vingança dos que morrem pela mão da gente... Mas que vantagem pode se tirar dessa vingança? E quando foi que Deus Nosso Senhor disse que vingança era bom? E o que me faz mais raiva é esse sofrimento desperdiçado... é como quem mata pra estruir... Quem é, no mundo, que ganha com cadeia? (QUEIROZ, 1994e, p. 102).

Aliás, é também a partir das visitas que Zé Milagreiro recebe de sua mulher, a Sinhá Maria, que João Miguel tem notícias de fora, do exterior, novidades de um lugar chamado Riachão, dos casamentos e das mortes e de como corria a vida daquela mulher que, diante da prisão do marido, havia de cuidar sozinha de oito filhos.

Ante o cotidiano dos presos apresentados em *João Miguel* e, mais especificamente, do dia a dia do próprio João Miguel, cabe perguntar: podemos entender a cadeia como lugar?

João Miguel passa por volta de dois anos preso. Na cadeia, conhece as pessoas mais diversas com as quais divide anseios e desgraças. Ou seja, a cadeia é um local onde ele se relaciona com outros e, provisoriamente, habita. Contudo, esse habitar é autêntico? Isto é, João Miguel se identifica de alguma maneira com aquele espaço?

O fato é que João Miguel não se reconhece um assassino. Tem sabedoria de que matou, mas reflete: “Tem criminoso e tem criminoso... Ele matara... mas não era criminoso...” (QUEIROZ, 1994e, p. 28). Sabia que tinha de cumprir sua pena, mas não entendia o porquê da demora em ser julgado, espera que fazia com que ele, mesmo estando já há um bom tempo ali, não se sentisse parte daquele local.

Vale pensar que a pausa no movimento de João Miguel, a prisão que o impede de ir e vir, é impelida por um erro que cometeu e não por uma escolha que fez. A cadeia, assim, não se constitui como um **lugar** para ele. Depois de julgado, já prestes a deixar aquele local, e largado por Santa, João Miguel está sozinho no mundo. Sem vínculos ele agora pode viver como antes, “[...] desgarrado como um bicho [...]” (QUEIROZ, 1994e, p. 96), e sonha com a liberdade, com o **espaço** que se abre a sua frente. Horizonte, ao mesmo tempo, desconhecido e desejado:

Fitou a paisagem em torno.

A terra, aos seus pés, era como uma promessa deslumbrante. E a sua volta a beleza abençoada do mundo parecia-lhe uma ressurreição.

Naquele momento, pelo menos, tudo ficava atrás: o passado, o crime, o sofrimento e a saudade do que perdera irremediavelmente. E a fome, a miséria, todos os males futuros, cuja previsão lhe atormentara tanto a vigília da véspera, desvaneciam-se, agora, como uma névoa ligeira, como se desvanecera aquela garra de nuvens que ainda há pouco cobria um recorte violáceo de serra.

Vivia apenas a hora feliz da libertação. E o seu peito sorvia largamente o ar cheiroso que subia da terra fresca, como dum enorme montão de rosas.

Sem o olhar, meteu no bolso o santinho de Angélica.

E carregando o chapéu sobre os olhos, num passo resolutivo de desafogo e de posse, avançou para a liberdade (QUEIROZ, 1994e, p. 127-128).

Em *João Miguel* deparamos-nos com o drama humano diante do encarceramento. Para o personagem que dá nome ao livro, a cadeia é um lugar-sem-lugaridade (*placelessness*), isto é, um local com o qual ele não se identifica (RELPH 1976), pois este tolhe a sua liberdade, o seu direito humano essencial de ir e vir. O intento de João Miguel, como o de qualquer preso, é o de livrar-se das barras de ferro que o enclausuram ali, ainda que a liberdade se apresente enevoada, repleta de incertezas e riscos.

O romance também revela que certos locais, mesmo diante da relação cotidiana que estabelecemos com eles, não se convertem em lugares para nós. Mais do que isso, nele apreendemos a condição íntima daqueles que, por não constituírem um lugar, mesmo cercados por sujeitos e situações as mais diversas, se sentem sozinhos, fato esse tão presente em nosso cotidiano, mesmo quando nos vemos envolvidos por uma multidão.

A política e a paixão em *Caminho de Pedras*

Aquela gente repetia apaixonadamente chapas sonoras, tais como as havia lido nos livros de divulgação. Mas, debaixo daqueles “burguês”, “revolução”, “classe”, debaixo de toda aquela gíria decorada, palpitava o calor apaixonado de convicções violentas, havia ódio, cólera e desejo de desforra (QUEIROZ, 2004c, p. 17).

É na Fortaleza do início do século XX que se passa toda a trama de *Caminho de Pedras*, terceiro romance de Rachel, publicado em 1937. Fortaleza de ruas iluminadas a gás, de lugares sob o alcance da linha do bonde, cuja praia era o espaço onde moravam os despossuídos e a praça, com seus cafés, era o local de lazer e reunião dos mais diversos tipos de gente.

A iluminação a gás, que substituía a de azeite de peixe, trouxe mais vida e sociabilidade às noites de Fortaleza. Os bondes, inicialmente puxados a burro e, posteriormente, movidos a eletricidade, advieram para

suprir a necessidade de um meio de transporte coletivo para uma cidade que crescia geometricamente. As praças e, sobretudo, os cafês, eram espaços de lazer que reuniam políticos, intelectuais e boêmios a discutir as últimas novidades. A praia, local onde os pobres moravam, como pescadores e estivadores, aos poucos se elitizava, concentrando residências elegantes, tornando-se, também, um importante espaço de lazer (PONTE, 2007).

Entretanto, Fortaleza guardava consigo uma massa de insatisfeitos para quem a cidade não havia sido concebida. Período de inúmeras insurgências, de greves e manifestações, assim como da organização de sindicatos e partidos, como o Socialista e o Comunista, críticos fervorosos das oligarquias locais que os reprimiam com a mesma força (SOUZA, 2007).

Em *Caminho de Pedras*, é a partir da **política** e da **paixão** que vamos conhecendo mais do “clima” que se instala em Fortaleza. Política pensada por Rachel a partir daqueles que estão descontentes com o sistema em vigor e anseiam por um mundo diferente. Operários e intelectuais que tentam reunir-se com o propósito de pensarem os caminhos da mudança. Tentam, porque, como fica evidente no romance, havia um grave sectarismo, imbuído pela desconfiança dos primeiros pelos segundos, o que os impedia de ir adiante:

– São sempre assim. Desconfiam de tudo e se voltam contra nós, os pequeno-burgueses. Mas no fundo é justo. Se eles fossem confiar em todo o mundo, aceitar o governo duma elite, em que é que se diferenciavam da massa dos demais? O primeiro sintoma de consciência, neles, é a desconfiança. Revolucionário não é título de clube nem de irmandade... (QUEIROZ, 2004c, p. 19-20).

De um lado, estavam os chamados “gravatas”, “doutores” acusados de não possuírem “consciência proletária” e do outro os “tamancos”, operários que queriam conduzir a revolução sem a ajuda dos intelectuais, como podemos inferir da fala do marinheiro Vinte-e-Um a um de seus camaradas “– É porque nós já estamos fartos, camarada Rufino, de ir atrás dos doutores, e os doutores depois nos dão o fora. O operário tem que andar com os seus pés, é o que eu penso” (QUEIROZ, 2004c, p. 16). Seus anseios, porém, se não eram os mesmos, eram, no entanto, bem parecidos.

A propósito, é esse sectarismo que afasta Rachel do Partido Comunista. Militante por um curtíssimo período de tempo, no início dos anos de 1930, a escritora revela a Nery (2002, p. 139) o motivo de seu desligamento: “Fiquei com eles de 31/32 a começo de 33. [...] acabei entrando em choque com o pessoal, não pelos princípios defendidos, mas pela forma como queriam impor a ideologia. Nunca aceitei o sectarismo. Esse negócio de ‘tem que ser assim, tem que ser assado’ não é comigo”.

É nesse ambiente de desavenças que a paixão surge na narrativa. Primeiro, a **paixão pela política**. Paixão violenta, como evidencia nossa epígrafe, mas que no decorrer da história vai se desvanecendo. Inicia com uma reunião em que Roberto traz ordens do Rio de Janeiro para se organizar a base de uma Região do Partido Comunista no Ceará, passa pela repressão do Estado às atividades do partido por meio da perseguição e das prisões e finda com a dispersão de vários de seus membros que buscam trabalho e moradia em outras paragens. Situação essa a de Filipe, um dos membros do partido, que se despede de Roberto e Noemi, seus camaradas:

E pondo os pés para fora da rede, Roberto gritou:

– Então, vem se despedir?

Verdade, vinha se despedir. Ia para o interior, para Russas mesmo, para o inferno.

– Não foi você que arranjou isso? Agora eu próprio acho que não posso continuar aqui. Vou ganhar o mundo.

Noemi indagou se a organização deixava.

Se a própria organização é que mandava embora! Hein, Roberto? Ficando na cidade, só tinha uma perspectiva: cadeia. Já perdera o emprego, já estava ameaçado como o diabo. Aparecia agora esse gancho na inspetoria:

– Foi o seu companheiro o primeiro a me aconselhar a ir. Posso mesmo dizer que foi ele que forçou.

Noemi o olhava com tristeza: mais um que ia embora. A velha vida se dissolvia, o grupo se sumia todo, comido pelas deserções (QUEIROZ, 2004c, p. 147-148).

Segundo, a **paixão pelo outro**. Paixão entre Roberto e Noemi que não se limita ao ideal político, apesar de ser transpassada por esse. Roberto via em Noemi um caminho para pensar outros lances significativos da vida,

como o amor e a família. Em um jantar que faz na casa dela, por convite de João Jaques, o marido que ainda a acompanha, Roberto reflete:

Pelos cantos da sala, os móveis modestos, na mesa a toalha de xadrez vermelho, tudo dava repouso e sossego aos olhos, junto com a paz, a quieta doçura da reunião.

No meio daquilo, qual seria em verdade o lugar de Noemi? Via-se que ela representava com gosto o seu papel de mãe e esposa. Grave, meiga... Tão longe... Mas, bolas! O que ela é mesmo, é a pequena da Fotografia [Noemi trabalha fazendo retoques em fotografias]. Toda mulher se fantasia de matrona quando preside a uma mesa. E o filho, ao lado, completava a decoração (QUEIROZ, 2004c, p. 45).

Já Noemi enxergava em Roberto as aventuras que o casamento lhe talhara. Seduzida por esse novo horizonte, queria aprender, conhecer os ideais que envolviam o partido, participar do que estava se formando, das reuniões, das discussões, anseios que a distanciavam pouco a pouco de seu marido, João Jaques, que já havia se decepcionado com essas organizações:

O seu vago amor por todos os homens, os sujos e limpos, brancos e pretos, a velhinha arrimada no cacete, o menino triste que não podia entrar no cinema, coisas que sempre escondera, como sentimentalismo pueril... Seus ansiosos desejos de adolescente, a que o casamento decepcionara, cortara as asas

Tudo isso e muito mais sobrenadava naquele instante. Sentimentos e impressões sufocados, caluniados, envergonhados, surgiam agora à luz do dia, vitoriosos, justificados, triunfantes. Podia pensar tudo, desejar tudo. Nada era proibido. Nada era pecado. Sentia-se livre (QUEIROZ, 2004c, p. 61-62).

Segundo Abbagnano (2000), entre as várias compreensões do que é paixão, está aquela que a entende como uma emoção amorosa que domina a personalidade e é capaz de transpor obstáculos sociais e morais. Em *Caminho de Pedras*, enquanto a tentativa de ultrapassagem dos **obstáculos sociais** se dá pela revolta contra a burguesia e o sistema que ela instaura, os **obstáculos morais** são transpostos pela ousadia de Noemi em assumir um romance fora do casamento e, no fim, depois da perda de um filho, o Guri, e da prisão e banimento de Roberto para uma colônia penal no sul do país, carregar em seu ventre o fruto daquela paixão.

São paixões, como é possível notar, que, concomitantemente, se combinam e se repelem; se reúnem, mas provocam fissuras incontornáveis. História que Rachel quis contar frente à sua decepção com o Partido

Comunista. Maneira, de a escritora também revelar uma Fortaleza em pleno crescimento, pulsante, onde as paixões as mais variadas se digladiavam.

O colégio e a amizade em *As Três Marias*

Irmã Germana entrou de repente, bateu secamente o sinal:

– Maria José, Maria Augusta, Maria da Glória, por que não fazem silêncio? São as inseparáveis! Já notaram, meninas? Essas três vivem juntas, conversando, vadiando, afastadas de todas. São as três Marias! Se ao menos vivessem juntas, como as três do Evangelho, pelo amor de Nosso Senhor! Mas sou capaz de jurar que perdem o tempo em dissipação...

Glória olhou para mim, eu olhei para Maria José. Sorrimos. “As três Marias”! As três Marias bíblicas? As três estrelas do céu? (QUEIROZ, 1979, p. 22).

Em *As Três Marias*, romance mais autobiográfico de Rachel, publicado em 1939, conhecemos Maria Augusta, Maria José e Maria da Glória, estudantes que iniciam uma forte amizade em um internato confessional localizado em Fortaleza. Amizade que as ajuda a enfrentar o cotidiano enfadonho do colégio e permanece mesmo depois que elas se formam.

Nele, Rachel é Maria Augusta, a Guta, protagonista e narradora da trama. Já as outras duas Marias, a José e a da Glória, são, respectivamente, Alba Frota e Odorina Castello Branco. A primeira acompanhou toda a trajetória da escritora e foi responsável pela preservação de grande parte dos seus arquivos. A segunda morreu em um acidente de avião, juntamente com o Presidente Castello Branco, depois de visita que fez à Rachel, em Quixadá. Amizade que, assim como no livro, extrapolou os altos muros do colégio onde estudaram.

No romance, é interessante observar que essa **amizade** profunda se estabelece em um espaço de medo, controle, tensão, um **espaço topofóbico**, com o qual as internas não estabelecem elos afetivos, embora esse as marque por toda a vida. Isso, porque o **colégio**, segundo Moraes (2013), evidencia o grau de limitação da mobilidade das mulheres no

contexto sociocultural do início do século XX. O papel dessa instituição é o de proporcionar àquela sociedade moças bem-educadas e prendadas, cuja função principal seria a de dar continuidade à linhagem familiar.

Nova naquele espaço, Maria Augusta sentiu um imenso desconforto ao adentrar ali. Não à toa se agarrava a mala que trouxera, única ponte entre a sua antiga vida e aquele mundo novo. Ainda no início do romance, diferentes passagens ilustram as primeiras impressões da protagonista sobre a geografia do colégio:

Na parede caiada se desenhava, enorme, o emblema azul da Virgem Maria. Ao centro do pátio ficava o caramanchão cheiroso do jasmineiro e dentro dele, no fresco e no sombrio do verde, a imagem de uma moça de vestido branco e pés nus – uma Nossa Senhora bonita e triste (QUEIROZ, 1979, p. 3).

[...]

Nas varandas do recreio as luzes estavam acesas, mas nos grandes pátios cheios de árvores as sombras tomavam tudo e o Colégio parecia ali mais triste ainda e mais inimigo (QUEIROZ, 1979, p. 6).

[...]

A capela, toda na penumbra, apenas iluminada pela grande Nossa Senhora do alto-mor, coroada de estrelas, era como o cenário preciso para dar mais força à complexa impressão de medo, estranheza, novidade, e à imprecisa angústia, que me possuíam desde os meus primeiros passos, colégio adentro (QUEIROZ, 1979, p. 8).

[...]

O colégio era grande como uma cidadela, todo fechado em muros altos. Por dentro, pátios quadrados, varandas brancas entre pitangueiras, numa quietude mourisca de claustro (QUEIROZ, 1979, p. 14).

O colégio revelado por Maria Augusta possui espaços com diferentes tonalidades, nuances e dimensões. Aspectos que tornam o colégio sombrio, angustiante e triste. São espaços carregados de imagens e símbolos ilustrativos da ordem e da doutrina que ali dominava. Delimitações materiais e imateriais reforçadas pela diferenciação socioespacial que podemos depreender de outra impressão, claramente irônica, da protagonista:

De um lado vivíamos nós, as pensionistas, ruidosas, senhoras de casa, estudando com doutores de fora, tocando piano, vestindo uniforme de seda e flanela branca.

Ao centro, era o “lado das Irmãs”, grandes salas claras e mudas onde não entrávamos nunca. E além, rodeando outros pátios, abrigando outras vidas antípodas, lá estavam as casas do Orfanato, onde meninas silenciosas, vestidas de xadrez humilde, aprendiam a trabalhar, a coser, a tecer as rendas dos enxovais de noiva que nós vestiríamos mais tarde, a bordar as camisinhas dos filhos que nós teríamos, porque elas eram as pobres do mundo e aprendiam justamente a viver e pensar como pobres (QUEIROZ, 1979, p. 14)

Esse sentimento de estranhamento para com o colégio só é amenizado com a amizade que as três Marias nutrem umas pela outras. Afinal, a amizade, como esclarece Abbagnano (2000), está ligada a atitudes concordantes e afetos positivos.

Uma das atividades diletas das três amigas, por exemplo, é a confecção do jornal por elas intitulado de *Santa Gaiola*, “[...] hebdomadário satírico e independente” (QUEIROZ, 1979, p. 13) que visava, principalmente, expor os cacoetes, casamentos, extravagâncias, amores e infortúnios dos seus professores.

Juntas e encasteladas naquele espaço, a **imaginação** também as libertava do claustro. Sonhavam com homens que poderiam resgatá-las dali. Inspiração advinda da leitura de narrativas românticas, “[...] os eternos e róseos romancinhos franceses [...]” (QUEIROZ, 1979, p. 20). Também fantasiavam fugas ousadas, como a da colega Teresa, que partira com o namorado, também interno em outro colégio, feito que povoou a imaginação das amigas por muito tempo.

Não custa lembrar que o colégio se encontra em meio à cidade de Fortaleza, mas pouco se sabe a respeito do que acontece para além de seus muros. O deslumbramento de Maria Augusta, ao observar a cidade desde a torre da capela, evidencia a agudez do enclausuramento em que viviam, emoção que parece invadir todo o seu corpo:

A vista a princípio deixou-me tonta, e retirei a cabeça, com medo da vertigem. Só aos poucos fui me habituando, e afinal, de tentativa em tentativa, consegui olhar sem medo, vi os bondes lá embaixo, as meninas de saia vermelha saindo da Escola Normal, os automóveis passando pequenos e velozes. Fazia três meses que não via a rua, gente, bondes, desde as últimas férias.

A cidade assim de repente, vista de uma vez e surpreendida de brusco, deu-me um choque no coração, comoveu-me tanto que as mãos me começaram a tremer e meus olhos se encheram de água. Estava ali o mundo, o povo, a vida de fora, tudo que era interdito à minha vida de reclusa.

Sentia medo e alegria, juntos numa emoção violenta, como quem rouba e se apossa de qualquer coisa sonhada e proibida.

[...] eu descii a escadinha com as pernas trêmulas, embriagada da cidade, feliz do cativo enganado um instante com o choque e o rumor do mundo vivo, do mundo de fora, me ressoando no coração (QUEIROZ, 1979, p. 30).

Depois de formadas, cada uma das três Marias toma um caminho diferente, mas todas parecem carregar consigo o **confinamento** que por tanto tempo as atormentara. Maria José se conserva religiosa e se torna professora; Maria da Glória se casa e constitui uma família e Maria Augusta, despreendida da religião e desiludida de seu primeiro amor, um pintor casado de nome Raul, aventura-se em uma viagem ao Rio de Janeiro, onde conhece Isaac, por quem se apaixona, embora, tempo depois, volte para a região do Cariri, no Ceará.

Das três amigas, Maria Augusta é a única a subverter os ditames patriarcais de seu tempo, subversão que carrega do confinamento o idealismo romântico de suas leituras adolescentes. De todo modo, a sua saída do internato e depois a viagem que faz a então capital do país, mesmo depois voltando para a casa de seu pai, no sertão, são limites que transpõe geográfica e socialmente. Limites que amarravam não só a ela, mas a todo o conjunto de mulheres que vivenciaram esse mesmo espaço-tempo.

O rio e a viagem em *Dôra, Doralina*

O que meu coração pedia era conhecer o mundo (QUEIROZ, 2001, p. 67).

Um hiato de 36 anos separa os romances *Dôra, Doralina* de *As Três Marias*. Livro gestado aos poucos, uma nota ali, outra aqui... Só em 1975 ele é finalmente publicado, reunindo outros escritos, muitas ideias, algumas vivências e a imensurável imaginação de Rachel.

A paisagem revelada no livro é a do sertão do Ceará, mas também a do Nordeste, a do rio São Francisco e a do Rio de Janeiro, lugares que a escritora conhecia muito bem. O ingresso de Dôra, protagonista do romance, no teatro, era um antigo sonho de Rachel que, quando jovem, queria ser atriz, fascinada que era pela vida cigana dos artistas, sempre de cidade em cidade, levando consigo somente algumas roupas e adereços. É ao lado do teatro que Dôra viaja, conhecendo inúmeros lugares do Brasil. Viagem que, em certo momento, a leva às águas do rio São Francisco, de Petrolina, em Pernambuco, a Pirapora, em Minas Gerais. Percurso que Rachel também realizou, mas no sentido contrário, acompanhando o curso do grande rio.

Tudo tem início nos conflitos existentes entre Dôra e sua mãe, a Senhora e de um casamento que termina com a morte de seu marido, Laurindo. Diante disso, Dôra parte para Fortaleza em busca de mudar de vida e de conhecer o mundo. E recusando o luto que lhe impunham, segue toda vestida de azul: “Tirei o luto para a viagem. Se pudesse tirava a pele, arrancava os cabelos, saía em carne viva” (QUEIROZ, 2001, p. 63). A partir de Onfray, é possível depreender o possível sentido da viagem para a personagem:

Nós mesmos, eis a grande questão da viagem. Nós mesmos e nada mais. Ou pouco mais. Certamente há muitos pretextos, ocasiões e justificativas, mas em realidade só pegamos a estrada movidos pelo desejo de partir em nossa própria busca com o propósito, muito hipotético, de nos reencontrarmos ou, quem sabe, de nos encontrarmos. A volta ao planeta nem sempre é suficiente para obter esse encontro. Tampouco uma existência inteira, às vezes. Quantos desvios, e por quantos lugares, antes de nos sabermos em presença do que levanta um pouco o véu do ser. Os trajetos dos viajantes coincidem sempre, em segredo, com buscas iniciáticas que põem em jogo a identidade (ONFRAY, 2009, p. 75).

É com esse “espírito” que Dôra inicia a sua viagem. **Viagem** que relacionamos ao **rio** por dois motivos. Primeiro, porque ela tem algo de meandrada, de curvilínea, passando por lugares incertos. Segundo, porque seu itinerário percorre um rio, o São Francisco, lugar onde Dôra conhece o seu grande amor.

Viagem que, se pensarmos no percurso da personagem, nos caminhos por ela tomados no decorrer da narrativa, pode ser entendida como uma maneira de Dôra sair de um estado sedentário para outro nômade, ou seja, de deixar de lado um lugar que para ela era uma prisão, a fazenda Soledade, em Aroeiras, comandada com rigidez por sua mãe, em direção ao mundo e a tudo aquilo que este podia lhe oferecer: “Da Soledade e a sua dona, eu agora só queria distância e as poucas lembranças” (QUEIROZ, 2001, p. 72).

Onfray (2009) explora exemplarmente as figuras do sedentário e do nômade. O primeiro permanece e se fixa, construindo casas, prédios, catedrais, enquanto o segundo é um andarilho e como tal é considerado um desertor. Mas é este último que busca um sentido para além daquilo que é imposto pela sociedade, como o gosto pelo movimento, a satisfação pela mudança, a vontade de independência e a paixão pela improvisação. Características que Rachel concebe à Dôra, reveladas quando esta ingressa no teatro.

Para realizar, portanto, a tão sonhada viagem, Dôra junta-se à Companhia de Teatro Brandini Filho. Ao lado deles, usando o nome artístico *Nely Sorel*, ela percorre o Brasil, vivendo as mais diversas aventuras: “Eu falo assim em Maranhão, Belém, Manaus, Natal, talvez até confundindo um pouco, porque em vida de teatro – mambembe, diga-se logo – a gente até perde a noção dos lugares” (QUEIROZ, 2001, p. 89).

Mas é a partir de Recife que Dôra realiza a sua grande viagem. De lá partirá, por terra, até Belo Horizonte, de onde, em seguida, irá para o Rio de Janeiro:

[...] A idéia era se ir de trem até a ponta da linha em Rio Branco, e de lá se tomava a condução de carro a Petrolina.

Em Petrolina, que fica defronte a Juazeiro da Bahia, do outro lado do rio São Francisco, se tomava um vapor da Empresa de Navegação Baiana do São Francisco, e se subia embarcado até Pirapora, em Minas. Pirapora era outra ponta de trilho e de lá se pegava o trem para Belo Horizonte.

Belo Horizonte ao Rio era circuito nosso, quero dizer deles, roteiro de muitas temporadas. Ouro Preto, São João del-Rei, Barbacena, Juiz de Fora (QUEIROZ, 2001, p. 100).

A partir de Silva (1985), temos uma melhor noção do trecho que Dôra, juntamente com a companhia de teatro, percorre pelo rio São Francisco. Segundo o autor, o referido rio possui uma extensão de 3.161 quilômetros. Sua nascente está localizada na Serra da Canastra em Minas Gerais e a sua foz na divisa de Alagoas e Sergipe, correspondendo a 1.371 quilômetros o trecho entre Petrolina e Pirapora.

Para Dôra, é tudo uma grande novidade. As paisagens que atravessa e os lugares que visita expressam a sua “[...] vontade intrépida de correr o mundo [...]”, para usarmos as palavras de Dardel (2011, p. 1). Geografia que ela estava vivenciando em ato, conhecendo o que, até então, lhe era desconhecido e inacessível.

É no percurso dessa viagem, em um navio-gaiola, o *J. J. Seabra*, que Dôra conhece o Comandante Asmodeu e a sua impressão do rio é a seguinte:

E eu logo achei o São Francisco mais bonito do que o Amazonas que eu conhecia do Pará, porque o Amazonas a diferença que tem do mar é a água amarela e sem ondas, mas na largura a perder de vista de horizonte afora é o mar tal e qual – um mar barrento e liso.

Já ali a gente via a terra de um lado e do outro e, quando se desatracou, a igreja de Petrolina parece que boiava por cima do rio, e sempre se avistava vôo de pássaros e não se sentia aquele cheiro de maresia ruim, nem jogava como no mar (QUEIROZ, 2001, p. 127).

Impressão próxima à da própria Rachel, que na crônica *O Velho Chico*, de fevereiro de 1944, publicada em seu livro *A Donzela e A Moura Torta*, marca a singularidade, quase mística, desse rio:

[...] o São Francisco é diferente dos outros rios: não sei se é sugestão de nome, xará de santo tão grande, mas a verdade é que o rio tem uma personalidade particular, jamais será um simples acidente geográfico, como estupidamente dão a entender as corografias – mas uma entidade poderosa, uma força, uma divindade que é preciso tornar propícia, amar (QUEIROZ, 1994f, p. 9).

Voltando à impressão de Dôra, é interessante a maneira como ela se apropria do rio São Francisco, comparando-o com o Amazonas a partir de suas vivências. Rios de horizontes, cores e mesmo de odores distintos. A paisagem a envolve. Não é só percebida, é sentida.

A viagem pelo rio se faz devagar, a uns dezoito quilômetros por hora em média, no compasso da grande roda que toca a água para empurrar a embarcação (CODEVASF, 1978). Nessa cadência, Dôra e o Comandante cada vez mais se aproximam e se apaixonam. Ela conta de sua vida antes do teatro; ele da vontade de deixar aquela vida, de deixar o rio. Motivados por essa paixão, depois eles se reencontrariam.

De Pirapora, a Companhia parte de trem para Belo Horizonte e depois de uma temporada curta de apresentações, seguem para Juiz de Fora e dali para o Rio de Janeiro. Nesta cidade, Dôra, seduzida pelo anonimato, a independência e a liberdade, procura esquecer as dores passadas e cortar, definitivamente, os vínculos que a atavam ao sertão. Casa-se com o Comandante, que abandonara o rio, a quem se dedica e com quem passa a morar em um apartamento em Santa Teresa.

Mas depois de algum tempo, acometido de tifo, o Comandante morre. Para Dôra aquela cidade, sem a presença de seu marido, não fazia mais sentido. Tudo lhe era estrangeiro, as casas, as pessoas, a língua. A dor que antes tinha endereço no sertão, agora pousara no Rio de Janeiro. Perda de identidade, segundo Barbosa (2011), que só será recuperada com o retorno de Dôra à sua terra, à sua gente, às suas raízes, tomando posse de tudo aquilo que sua falecida mãe deixara: “Neste mundo todo, do Pará ao Rio de Janeiro, era o único lugar meu. Minha a casa, com a cal das paredes escuras pelo lodo do último inverno, meu o curral de cercas pedindo reparo, meu o gado reduzido à semente, e a semente da criação” (QUEIROZ, 2001, p. 234).

Como um rio, Dôra fluiu por lugares diversos, sempre em movimento e em mutação. Precisou viajar por distintas paisagens para (re)encontrar o seu lar, vê-lo com outros olhos, senti-lo de forma diferente (MARANDOLA, JR, 2014b). Com esse (re)encontro, Dôra fechou um ciclo. O seu ponto de chegada é o mesmo ponto de onde partiu, mas Dôra agora era outra pessoa. Traz consigo novas lembranças, outras dores: “O círculo se fechou, a cobra mordeu o rabo: eu acabei voltando para a Soledade” (QUEIROZ, 2001, p. 232).

A Ilha e o cotidiano em *O Galo de Ouro*

Via agora que, na Ilha, o pobre de certo modo era mais pobre. Morava em casa de chão batido, e Mariano toda a sua vida pisara em chão de soalho ou cimentado, como no porão do sobrado na Rua Marquês de São Vicente. Na Ilha os telhados eram de sapê ou telha-vã e o costume de Mariano eram ou os forros de madeira pintada, ou pelo menos o teto formado pelo soalho do andar de cima. Andava-se de calção e tamanco, e Mariano jamais tirava o pé do sapato, desde que se entendia por homem. Sem falar em gravata e paletó, obrigados pela profissão, quer quando garçom, quer mais tarde quando bicheiro (QUEIROZ, 1986, p. 55).

O Galo de Ouro, publicado em 1985, é o sexto romance de Rachel. Livro que antes fora publicado em forma de folhetim, em 40 edições na Revista *O Cruzeiro*, no ano de 1950. Nesse período, a escritora residia com o seu marido, Oyama, na Ilha do Governador e, para escrevê-lo, como declara a Nery (2002, p. 118), estava “[...] atenta às histórias das pessoas que lá viviam”.

Pelo menos dois aspectos desse romance o diferenciam de todos os outros que Rachel escreveu. O fato de *O Galo de Ouro* ser inteiramente ambientado no Rio de Janeiro é o primeiro deles. Assim sendo, esse é o único romance da escritora que não tem como cenário a sua terra, o Ceará. Segundo, embora Rachel se concentre na condição humana das gentes simples, do “povo”, o mundo que agora explora – distante daquele do sertão dos coronéis, retirantes e beatos – é composto por mães de santo, terreiros, malandros, policiais e bicheiros, pessoas estreitamente vinculadas ao submundo carioca.

É, portanto, ao **cotidiano** dos que ocupam diferentes espaços no Rio de Janeiro que Rachel se destina no romance. Para isso, a escritora divide o espaço da referida cidade em dois: o do **continente** e o da **ilha**. No primeiro, temos um Rio de Janeiro dinâmico, com cinemas, bares, bondes, praças e ruas movimentadas. No segundo, uma Ilha do Governador provinciana, silenciosa, de praias tranquilas e morros desabitados.

É no trânsito entre esses dois espaços que nos apropriamos do multifacetado cotidiano carioca. Mariano, personagem principal da obra, é quem os revela. Já na epígrafe que anuncia o nosso entendimento do romance, o referido personagem evidencia essas diferenças nos modos de morar e de vestir. Em outra passagem, ainda a partir da percepção de Mariano, os distintos cotidianos ficam ainda mais claros:

Para ele era novidade grande aquela vida bem dizer de roça, embora estivessem a poucas braças de água da cidade. Os morros desabitados rodeando os vales cheios de casas, o grande silêncio noturno, a lama dos caminhos, as galinhas à solta pela “rua”, as vacas de seu Zacarias que passavam todas as manhãs em procissão a caminho do pasto magro da Praia Grande. A princípio o que mais estranhou foi a falta dos ruídos da rua. Metia os pés da cama – aliás da esteira – em plena madrugada, pensando que estava surdo ante aquele silêncio inexplicável. Procurava com o ouvido o rodar dos bondes, a buzina dos carros, o quiriri da cidade grande (QUEIROZ, 1986, p. 52-53).

No **continente**, Mariano, “[...] mulato carioca nascido em Vila Isabel” (QUEIROZ, 1986, p. 11), conhece Percilia, que mais tarde veio a ser a sua companheira. Juntos, passam a morar em um quarto num sobradão da Praça Onze e têm uma filha de nome Georgina.

Percilia era *médium* em um centro espírita, fato que apavorava Mariano, tamanho era o medo que tinha de almas. Foi nesse centro que ela conheceu Dona Loura, sua comadre, moradora da Ilha do Governador. Por convite desta, um dia fizeram uma visita à Ilha. Percilia fez o passeio toda empolgada, pois o seu sonho era o de morar na Ilha e não suportava o aperto e a quentura do cubículo onde viviam, como expressa a Mariano: “– Imagine, meu bem, quando me lembro que vou ficar livre daquele buraco preto onde a gente mora. Que vou poder lavar uma tina cheia de roupa e estender tudo para corar no capim!” (QUEIROZ, 1986, p. 25-26). Dessa visita, a partir da descrição feita por Rachel, conhecemos um pouco mais da paisagem que envolve a Ilha:

Do lado do mar se avistava a baía numa extensão enorme, as montanhas de Teresópolis e o Dedo de Deus azulando bem longe, a água tranqüila emendando com as manchas verdes do mangue cheio de garças. Do lado de terra, o chão se ondulava em pequenos morros cobertos de verde, sem árvore e sem casas, como um gramado (QUEIROZ, 1986, p. 24).

Mas na volta dessa visita, ainda nas proximidades da Cantareira, acontece um desastre. Após deixarem o passeio, mal puseram o pé no asfalto, um carro, a toda velocidade, os atropelou. Com o acidente, Percilia morre e Mariano se vê sozinho com uma filha. Além disso, o atropelamento o deixara com uma deficiência no braço direito, impedindo-o de continuar no seu ofício de garçom.

Depois disso, Mariano passa a trabalhar para o bicheiro Jamil em um ponto na Praça da República. Contudo, a perseguição da polícia era grande. Mais que combater o jogo, levavam o tempo a fazer exigências, afinal, “[...] isso de perseguição ao jogo-de-bicho sempre foi uma indústria da polícia do Rio de Janeiro” (QUEIROZ, 1986, p. 42). Nesse ofício, diante de diversos embaraços com a polícia, Mariano é preso e logo depois, quando solto, decide por despertar o sonho de sua antiga companheira de morar na Ilha.

Na **Ilha**, Mariano percebera que a cidade até então só havia o consumido. É nesse espaço que ele se apaixona novamente, agora por Nazaré, com quem algum tempo depois se casa e tem três filhos, Maria Aparecida, Gustavo e José, somando-se à Georgina. Porém, Nazaré, ao contrário de Mariano, não gostava nenhum pouco da Ilha: “– Uma coisa longe de tudo! A gente fica presa aqui pior do que numa cadeia. Perdeu a barca, pronto, acabou-se” (QUEIROZ, 1986, p. 69).

Talvez por isso, antes de se relacionar com Mariano, Nazaré tenha namorado Zézé, caricato malandro que vivia de pequenas trapanças, mas que, de algum modo, era para ela uma possibilidade de fuga daquele lugar que tanto detestava.

De fato, o único elo entre o continente e a ilha, ou melhor, entre a Ilha do Governador e a cidade do Rio de Janeiro, eram as a **barcas** que atravessavam a Baía de Guanabara. Sem elas, a Ilha parecia não fazer parte do Rio de Janeiro, afinal, como bem define Rachel, “A Ilha era mesmo uma aldeia, defendida pela água por todos os lados”, (QUEIROZ, 1986, p. VIII).

Nesse tempo, Mariano, já havia deixado de lado o seu ofício de bicheiro e agora tentava ganhar a vida em rinhãs e como mascate, vendendo “bugigangas”. Como nenhuma das duas coisas teve êxito, ele volta a trabalhar com o velho Jamil que já deixara o jogo do bicho e agora só mantinha a charutaria. Com esse trabalho, a renda de Mariano diminuiu, irritando Nazaré. Esta, ambiciosa e vaidosa que era, acaba traindo Mariano com um homem que tinha um bote, o que leva ao fim do casamento.

Humilhado com a sua situação, sozinho em casa e com os filhos para criar, Mariano aproxima-se de Dona Loura e os dois decidem formar uma nova família. Mariano acaba, por fim, tornando-se vigia noturno e depositando, novamente, a sua esperança de maiores ganhos nas brigas de galo, no *galo de ouro* que poderia lhe abrir todas as portas.

É interessante a contraposição existente entre a ilha e o continente, espaços que coexistem, mas ilustram mundos distintos. Interessante, porque é a partir dessa contraposição que conhecemos com mais propriedade o cotidiano dos dois espaços, como se as diferenças que os caracterizam firmassem suas **identidades**.

Com o tempo, o cotidiano da Ilha, tão bem contado por Rachel, sofre inúmeras mudanças. Com a construção da ponte que passou a ligar a ilha ao continente (inaugurada em 1949) e depois do aeroporto internacional (inaugurado em 1952), a cidade tomou conta daquele pedaço de terra que tanto se diferenciava do continente. Várias indústrias surgiram, o turismo intensificou-se e a população da Ilha passou a crescer geometricamente (ABREU, 1987). Com isso: “Acabaram-se as barcas, acabaram-se os bondes, proliferaram os edifícios, instalou-se o progresso para ficar. Agora só resta a saudade. Como diz o samba” (QUEIROZ, 1986, p. IX).

O sertão e a mulher em *Memorial de Maria Moura*

– Vou prevenir a vocês: comigo é capaz de ser pior do que com cabo e sargento. Têm que me obedecer de olhos fechados. Têm que se esquecer de que eu sou mulher – pra isso mesmo estou usando estas calças de homem (QUEIROZ, 2007, p. 87).

O sertão é uma palavra plural, marcada pela imprecisão de sua origem, pela maneira como é usada nos diferentes ramos de saber e também pelas diferentes geografias que contempla.

Para Gustavo Barroso, a palavra sertão tem sua origem na corruptela ou abreviatura da palavra ‘desertão’, deserto grande, denominação dos portugueses às regiões despovoadas e áridas da África Equatorial. O mesmo autor indica que a palavra também pode ser encontrada, já no século XVI, designando as regiões do interior de Portugal. Moacir Silva concorda com essa hipótese quando sugere que sertão não é um brasileirismo, pois já era uma palavra usada pelos portugueses antes do descobrimento do Brasil, designando as terras interiores sem comunicação. Prova disso é a Carta de Pero Vaz de Caminha, relato sobre as terras descobertas ao rei de Portugal, em que a palavra pode ser encontrada duas vezes, trazendo o significado de lugar oculto, situado longe da costa. Por outro lado, Silva também sugere que sertão pode ser uma palavra originária de um antropônimo – Domingo Alves Sertão – que, como muitos outros, por volta do século XVII, teria recebido uma sesmaria de dez léguas à margem do rio Gurgueia, hoje território piauiense, onde possuía cerca de cinquenta fazendas, conhecidas como “Fazendas de Sertão” (ANTONIO FILHO, 2011). Sobre a origem da palavra sertão, a própria Rachel, em texto que tece considerações sobre essa terra e a sua gente, escreve o seguinte:

A crença geral é que essa palavra parece que os portugueses a inventaram para definir o “Desertão” africano, por onde se aventuraram antes de se atirarem às navegações pelo oceano. Chegando mais tarde aqui, nesta parte da América, encontraram ambientes parecidos com os “de África” – estas nossas savanas e chapadões e a mata magra e branca, que todos os índios chamavam “caatinga”.

Tudo aqui lhes lembrava os desertões da África: não era nem a espessa e úmida floresta amazônica, nem as onduladas coxilhas do sul, nem as altas montanhas que começam na Serra do Mar.

Assim, o uso estabeleceu que sertão são estas terras ásperas do Nordeste, com a mata (ou o que restou dela) de pequeno porte; os verões são tórridos; no inverno chove apenas, em vez de fazer frio: é a estação da abundância, legume verde (milho e feijão), as piracemas subindo pelos riachos para desovar nos açudes, as marrecas e as outras aves de bando (também hoje diminuídas) chegando em gritaria das longes terras d'além (QUEIROZ, 1994/1995, p. 58, 59).

Muitos são os exemplos, históricos, geográficos e até mesmo literários, que buscam explicar a origem dessa palavra. Em todos os casos, o sertão é tido como uma região situada no interior do continente, não necessariamente semiárida ou desértica, mas sim despovoada. Para a Geografia, conforme Antônio Filho (2011), no Brasil o sertão corresponde, principalmente, à vasta zona interiorana que começou a ser desbravada ainda no século XVI, quando as fazendas de gado foram separadas das fazendas agrícolas, particularmente na região Nordeste. Isso não impede de hoje podermos falar do sertão de Goiás ou de Minas Gerais, também áreas interioranas, porém com características geográficas distintas daquelas do nordeste brasileiro, importando ao geógrafo ou a qualquer outro estudioso, a necessidade de sempre especificar à qual sertão está se referindo.

Disso tudo, fica claro que o sertão é multifacetado, tanto etimológica como geograficamente. Isso fica ainda mais evidente quando lemos os escritores brasileiros, os que a partir de suas histórias, (d)escrivem as vivências e experiências daqueles que, estando no interior do nosso país, parecem viver à revelia do Estado, instaurando a sua própria geografia e história. Esse é o caso, por exemplo, de Guimarães Rosa que desvela o mítico sertão de Minas Gerais em seu *Grande Sertão: Veredas*, o de Graciliano Ramos que apresenta a sequeidão geográfica e também social do sertão alagoano em *Vidas Secas* e, no nosso caso, o de Rachel de Queiroz que em *Memorial de Maria Moura*, seu último romance, publicado em 1992, revela o **sertão** do ponto de vista da **mulher**. Nessa obra, os diferentes personagens se constituem como protagonistas de seus próprios relatos, o que permite ao leitor ter diferentes versões dos fatos, mas é em torno de Maria Moura que a trama se desenvolve.

Maria Moura era a sinhazinha da fazenda Limoeiro, onde morava com sua mãe e seu padrasto, Liberato. Quando moça, vivia dentro das quatro paredes de casa. O curral era proibido, pois estava sempre cheio de homem. No máximo, ia ao quintal, dar milho às galinhas, ou ao roçado colher um maxixe, uma melancia ou umas vagens de feijão verde. Mais difícil ainda eram os passeios na vila, pois filha de fazendeiro não podia ir à festa de caboclo.

No entanto, tudo muda com a morte de sua mãe, pelo que Maria Moura culpa o seu padrasto. Depois de mandar matá-lo pelas mãos de Jardimino, um dos caboclos de sua fazenda, as terras de Limoeiro passam a ser suas. Motivo de briga com os seus primos, Tonho e Irineu, que também se achavam donos dessa fazenda. É a **luta pela terra** o principal mote para o início da saga de Maria Moura, como fica claro na passagem em que Marialva, também prima de Moura, ajuíza sobre a ganância de seus irmãos:

A verdade é que todo aquele nosso povo, tal como os meus irmãos e a minha cunhada [Firma, mulher de Tonho], só dá valor à terra, sobre tudo neste mundo. E não eram só os fazendeiros, mas os padres, as beatas, os comerciantes, o pessoal da rua e do mato: pra eles só vale a terra, acima de qualquer outro bem. Contava o Avô, imitando a fala do Marinheiro Belo, que gostava de discutir com ele:

“Para vocemecê e essa gente vossa, riqueza é só a terra. E nem se sabe direito para que a querem! Plantar, não plantam quase nada. Não cercam, não fazem benefício maior que a casa de taipa, o curral do algum gado, o chiqueiro das cabras [...]”.

[...]

“Na verdade, vocemecês só querem a terra *para possuir!* Para dizerem que são os donos!” (QUEIROZ, 2007, p. 93, grifo do autor).

Maria Moura tinha plena noção do valor de sua terra, do quanto ela era cobiçada, da importância de sua posse e também nutria uma grande afeição por seu lugar, o Limoeiro, como declara: “[...] esse meu desejo de ir embora não tem nada a ver com o meu amor pela casa e pela terra: aqui nasci e me criei” (QUEIROZ, 2007, p. 65). Contudo, encurralada pelos seus primos que estão em companhia de alguns capangas, Moura, juntamente com seus homens, decide colocar fogo na casa de sua fazenda e fugir. Dali iria agora conhecer o mundo, pelos caminhos do sertão, até chegar à Serra dos Padres, terra a qual pretende tomar de volta, pois fora de seu Avô:

– É tudo nosso – quero dizer, meu, herança do Avô e do Pai. Muita terra, boa de criação, de planta, de tudo. Madeira, então. Cada cedro que dois homens de mãos dadas não abarcam. E diz o povo mais antigo que lá tem botija de ouro enterrada pelos padres, faz quase cem anos. Isso eu não sei de certeza, mas dizem (QUEIROZ, 2007, p. 85).

É no âmbito dessa fuga que a transformação de Maria Moura se dá de maneira mais contundente. Primeiro, ela se veste com as roupas do seu falecido pai, o que facilita, entre outras coisas, a sua montaria, pois costumava andar “escanchada” feito homem. E logo depois, corta os seus longos cabelos. Atitudes que demonstram a sua força e impõem o seu poder na condução dos homens que comanda sertão adentro, entre roubos e posses de terra:

– Aqui não tem mulher nenhuma, tem só o chefe de vocês. Se eu disser que atire, vocês atiram; se eu disser que morra é pra morrer. Quem desobedecer paga caro. Tão caro e tão depressa que não vai ter tempo nem para se arrepender.

Não sei que é que tinha na minha voz, na minha cara, mas eles concordaram, sem parar pra pensar. Ai eu me levantei do chão, pedi a faca de João Rufo, amolada feita uma navalha – puxei o meu cabelo que me descia pelas costas feito numa trança grossa; encostei o lado cego da faca na minha nuca e, de mecha em mecha, fui cortando o cabelo na altura do pescoço (QUEIROZ, 2007, p. 86).

Quem melhor descreve a sua aparência definitiva é o padre José Maria (depois por Moura nomeado de Beato Romano) que ao chegar à Casa Forte, “fortificação” que Moura constrói na Serra dos Padres, observa: “Calçava botas de cano curto, trajava calças de homem, camisa de xadrez de manga arregaçada. O cabelo era aparado curto, junto ao ombro” (QUEIROZ, 2007, p. 14).

Ainda antes de chegar ao seu destino, Maria Moura e seu grupo se estabelecem em um local chamado Lagoa do Socorro, ocupado por um casal de quilombolas, Amaro e Libânia, que vivem ali com seus filhos. É nesse lugar que planejam os furtos e assaltos que irão fazer. Maneira de se sustentarem e de prepararem a retomada do pedaço da Serra dos Padres que lhes cabia, ou melhor, a parte que pertencia à Moura.

De certo modo, personagens como a citada Marialva indicam aquilo que Maria Moura não aceitou, de todo, ser. Como aponta Barbosa

(2011), o romance de Rachel revela uma época em que a mulheres eram subordinadas ao homem. A própria Marialva, inicialmente ainda se conservava solteira, porque seus irmãos não a deixavam casar, pois assim teriam que dividir as suas terras, a das Marias Pretas, com um herdeiro indesejado.

Diferente de Marialva, Moura traça o seu próprio destino. Deixa de ser uma sinhazinha e se transforma em uma Donzela-Guerreira, pensando: “Eu sentia (e sinto ainda) que não nasci pra coisa pequena. Quero ser gente. Quero falar com os grandes de igual para igual. Quero ter riqueza! A minha casa, o meu gado, as minhas terras largas. A minha cabroeira me garantindo (QUEIROZ, 2007, p. 127). Era também dona de seu corpo: inicia sua “vida amorosa” em uma relação incestuosa com seu padrasto e no decorrer da narrativa se relaciona com diferentes homens, assim o adultério parece ser um direito de Moura, principalmente, porque não era casada (LOBO, 2010).

De todo modo, a protagonista tinha o desejo de casar, de possuir uma propriedade e de nela construir uma casa: “Eu sonhava com um homem – não sei que homem eu queria, mas sabia que tinha que ser um homem” (QUEIROZ, 2007, p. 124). Talvez por isso, o encantamento derradeiro por Cirino, moço rico, louro e de olhos verdes por quem se apaixona perdidamente, como revela: “Ai, loucura, loucura de quem tem paixão. Quem quer bem e não tem segurança, só tem medo. É o que eu sabia, de certeza verdadeira, é que aquilo que me acontecia era mais forte do que eu. Nas mãos de Cirino eu não me governava” (QUEIROZ, 2007, p. 400).

Diante dessa paixão, Maria Moura sente-se confusa; pensa até mesmo em entregar tudo para Cirino, a casa, os homens, a fazenda, passando a ser, simplesmente, a sua mulher. Como explica Tamaru (2006, p. 150), mesmo as mais destemidas heroínas, aquelas que abdicam de suas fraquezas e invadem o mundo masculino, “[...] deixam-se dominar por seu lado mais feminino e, assim, se perdem inapelavelmente”. Mas Moura bem sabe que Cirino a conhecera assim e que se ela largasse os seus modos, perdendo o comando, ele logo abusaria dela e procuraria por outra. De fato,

ao final, Cirino mostra-se traidor e infiel e acaba, a mando de Maria Moura, sendo morto.

Em *Memorial de Maria Moura*, Rachel de Queiroz funda um **sertão feminino**. Mulher do/no sertão, pensada a partir de uma ótica diferente da masculina, que sempre a posiciona como frágil, necessitada de proteção (TAMARU, 2006). Visão de uma escritora que busca incorporar às personagens que imagina o ímpeto, a coragem e os caminhos que ela mesma gostaria de trilhar, como confessa: “Minhas mulheres são danadas, não são? Talvez seja ressentimento do que não sou e gostaria de ser” (CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA, 1997, p. 26).

REVELADA...

A GEOGRAFIA LITERÁRIA EM RACHEL DE QUEIROZ





[...] tem que se meter na pele de cada um dos seus personagens, encarnar neles, de certa forma ser eles – pois que você só conta para lhes dar vida, com a sua própria experiência (QUEIROZ, 2004a, p. 269-270).

Em nossa tese, entrelaçamos, a todo instante, a vida e a obra de Rachel de Queiroz, de modo a revelar a sua geografia literária. Nosso propósito foi o de vasculhar as espacialidades e geograficidades que lhe são imanentes, expressas nas vivências e experiências que teve no decorrer de sua vida e impressas nas linhas e entrelinhas de todas as suas obras.

Para isso, apresentamos a geografia pessoal da escritora cearense: pessoas, paisagens e lugares que compuseram a sua vida e serviram de inspiração para o que escreveu. Elucidamos, também, o quanto suas (con)vivências em lugares diversos fizeram de Rachel uma pessoa profundamente telúrica, dedicada a (d)escrever de modo apaixonado a sua terra e a sua gente. Naturalmente, toda a sua experiência pode ser lida, de forma imaginativa, em seus romances; obras em que Rachel (re)criou mapas e tramas, na busca de narrar o drama humano diante das exigências no/do mundo, como ela mesma declara, em conversa com Nery (2002, p. 106): “[...] a gente acaba pondo tudo o que é nosso lá... tudo acaba saindo transfigurado... mas está lá. A gente disfarça o mais que pode. [...] Sou nada mais que uma contadora de histórias de dramas humanos”.

Exatamente por isso, mais que regional, no estilo, mas também na linguagem, a literatura de Rachel é pessoal (SILVA, 2005; 2006). Ela conta de si e dos seus para os outros, a partir de dramas universais: o (des)encontro, a solidão, a paixão, a amizade, a viagem, o cotidiano e a mulher. Dramas que percorrem o Brasil, o Sertão, o Nordeste e o Ceará, mas que poderiam se passar em qualquer outro lugar do mundo. E, assim, a

escritora se mete na pele de cada um de seus personagens, sorrindo e sofrendo com eles. Atitude empática de pensar o outro a partir de sua própria experiência, como esclarece em entrevista à Aragão:

Olha, eu creio que em todos os meus personagens, homem, mulher, menino, cachorro, gato... eu só tenho a minha experiência. De forma que, se eu fosse gato, o que eu fazia? Se eu fosse uma moça... como é que eu fazia? Então, eu boto os meus pensamentos, as minhas reações... mas na verdade é porque eu só tenho a minha experiência. O autor só tem a experiência dele. A gente não... Como você reage? Não sei. Eu tenho que imaginar e me por no seu lugar. Quer dizer que a gente se põe no lugar do personagem (ARAGÃO, 2012, p. 72).

Ao lermos as obras de Rachel é difícil afirmar, portanto, o que foi vivido e o que foi imaginado por ela, porque materialidades e imaterialidades se fundem no mapa do mundo que a escritora sonha. A partir disso, podemos pensar que os destinos e as buscas de seus personagens traduzem em muito os seus próprios caminhos. Maneira de entendermos, por meio da vida e da obra da escritora, a condição humana, substancialmente geográfica, que permeia a nossa experiência. Os temas aos quais nos concentraremos a seguir nos ajudarão a alcançar esse entendimento.

Habitar em trânsito, geografia em movimento

Outro dia uma pessoa escreveu que os meus romances sempre acabam em trânsito. É verdade: no *Quinze*, eles vão tomar o navio; nas *Três Marias*, tem o trem e assim por diante (CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA, 1997, p. 38).

O trânsito é algo comum a qualquer ser humano. Somos seres, inevitavelmente, cinestésicos. Necessitamos de ir e vir, seja por trabalho ou por lazer ou mesmo para pensar um pouco na vida, em longas caminhadas sem destino certo. Por vezes, esse trânsito tem motivos mais profundos, é também transição: a autorrealização, a liberdade, o exílio, a fuga, a esperança, são temas que muitas vezes carregam consigo geografias itinerantes.

Ao nos deslocar, somos envolvidos por paisagens diversas e cruzamos os lugares mais variados. Experiência espacial que nos afeta direta

e indiretamente. Besse (2014), explica que quando nos movimentamos, mesmo na mais simples caminhada, interrogamos e experimentamos o mundo que nos cerca, colocando em questão os seus valores. Assim, (re)qualificamos não só o espaço, dando-lhe novas propriedades e intensidades, como também nos (re)qualificamos.

Trata-se, portanto, de uma geografia do movimento que, além de considerar o trânsito do habitar humano, sua procura por novos ambientes que, assim como o amor ao solo natal, também nos liga a Terra (DARDEL, 2011), compreende que nossas idas e vindas mundo afora, são experiências, ao mesmo tempo, exteriores e interiores. A vida e a obra de Rachel de Queiroz nos oferecem inúmeros exemplos dessa geografia fluida de movimentos e sentimentos.

Rachel, como bem vimos, conheceu e residiu em várias partes do Brasil: Ceará, São Paulo, Alagoas, Rio de Janeiro... A seca, a cadeia, a política, o colégio, o rio, a Ilha e o sertão, cada uma das imagens que exploramos no capítulo anterior, revelam um pouco da geografia que a escritora experienciou. É por meio dessas geografias que conhecemos e nos emocionamos com Vicente, Conceição, Chico Bento, João Miguel, Santa, Noemi, Roberto, Maria Augusta, Dôra, Mariano e Maria Moura. Personagens que nos parecem vivos, pois amam, sofrem, brigam, matam, viajam, traem, sonham, fogem.

Frente aos seus atos e afetos, todos os personagens se deslocam de um lugar a outro, mesmo quando o destino é incerto. É o caso de *João Miguel*, em romance de mesmo nome que, ao sair da prisão, depois de cerca de dois anos preso por matar um homem, se vê diante de um espaço, ainda que desejado, desconhecido, também o de Maria Augusta, de *As Três Marias* que, depois do enclausuramento do colégio onde estudou e de uma decepção amorosa, parte em aventura para o Rio de Janeiro, ou mesmo o de Maria Moura, de *Memorial de Maria Moura* que, após ser obrigada a fugir de sua fazenda em Limoeiro, parte em busca, sertão adentro, das terras que lhe pertencem, na Serra dos Padres. São metáforas da aventura humana à procura da liberdade, do amor, do lar e de si mesma.

Assim, todas as paisagens e lugares que Rachel nos apresenta, diante dos dramas humanos que os preenchem, são ressignificados. Afinal, como medita Onfray (2009, p. 109): “A busca de si termina no momento do último suspiro. Até à beira do túmulo, é preciso querer ainda e sempre a força, a vida, o movimento”.

De idas e vindas, o lar é o horizonte

Fala-se tanto em chegar em casa, mas saberás realmente o que é chegar em casa, irmão? (QUEIROZ, 1958c, p. 93).

Em crônica intitulada *Chegar em Casa*, publicada em setembro de 1948 e encontrada em seu livro *100 Crônicas Escolhidas*, Rachel pondera sobre o retorno à antiga casa que há muito não visitava. A casa é a mesma, está no mesmo lugar, mas tudo nela é diferente: tomada por poeira e por trepadeiras, também o açude, as laranjeiras, os cajueiros e os manguezais não são os mesmos. E a lembrança do que a casa era antes, a torna nova e desconhecida: “Iguais são só as aparências; a realidade essencial de tudo mudou completamente” (QUEIROZ, 1958c, p. 95). Casa velha que foi embora com a infância.

Iniciamos com essa crônica de Rachel, porque ela nos remete à Bachelard (2008, p. 26), à casa da infância que habita os corações de todos nós. Casa que visitamos em lembranças e sonhos: “a casa abriga o devaneio, a casa protege o sonhador, a casa permite sonhar em paz”. Rachel tinha para ela uma casa dessas, localizada na fazenda Não Me Deixes, onde se sentia feliz. Era para lá, como já dito, que a escritora ia passar boa parte do ano, no período de inverno, sob a proteção de seu alpendre, sua rede e seu açude: “o alpendre é o abrigo, a rede o repouso, o açude a garantia de água e vida” (QUEIROZ, 1958a, p. 67).

Assim como em sua vida, muito dos personagens que Rachel criou retornam à sua casa, ao seu lar. Não antes de empreenderem as mais diversas aventuras, o deslocamento pessoal, mas também geográfico que dá novos rumos e sentidos às suas vidas. As viagens que realizam, apesar das

distâncias, não suscitam um desligamento completo com a sua terra e a sua gente.

Em *O Quinze*, por exemplo, após as agruras trazidas pela seca, no final da narrativa, a chuva anuncia o retorno ao antigo lar, especialmente por parte de Dona Inácia, avó de Conceição, que não via a hora de voltar para Logradouro, a sua fazenda em Quixadá. Em *Dôra, Doralina*, frente às contrariedades que vive na fazenda onde reside, Dôra decide juntar-se a uma Companhia de Teatro que a levará para diversas partes do país. Isso não a impede, depois da morte de sua mãe, de voltar à fazenda onde havia morado, com o dever de assumir o que ela deixara. O mesmo pode-se inferir da travessia que Mariano, em *O Galo de Ouro*, realiza, a todo o momento, entre a cidade do Rio de Janeiro e a Ilha do Governador. Em princípio, ao lado de Percília, sua mulher, em busca de um lugar para morar na Ilha e, posteriormente, em definitivo, com Nazaré e depois ainda com Dona Loura, já diante das pequenas mudanças que estavam acontecendo naquele lugar.

Todos os personagens, notadamente, precisam deslocar-se, ir e voltar, por vezes morar por algum tempo em outros lugares, para estabelecerem um real reencontro com o lugar de onde saíram. Tanto mais porque, como manifesta Onfray (2009), o trânsito, o deslocamento, a viagem, é que dão sentido ao reencontro com o domicílio, e vice-versa. Ambos, personagens e lugares, foram remodelados, ressignificados frente às experiências do passado e apontam para novas possibilidades.

Por meio da prosa e da poética que envolveu toda a sua vida, Rachel nos legou inúmeros exemplos da experiência do ser humano no mundo. Testemunho de que, como afirma Dardel (2011), a Terra, sendo o advento do ser, o fundamento de toda a sua consciência e despertar, é aquilo sobre o qual ele erige todas as suas obras... entre elas, as literárias.

Finalizamos com um poema de Manuel Bandeira, grande amigo de Rachel, que, melhor do que ninguém, soube louvar a brasilidade-cearensidade dessa geográfica escritora:

Louvado para Rachel de Queiroz

Louvo o Padre, louvo o Filho,
o Espírito Santo louvo.
Louvo Rachel, minha amiga,
nata e flor do nosso povo.
Ninguém tão Brasil quanto ela.
pois que, com ser do Ceará,
tem de todos os Estados,
do Rio Grande ao Pará.
Tão Brasil: quero dizer
Brasil de toda maneira
- brasilica, brasiliense,
brasiliana, brasileira.
Louvo o Padre, louvo o Filho,
o Espírito Santo louvo.
Louvo Rachel, e louvada
uma vez, louvo-a de novo.
Louvo a sua inteligência,
e louvo o seu coração.
Qual maior? Sinceramente,
meus amigos, não sei não.

Louvo os seus olhos bonitos,
louvo a sua simpatia.
Louvo a sua voz nortista,
louvo o seu amor de tia.
Louvo o Padre, louvo o Filho,
o Espírito Santo louvo.
Louvo Rachel, duas vezes
louvada, e louvo-a de novo.
Louvo o seu romance: *O Quinze*
e os outros três; louvo *As Três Marias*
especialmente,
mais minhas que de vocês.
Louvo a cronista gostosa.
Louvo o seu teatro: *Lampião*
e a nossa *Beata Maria*.
Mas chega de louvação,
porque, por mais que a louvemos,
nunca a louvaremos bem.
Em nome do Pai, do Filho e
do Espírito Santo, amém.

Manuel Bandeira
(Estrela da Vida Inteira, 1966).

Referências

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 4ªed. São Paulo: Martins Fontes, 2000. 1014p.

ABREU, Maurício de. **Evolução Urbana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: IPLANRIO/ZAHAR, 1987. 147p.

AB'SABER, Aziz N. Os Sertões: a originalidade da Terra. **Revista Ciência Hoje**. Vol. 3 n° 18. Rio de Janeiro, p. 42-49, 1985.

AB'SABER, Aziz N. **Os domínios de natureza no Brasil**: potencialidades paisagísticas. 3ªed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005. 160p.

AB'SABER, Aziz N. **O que é ser geógrafo**: memórias profissionais de Aziz Ab'Saber em depoimento à Cynara Menezes. 2ªed. Rio de Janeiro: Record, 2009. 207p.

ACIOLI, Socorro. **A Casa dos Benjamins**. São Paulo: Editora Caramelo, 2005. 40p.

ACIOLI, Socorro. **Rachel de Queiroz**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007. 135p.

ACIOLI, Socorro. Das palavras sob as telhas da velha casa. In: COUTINHO, Fernanda (org.). **Rachel de Queiroz**: uma escrita no tempo. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2010. p. 169-182.

AGUIAR, Cláudio. Rachel de Queiroz, cronista. **Revista da Academia Cearense de Letras**. Fortaleza, v. 115, n. 71, p. 108-117, 2010.

AIRES, Durval. Rachel de Queiroz: "Venho ao Sertão para ser feliz". **O POVO**. Fortaleza, 15 mar. 1978. Disponível em: <<http://www.opovo.com.br/app/acervo/entrevistas/2014/03/05/noticiase-entrevistas,3197472/rachel-de-queiroz-veno-ao-sertao-para-ser-feliz.shtml>> Acesso em: 18 mar. 2014.

ALEXANDER, Neal. On literary geography. **Literary geographies**, v. 1, n. 1, p. 3-6, 2015.

ALVES, Ida F.; FEITOSA, Márcia M. M. (org.). **Literatura e paisagem**: perspectivas e diálogos. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2010. 224p.

ALVES, Ida F. et al. **Estudos de paisagem: literatura, viagens e turismo cultural.** Brasil – França – Portugal. Rio de Janeiro: Oficina Raquel 2014. 440p.

ALVES, Rubem. Quarta variação: culinária. In: _____. **Variações sobre o prazer:** Santo Agostinho, Nietzsche, Marx e Babette. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011. p. 133-170.

AMORIM FILHO, Oswaldo B. Literatura de explorações e aventuras: as “viagens extraordinárias” de Júlio Verne. In: MARANDOLA JR., Eduardo; GRATÃO, Lúcia H. B. (org.). **Geografia e Literatura:** ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação. Londrina: EDUEL, 2010. p. 79-97.

ANDREOTTI, Giuliana. O senso ético e estético da paisagem. **RA’EGA – O Espaço Geográfico em Análise.** Curitiba, v, 24, p. 5-17, mar. 2012.

ANTONIO FILHO, Fadel D. Sobre a palavra “sertão”: origens, significados e usos no Brasil (do ponto de vista da ciência geográfica). **Ciência Geográfica,** Bauru, ano 15, V. 15 (1), p. 84-87, 2011.

ARAGÃO, Claudene de O. **Rachel de Queiroz e Xosé Neira Vilas:** vidas feitas de terras e palavras. Fortaleza: Edições UFC, 2012. 242p.

AZEVEDO, Sânzio de. Rachel de Queiroz e a poesia. In: COUTINHO, Fernanda (org.). **Rachel de Queiroz:** uma escrita no tempo. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2010. p. 87-98.

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos:** ensaio sobre a imaginação da matéria. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2002. 202p.

BACHELARD, Gaston. **A terra e os devaneios do repouso:** ensaio sobre as imagens da intimidade. Trad. Paulo Neves. 2ªed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. 256p.

BACHELARD, Gaston. **A intuição do instante.** Trad. Antonio de Pádua Danesi. Campinas, SP: Verus Editora, 2007. 108p.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço.** Trad. Antonio de Pádua Danesi. 2ªed. São Paulo: Martins Fontes, 2008. 242p.

BARBOSA, Lourdinha L. **Protagonistas de Rachel:** caminhos e descaminhos. 2ªed. Fortaleza: SECULT/CE, 2011. 120p.

BARBOSA, Lourdinha L. Quixadá e a importância do sertão na vida e na obra de Rachel de Queiroz. In: BEZERRA, José A. et al (org.). **Um novo olhar sobre O Quinze de Rachel de Queiroz.** Fortaleza: Edições UFC, 2014. p. 43-54.

BARON, Christine. Littérature et géographie: lieux, espaces, paysages et écritures. **Fabula-LhT**, n° 8, Dossier Le partage des disciplines, mai 2011. Disponível em: <<http://www.fabula.org/lht/8/baron.html>>. Acesso em: 25 jan. 2015.

BARROS, Haidine da S. O Cariri cearense: o quadro agrário e a vida urbana. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 4, p. 549-592, out/dez, 1964.

BARROS, Manoel de. As lições de R. Q. In: _____. **Meu Quintal é maior do que o mundo (antologia)**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015. p. 102.

BARTHES, Roland. **Aula**. Trad. Leyla Perrone-Moisés. 9ªed. São Paulo: Cultrix, 2001. 89p.

BEHR, Miguel von. **Quixadá: terra dos monólitos**. São José dos Campos: Somos Editora, 2007. 303p.

BESSE, Jean-Marc. Entre geografia e paisagem, a fenomenologia. In: _____. **Ver a terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia**. Trad. Vladimir Bartalini. São Paulo: Perspectiva, 2006. p. 75-95.

BESSE, Jean-Marc. Geografia e existência: a partir da obra de Eric Dardel. In: DARDEL, Eric. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011. p. 111-139.

BESSE, Jean-Marc. As cinco portas da paisagem – ensaio de uma cartografia das problemáticas paisagísticas contemporâneas. In: _____. **O gosto do mundo: exercícios de paisagem**. Trad. Annie Cambe. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014. p. 11-66.

BEZERRA, Elvia. Nata e flor do nosso povo. In: QUEIROZ, Rachel de. **Mandacaru**. Organização Elvia Bezerra. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2010c. p. 9-55.

BOMFIM, Manoel. **Lições de pedagogia, teoria e prática da educação**. 2ªed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1920. 440p.

BORGES FILHO, Oziris; BARBOSA, Sidney (org.). **Poéticas do espaço literário**. São Carlos, SP: Editora Claraluz, 2009. 208p.

BOTELHO, Adriano. Geografia dos sabores: ensaio sobre a dinâmica da cozinha brasileira. **Textos do Brasil**, MRE – Brasília, p. 60 - 69, 01 dez. 2007.

BROSSEAU, Marc. Geografia e literatura. In: CORRÊA, Roberto L.; ROSENDAHL, Zeny (org.). **Literatura, música e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007. p. 17-77.

CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA. Rachel de Queiroz. São Paulo, **Instituto Moreira Salles**, n.4, set. de 1997. 129p.

CAPALBO, Creusa. **Fenomenologia e ciências humanas**. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2008.

CARVALHO, José M. de. **Rachel de Queiroz**: cadeira 5, ocupante 5. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2010. 68p.

CASCUDO, Luís da C. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 3ªed. Rio de Janeiro: Editora Tecnoprint S. A, 1972. 930p.

CASTRO, Cléia R. de A. **Patrimônio Urbano de Londrina**. 2007. 129f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociência e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 26 de outubro de 2007.

CEARÁ. Decreto nº 26.805, de 25 de outubro de 2002. Decreta Monumento Natural os Monólitos de Quixadá e adota outras providências. **Diário Oficial do Estado**, Poder Executivo, Ceará, 31 out. 2002. Ano V, nº 208, p. 3.

CEARÁ. Lei complementar nº 78, 26 de junho de 2009. Dispõe sobre a criação da região metropolitana do Cariri e dá outras providências. **Diário Oficial do Estado**, Poder Executivo, Ceará, 03 jul. 2009. Série 3, Ano I, nº 121, p. 1.

CLAVAL, Paul. As relações do homem com o meio: a mediação alimentar. In: _____. **A geografia cultural**. 4ªed. Trad. Luiz F. Pimenta; Margareth de C. A. Pimenta. 4ªed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2014. p. 261-292.

CODEVASF – Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco. **São Francisco**: o rio da unidade. 2ªed. Brasília: CODEVASF, 1978. 164p.

COLLOT, Michel. Rumo a uma geografia literária. **Gragoatá**, Niterói, n. 33, p. 17-31, 2º semestre, p. 17-31, 2012.

COLLOT, Michel. **Pour une géographie littéraire**. Éditions Corti, 2014. 275p.

COMPAGNON, Antoine. **Literatura para que?** Trad. Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. 73p.

CRAVIDÃO, Fernanda D.; MARQUES, Marco. Literatura e geografia: outras viagens, outros territórios. Emigrantes de Ferreira de Castro. **Caderno de Geografia**, Coimbra, n. 19, 2000, p. 23-27.

CUNHA, Cecília M. Iniciação literária de Rachel de Queiroz. In: COUTINHO, Fernanda (org.). **Rachel de Queiroz: uma escrita no tempo**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2010. p. 55-73.

CUNHA, Cecília M. **Vivências em retalhos**: um ensaio sobre as crônicas de Rachel de Queiroz nas páginas de O Cruzeiro. 2011. 373f. Tese (Doutorado em Literatura) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 31 de março de 2011.

CUNHA, Cecília M.; FIGUEIREDO, Madalena. Memória Encadernada. **Revista da Academia Cearense de Letras**. Fortaleza, v. 115, n. 71, p. 334-336, 2010.

DARDEL, Eric. **L'histoire, science du concret**. Paris: PUF, 1946. 141p.

DARDEL, Eric. **O homem e a Terra**: natureza da realidade geográfica. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011. 159p.

DUTRA, Rogéria C. de A. Cozinha e Identidade Nacional: notas sobre a culinária na formação da cultura brasileira segundo Gilberto Freyre e Luis da Câmara Cascudo. In: **Anais do Seminário Gastronomia em Gilberto Freyre**. Recife: Fundação Gilberto Freyre, p. 31-36, 2005.

FAHEINA, Rita C. Monólitos e serras do Ceará reconhecidos no exterior. **O POVO**, Fortaleza, 20 out. 2010. Disponível em: <<http://www.opovo.com.br/app/opovo/ceara/2010/10/20/noticiasjornalceara,2054492/monolitos-e-serras-do-ceara-reconhecidos-no-externio.shtml>> Acesso em: 23 abr. 2014.

FERREIRA, Agripina E. A. **Dicionário de imagens, símbolos, mitos, termos e conceitos bachelardianos**. Londrina: EDUEL, 2008. 220p.

FONTES, Lilian. **ABC de Rachel de Queiroz**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012. 223p.

FORTALEZA. Decreto nº 11.965, de 11 de janeiro de 2006. Dispõe sobre o Tombamento Histórico e Cultural da Casa de Rachel de Queiroz, na forma que indica. **Diário Oficial do Município**, Poder Executivo, Fortaleza, CE, 24 jan. 2006, p. 8.

FORTALEZA. Decreto nº 12.582, 15 de outubro de 2009. Dispõe sobre o Tombamento definitivo, Histórico e Cultural da Casa da Raquel de Queiroz. **Diário Oficial do Município**, Poder Executivo, Fortaleza, CE, 22 out. 2009. Ano LVII, nº 14.170, p. 1.

FORTALEZA. Decreto nº 13.292, de 14 de janeiro de 2014. Dispõe sobre a criação do Parque Linear Raquel de Queiroz. **Diário Oficial do Município**, Poder Executivo, Fortaleza, CE, 21 jan. 2014. Ano LXI, nº 15.204, p. 30.

FUENTES, Carlos. **Geografia do romance**. Trad. Carlos Nougué. Rio de Janeiro: Rocco, 2007. 191p.

GRATÃO, Lúcia H. B. Sabor e paisagem – o que revela o pequi nesta imbricação de ser e essência cultural. **Geograficidade**, Niterói, v. 4, número especial, p. 4-15, Outono 2014.

GRATÃO, Lúcia H. B.; MARANDOLA JR., Eduardo. Sabor da, na e para Geografia. **Geosul**, Florianópolis, v. 26, n. 51, p. 59-74, jan./jun. 2011.

GUERRA, Antônio T. **Dicionário Geológico-Geomorfológico**. 2ªed. Rio de Janeiro: IBGE, 1966. 446p.

HEIDEGGER, Martin. Construir, habitar, pensar. In: _____. **Ensaio e conferências**. Trad. Márcia Sá Cavalcante Schuback. 5ªed. Petrópolis: Vozes – Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2008. p. 125-141.

HOLLANDA, Heloisa B. de. O *éthos* Rachel. In: CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA. Rachel de Queiroz. São Paulo, **Instituto Moreira Salles**, n.4, set. de 1997. p. 103-115.

HOLZER, Werther. **A Geografia Humanista** - sua trajetória de 1950 a 1990. 1992. 2V. 550 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1992.

HOLZER, Werther. A geografia fenomenológica de Eric Dardel. In: DARDEL, Eric. **O homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011. p. 141-153.

HOYAUX, André-Frédéric. Phénoménologie et géographie. **HAL: archives ouvertes**, p. 1-3, 2009. Disponível em: <<https://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-00380150/document>>. Acesso em: 31 jan. 2015.

IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. **Portaria nº 37-N, de 16 de abril de 1999**. Disponível em: <http://sistemas.icmbio.gov.br/site_media/portarias/2010/05/12/CE_RPP_N_fAZENDA_%C3%91_ME_Deixes.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2014.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – 4ª Superintendência Regional do IPHAN (CE/RN). **Estudo para Tombamento Federal do Conjunto de Inselbergs de Quixadá – CE**. Fortaleza: IPHAN, 2001.

JACINTO, Rui. (D)escrever a Terra: geografia, literatura, viagem. A geografia de Portugal segundo José Saramago. **Geographia**, Niterói, v, 17, n. 33, p. 9-41, 2015.

KOESTLER, Arthur. **A visão que liga o poeta, o pintor e o cientista**. Trad. Eizirick M. Faced. UFRGS, 1992, mimeo.

LÉVY, Bertrand. "Humanistic Geography" ou le pari humaniste de la géographie anglo-saxonne. **L'Espace Géographique**, tome 10, n. 4, p. 301-304, 1981.

LÉVY, Bertrand. **Géographie humaniste et littérature: l'espace existentiel dans la vie et l'oeuvre de Herman Hesse (1877-1962)**. Thèse, Faculté de Sciences Économiques et Sociales de l'Université de Genève, 1987.

LÉVY, Bertrand. **Hermann Hesse: une géographie existentielle**. Jose Corti, 1992. 278p.

LÉVY, Bertrand. Géographie culturelle, géographie humaniste et littérature: position épistémologique et méthodologique. **Géographie et Cultures**, n. 21, printemps, p. 27-44, 1997.

LIRA, José L. **No alpendre com Rachel: ensaio biográfico de Rachel de Queiroz**. Fortaleza: Academia Fortalezense de Letras/Editora Cidadania, 2003. 178p.

LOBO, Luiza. O oral e o popular em Memorial de Maria Moura, de Rachel de Queiroz. In: COUTINHO, Fernanda (org.). **Rachel de Queiroz: uma escrita no tempo**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2010. p. 101-120.

MAFFESOLI, Michel. **Elogio da razão sensível**. 3ªed. Trad. Albert Christophe Migueis Stuckenbruck. Petrópolis, RJ : Vozes, 1998. 208p.

MARANDOLA, Janaina de A. M. e S. **Caminhos de morte e de vida: o geográfico e o telúrico no rio Severino de João Cabral de Melo Neto**. Londrina: EDUEL, 2011. 157p.

MARANDOLA JR., Eduardo. Geosofia e humanismo: do conhecimento geográfico à geografia do conhecimento. In: KATUTA, Ângela M.; SILVA, William R. da (org.) **O Brasil frente aos arranjos espaciais do século XXI**. Londrina: Humanidades, 2007. p. 269-298.

MARANDOLA JR., Eduardo. Geograficidades vigentes pela literatura. In: SILVA, Maria A. da; SILVA, Harlan R. F. da (org.). **Geografia, Literatura e Arte: reflexões**. Salvador: Edufba, 2010. p. 21-32.

MARANDOLA JR., Eduardo. Lugar enquanto circunstancialidade. In: MARANDOLA JR., Eduardo et al (org.). **Qual o espaço do lugar?:** geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 227-247

MARANDOLA JR., Eduardo. **Um sentido fenomenológico de paisagem:** o sentir em mistura do ser-lançado-no-mundo. Texto-base da conferência proferida no “Seminário Internacional Questões Contemporâneas sobre Paisagem”, realizado dias 9 e 10 de Abril de 2014a, na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

MARANDOLA JR., Eduardo. Viagens por paisagens: experiências do sentir e do querer. In: ALVES, Ida et al (org.). **Estudos de paisagem:** literatura, viagens e turismo cultural. 2014b. p. 53-63.

MARANDOLA JR., Eduardo; OLIVEIRA, Livia de. Geograficidade e espacialidade na literatura. **GEOGRAFIA**, Rio Claro, v. 34, n. 3, p. 487-508, set./dez. 2009.

MARANDOLA JR., Eduardo; GRATÃO, Lúcia H. B. (org.). **Geografia e Literatura:** ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação. Londrina: EDUEL, 2010. 354p.

MEINIG, Donald W. Geography as an art. **Transactions of the Institute of British Geographers**, v. 8, n. 3, p. 314-328, 1983.

MELO JÚNIOR, Maurício. A seca doçura inaugural de O Quinze. In: QUEIROZ, Rachel de. **O Quinze**. Ed. fac-similar. Brasília: Senado Federal, 2008. p. IX-XIV.

MENDES. Eluziane G. **História da formação do pensamento geográfico cearense:** entre o saber, o conhecimento científico e a docência (1887-1947). 2012. 364f. Tese (Doutorado em Educação Brasileira) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

MIRANDA, Ana. A flor da palavra. In: QUEIROZ, Rachel de. **Serenata**. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2010a. p. 5-10.

MIRANDA, Ana. Rachel e a natureza compatível. **O POVO** – Colunas. Fortaleza, 20 abr. 2010b. Disponível em: <http://jornalggn.com.br/blog/luisnassif/jovens-do-passado-rachel-de-queiroz> Acesso em: 31 mar. 2015.

MIRANDA, Ana. A geografia pessoal. **O POVO** – Colunas. Fortaleza, 05 mai. 2012. Disponível em: <http://www.opovo.com.br/app/colunas/anamiranda/2012/05/05/noticiasanamiranda,2832923/a-geografia-pessoal.shtml> Acesso em: 10 mar. 2014.

MONBEIG, Pierre. Literatura e Geografia. In: _____. **Ensaio de Geografia Humana Brasileira**. São Paulo: Livraria Martins, 1940. p. 222-229.

MONTANARI, Massimo. **Comida como cultura**. Trad. Leticia Martins de Andrade. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2008. 208p.

MONTEIRO, Carlos A. de F. Travessias da crise (tendências atuais na Geografia). **Revista Brasileira de Geografia**, nº50 – Número Especial – Tomo 02. Rio de Janeiro, Fundação IBGE, p. 127-150, 1988.

MONTEIRO, Carlos A. de F. **O mapa e a trama: ensaios sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2002. 242p.

MONTENEGRO, Abelardo. **O romance cearense**. Fortaleza: Tipografia Royal, 1953. 128p.

MONTENEGRO, Tércia. Assim nasce uma escritora. **Letra: O POVO – Especial 100 anos Rachel de Queiroz**, Fortaleza, p. 44-45, 2010.

MORAES, Jorge L. M. **Espacialidade e condição feminina: estudo de confinamentos e deslocamentos**. 2013. 249f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

MOTA, Mauro. **Geografia literária**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1961. 197p.

NERY, Hermes R. **Presença de Rachel: conversas informais com a escritora Rachel de Queiroz**. Ribeirão Preto, SP: FUNPEC-Editora, 2002. 258p.

NEVES, Frederico de C. A seca na história do Ceará. In: SOUZA, Simone de. **Uma nova história do Ceará**. 4ªed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007. p. 76-102.

NETTO, Marcos M. **A geografia do queijo minas artesanal**. Belo Horizonte, MG: Edição do autor, 2014. 429p.

NISKIER, Arnaldo. **Prefácio**. In: QUEIROZ, Rachel de; QUEIROZ, Maria L. de. **O nosso Ceará**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1996. p. 5.

NOGUÉ, Joan. Emoción, lugar y paisaje. In: LUNA, Antoni; VALVERDE, Isabel (dir.). **Teoría y paisaje II: paisaje y emoción. El resurgir de las geografías emocionales**, 2015. 137-148.

OFÍCIO s.n/96. In: **Processo Nº 1.377-T-96**, IPHAN/DID/ARQUIVO/RJ. Conjunto Paisagístico Constituído por Formações Geomorfológicas em Monólito, conhecido como Serrotes, p.02.

ONFRAY, Michel. **Teoria da viagem**: poética da geografia. Trad. Paulo Neves. Porto Alegre, RS: L&PM, 2009. 112p.

OLIVA, Terezinha A. de. **O Pensamento Geográfico em Manoel Bomfim**. 1998. 189f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociência e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 1998.

OLIVEIRA, Livia de. Sertão rosiano: percepção, cognição e afetividade geográfica. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 5, n. 10, p. 234-242, 1º sem. 2002.

OLIVEIRA, Livia de. O sentido de lugar. In: MARANDOLA JR., Eduardo et al (org.). **Qual o espaço do lugar?**: geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012a. p. 3-16.

OLIVEIRA, Livia de. Introdução: o estudo do sabor pela geografia. **Geograficidade**, Niterói, v. 2, n. 1, p. 27-29, Verão 2012b.

POCOCK, Douglas (ed.). **Humanistic Geography and Literature**: essays on the experience of place. London: Croon Holm Ltda., 1981. 224p.

PONTE, Sebastião R. A *Belle Époque* em Fortaleza: remodelação e controle. In: SOUZA, Simone de. **Uma nova história do Ceará**. 4ªed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007. p. 162-191.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FORTALEZA. **Instrução de Tombamento Municipal da Casa de Rachel de Queiroz**. Fortaleza, 2007.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FORTALEZA. **Processo de Tombamento nº17** – Casa Rachel de Queiroz – Parecer. Fortaleza, 2009.

PRINCE, Hugh C. The geographical imagination. **Landscape**, v. 11, n. 1, p. 22-25, 1961.

QUEIROZ, Rachel de. **Geographia** [manuscrito], 1922. 88p.

QUEIROZ, Rachel de. História de um nome. **O Ceará**. Fortaleza, 31 jul. 1927.

QUEIROZ, Rachel de. S. Francisco do Canindé. **O POVO**, Fortaleza, 07 de abril de 1929, Maracajá: folha modernista do Ceará. Número 1.

QUEIROZ, Rachel de. Crônica n. 1. **O Cruzeiro**, 1945. Coluna “Última Página”. Disponível em: <http://www.releituras.com/racheldequeiroz_cronica1.asp> Acesso: em: 16 abr. 2015.

QUEIROZ, Rachel de. Um apendice, uma rede, um açude. In: _____. **100 crônicas escolhidas**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1958a. p. 67-69.

QUEIROZ, Rachel de. Memórias. In: _____. **100 crônicas escolhidas**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1958b. p. 169-172.

QUEIROZ, Rachel de. Chegar em casa. In: _____. **100 crônicas escolhidas**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1958c. p. 93-95.

QUEIROZ, Rachel de. Como foi escrito “O Quinze”. **Revista da Academia Cearense de Letras**. Fortaleza, ano LXXVII, n. 37, p. 59-62, 1976.

QUEIROZ, Rachel de. **As Três Marias**. 9ªed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979. 156p.

QUEIROZ, Rachel de. **O Galo de Ouro**. 2ªed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986. 225p.

QUEIROZ, Rachel de. As terras ásperas. In: _____. **As terras ásperas**. 2ªed. São Paulo: Siciliano, 1993a. p. 200-205.

QUEIROZ, Rachel de. Terra no sangue. In: _____. **As terras ásperas**. 2ªed. São Paulo: Siciliano, 1993b. p. 19-20.

QUEIROZ, Rachel de. J. O: o mais brasileiro dos paulistas. In: _____. **As terras ásperas**. 2ªed. São Paulo: Siciliano, 1993c. p. 59-60.

QUEIROZ, Rachel de. Um Parque Nacional dos Serrotes do Quixadá. In: _____. **As terras ásperas**. 2ªed. São Paulo: Siciliano, 1993d. p. 192-193.

QUEIROZ, Rachel de. Diálogo das grandezas da Ilha do Governador. In: _____. **A Donzela e a Moura Torta**. São Paulo: Siciliano, 1994a. p. 116-119.

QUEIROZ, Rachel de. Olhos míopes. In: _____. **A Donzela e a Moura Torta**. São Paulo: Siciliano, 1994b. p. 130-132.

QUEIROZ, Rachel de. Guaramiranga. In: _____. **A Donzela e a Moura Torta**. São Paulo: Siciliano, 1994c. p. 176-179.

QUEIROZ, Rachel de. O Padre Cícero Romão Batista. In: _____. **A Donzela e a Moura Torta**. São Paulo: Siciliano, 1994d. p. 30-35.

QUEIROZ, Rachel de. **João Miguel**. 10ªed. São Paulo: Siciliano, 1994e. 130p.

QUEIROZ, Rachel de. O Velho Chico. In: _____. **A Donzela e a Moura Torta**. São Paulo: Siciliano, 1994f. p. 9-13.

QUEIROZ, Rachel de. Sertão, sertanejos. In: MONTEIRO, Salvador; KAZ, Leonel. (coord.). **Caatinga: sertão sertanejos**. Rio de Janeiro: Editora Alumbramento/Livroarte Editora, 1994/1995. p. 57-63.

QUEIROZ, Rachel de. Pici. In: _____. **O homem e o tempo**. 2ªed. São Paulo: Siciliano, 1995a. p. 75-76.

QUEIROZ, Rachel de. Os passarinhos. In: _____. **O homem e o tempo**. 2ªed. São Paulo: Siciliano, 1995b. p. 66-68.

QUEIROZ, Rachel de. Sertaneja. In: _____. **O homem e o tempo**. 2ªed. São Paulo: Siciliano, 1995c. p. 96-98.

QUEIROZ, Rachel de. Verão. In: _____. **O homem e o tempo**. 2ªed. São Paulo: Siciliano, 1995d. p. 82-84.

QUEIROZ, Rachel de. **O Quinze**. 62ªed. São Paulo: Siciliano, 1997. 150p.

QUEIROZ, Rachel de. Livro de Rachel. In: **Colégio da Imaculada Conceição: do Gênese ao Apocalipse**. Fortaleza: Tipogressos, 1999. p. 163-165.

QUEIROZ, Rachel de. Os pássaros. **O POVO**, Fortaleza, 30 set. 2000.

QUEIROZ, Rachel de. **Dôra, Doralina**. 16ªed. São Paulo: Siciliano, 2001. 247p.

QUEIROZ, Rachel de. O nosso humilde ofício de escrever. In: _____. **Rachel de Queiroz** – seleção e prefácio Heloisa Buarque de Holanda (Coleção melhores crônicas). São Paulo: Global, 2004a. p. 268-270.

QUEIROZ, Rachel de. **O Não Me Deixes**: suas histórias e sua cozinha. 2ªed. São Paulo: ARX, 2004b. 112p.

QUEIROZ, Rachel de. **Caminho de Pedras**. 12ªed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004c. 156p.

QUEIROZ, Rachel de. **Memorial de Maria Moura**. 19ªed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007. 493p.

QUEIROZ, Rachel de. Tamanho do mundo. In: _____. **A lua de Londres**: coletânea de crônicas. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2010a. p. 191-193.

QUEIROZ, Rachel de. Morreu irmã Simas. In: _____. **Do Nordeste ao infinito**: coletânea de crônicas. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2010b. p. 55-59.

QUEIROZ, Rachel de. Cedro. In: _____. **Mandacaru**. Organização Elvia Bezerra. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2010c. p. 104-109.

QUEIROZ, Rachel de. Home. In: _____. **Serenata**. Organização Ana Miranda. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2010d. p. 20-22.

QUEIROZ, Rachel de. Frugalidade. In: _____. **Do Nordeste ao infinito**: coletânea de crônicas. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2010e. p. 82-84.

QUEIROZ, Rachel de. Meu padrinho. In: _____. **Mandacaru**. Organização Elvia Bezerra. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2010f. p. 116-121.

QUEIROZ, Rachel de. Verão. In: _____. **Serenata**. Organização Ana Miranda. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2010g. p. 57-59.

QUEIROZ, Rachel de. O êxodo. In: _____. **Mandacaru**. Organização Elvia Bezerra. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2010h. p. 83-89.

QUEIROZ, Rachel de; QUEIROZ, Maria L. de. **O nosso Ceará**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1996. 132p.

QUEIROZ, Rachel de; QUEIROZ, Maria L. de. **Tantos anos**. 3ªed. São Paulo: Siciliano, 1998. 256p.

RELPH, Edward. **Place and placelessness**. London: Pion, 1976. 156p.

RELPH, Edward. As bases fenomenológicas da Geografia. **Geografia**, Rio Claro, v.4, n.7, p.1-25, abr. 1979.

RELPH, Edward. As reflexões sobre a emergência, aspectos e essência do lugar. In: MARANDOLA JR., Eduardo et al (org.). **Qual o espaço do lugar?:** geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 17-32.

SACRAMENTO, Adriana. Sobre a genealogia das receitas em O Não Me Deixes, de Rachel de Queiroz. **Diadorim**, Rio de Janeiro, v. 7, p. 11-24, 2010.

SALEK, Flávio de Q. A cozinha de minha avó. In: QUEIROZ, Rachel de. **O Não Me Deixes**: suas histórias e sua cozinha. 2ªed. São Paulo: ARX, 2004. p. 5-9.

SANTOS, Anabela A. C. e; SOUZA, Marilene P. R. de. Cadernos escolares: como e o que se registra no contexto escolar. **Psicologia Escolar e Educacional**, Campinas, v. 9, n.2, p. 291-302, 2005.

SEEMANN, Jörn. Entre mapas e narrativas: reflexões sobre as cartografias da literatura, a literatura da cartografia e a ordem das coisas. **RA'E GA**, v. 30, p. 85-105, abril/2014.

SEGISMUNDO, Fernando. Literatura e Geografia. **Boletim Geográfico**, ano 7, n. 76, p. 327-332, jul. 1949.

SILVA, Cristina M. da. **Entre exílios, veredas e aventuras**: o romance da vida social em Rachel de Queiroz. 2005. 197p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2005.

SILVA, Cristina M. da. A biografia romanceada de Rachel de Queiroz. **Comunidade Virtual de Antropologia**, v. 31, p. 1-15, 2006.

SILVA, José B. da et al. **Atlas Escolar, Ceará**: espaço geo-histórico e cultural. 2ªed. João Pessoa: Grafset, 2004. 200p.

SILVA, Wilson D. da. **O Velho Chico**: sua vida, suas lendas e sua história. Brasília: CODEVASF, 1985. 240p.

SILVA, Maria A. da; SILVA, Harlan R. F. da (org.). **Geografia, Literatura e Arte**: reflexões. Salvador: Edufba, 2010. 198p.

SOUSA, Samuel A. M. de. **Avaliação de implementação de uma unidade de proteção integral**: o caso do Monumento Natural dos Monólitos de Quixadá – CE. 2010. 130f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Centro de Ciência e Tecnologia, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2010.

SOUZA, Simone de. Da “Revolução de 30” ao Estado Novo. In: SOUZA, Simone de. **Uma nova história do Ceará**. 4ªed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007. p. 287-316.

STEEN, Edla van. Rachel de Queiroz. In: _____. (org.). **Viver & Escrever**. Porto Alegre: L&PM, v. 1, 1981. p. 179-193.

TAMARU, Angela H. **A construção literária da mulher nordestina em Rachel de Queiroz**. São Paulo: Scortecci, 2006. 273p.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. 3ªed. Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010. 96p.

TUAN, Yi-Fu. Literature and Geography: implications for geographical research. In: LEY, David; SAMUELS, Marwyn. (ed.). **Humanistic Geography**: prospects and problems. Chicago: Maaroufa Press, 1978. p. 194-206.

TUAN, Yi-Fu. Geografia humanística. In: CHRISTOFOLETTI, Antônio. (org.). **Perspectivas da Geografia**. 2ªed. São Paulo: DIFEL, 1985. p. 143-164.

TUAN, Yi-Fu. Realism and fantasy in art, history, and geography. **Annals of the Association of American Geographers**, v. 80, n. 3, p. 435-446, 1990.

TUAN, Yi-Fu. A view of geography. **Geographical Review**, v. 81, n. 1, p. 99-107, 1991.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Trad. Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012. 342p.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Trad. Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013. 248p.

VIERNE, Simone. Ligações tempestuosas: a ciência e a literatura. In: CORBOZ, André et al (org.). **A ciência e o imaginário**. Trad. Ivo Martinazzo. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994. p. 79-95.

VILLA, Marco A. **Vida e morte no sertão**: história das secas no Nordeste nos séculos XIX e XX. São Paulo: Editora Ática, 2000. 270p.

WANDERLEY, Vernaide M. de A. **A Pedra do Reino**: sertão vivido de Ariano Suassuna. 1997. 173f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociência e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 1997.

WRIGHT, John K. Terrae incognitae: o lugar da imaginação na Geografia. **Geograficidade**, Niterói, v. 4, n. 2, p. 4-18, Inverno 2014.